

S. Alberto de Aguiar Correa

ESTADO DO AMAZONAS

DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA

PROGRAMMAS

DO

Ensino Primario

Adoptados pelo Conselho Superior
de Instrução Publica em 7 de Fevereiro
de 1930.



MANÁOS
IMPrensa PUBLICA

1930

I. G. H. A.
PROTOCOLO

Entrada nº 185 - 1

Data

12, 07, 1989

Elizabeth G. Santos
FUNÇÃOÁRIO(A)

do presado cm.º e Collega
ESTADO DO AMAZONAS

Dr. Alberto de Aquino Corrêa

DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA

com o velho apreço e estima
do

PROGRAMMAS

e *Lequel Mittercourb*
DO

MANAOS, 19-5-1930.

Ensino Primario

Adoptados pelo Conselho Superior
de Instrução Publica em 7 de Fevereiro
de 1930.

AM
372.92113
A489.P



MANAOS
—
IMPRESA PUBLICA

1930

Introdução aos Programmas do ensino primario para 1930

CAPITULO I

Pontos de vista da escola actual

"Cada época organizará a educação da juventude segundo as suas necessidades".

Gurlitt.

A' evolução social, em cada logar da terra, pela tendencia de um aperfeiçoamento maior, na ancia de tornar a vida mais confortavel e feliz, correspondem novos processos de ensino a caracterizar os periodos historicos, em que o progresso e a victoria da cultura se vão manifestando.

Vale afirmar que exitos successivos, na realização de um ideal commum, modificam, esclarecendo e facilitando, as maneiras de agir do espirito creador. As gerações que surgem, influenciadas na trama de principios constantemente renovados, assignalam-se por um gráo de mentalidade mais elevada e impulsiva que as precedentes. Sociedade alguma pode, hoje, viver isolada.

As relações de commercio, as necessidades industriaes, desenvolvidas pelos transportes commodos, rapidos e baratos, ampliaram o convivio da humanidade, modificaram habitos sedentarios, formularam novas bases para o direito internacional, augmentando a sympathia e a confiança entre todos os povos.

As invenções, os aperfeiçoamentos constantes, a evolução scientifica, assegurando maiores prestigios a todas as artes, teriam de crear, como crearam, um sentido novo, uma grande elevação na mentalidade dessa gente.

Jamais foi tão eloquente o lemma positivista: "O homem se agita e a Humanidade o conduz".

Ficaria na rotina e, consequentemente, relegado ao desapparecimento, quem não se integrasse no surto dessa evolução, que tem em si o sentido do enigma da Esphinge: "si não me decifras, devoro-te".

R19-671
28.11.2001

No mundo inteiro, maxime depois da Grande Guerra, renovou-se a maneira de viver, adoptou-se uma outra orientação para a actividade mental. E' por isso que Nelson de Senna declara: "Ninguem pode pretender ensinar e educar as gerações novas, nascidas e criadas sob outra ambiência de ideias, de costumes e habitos, pelos mesmos processos de há vinte annos atrás".

A escola do passado foi magnifica, opportuna, satisfactoria para a época em que floresceu. Hoje, é planta cuja seiva se extinguiu, incapaz de fructificar. Está apenas na historia da Pedagogia, dando lugar á escola activa, na qual a criança, mais em contacto com as realidades da vida, prepara seu animo, disciplina sua vontade, enriquece a intelligencia de conhecimento mais aproveitaveis, robustece seus musculos, torna mais agil e efficiente sua actuação, etc.

A didactica funda-se na Psychologia Experimental, porque a criança é um problema bastante serio e complexo. Não tem grande importancia, senão material, o erro do artista inexperiente que facetou, sem pericia, a pedra preciosa que lhe confiaram. O professor, lapidario de espiritos e corações, é um criminoso se estraga a obra mais delicada que existe: o preparo completo do individuo para ser um valor, de capacidade e de trabalho, no meio a que se destina.

O docente que se deixar arrastar pelas enunciados de um programma, sem dar ás suas lições a amplitude ou as restricções necessarias e proporcionaes ao crescimento physico ou mental dos seus alumnos, está fóra do seu tempo; ficou para traz. O ensino é como a medicina: occasional e para cada organismo.

Nos programmas escolares, encontra-se a orientação didactica de cada disciplina. Mas, não está patente a dosagem de cada lição, tomada á medida do desenvolvimento infantil. Compete isto á intelligencia de quem ensina. Daí, a necessidade dos "tests", para a conveniente divisão e subdivisão de uma classe.

A escola activa, fundada no methodo Decroly e universalizada hoje nos paizes mais adiantados do Novo e do Velho Mundo, quer que o estudante "aprenda fazendo e vendo fazer", para cujo fim deve observar, reflectir e executar. Esse preceito pedagogico gerou os centros de interesses, para despertar o estimulo, o espirito de co-operação e a responsabilidade na fectura da obra collectiva. Com que orgulho e desvanecimento os escolares, mostrando um seu trabalho concluido, dizem aos demais: "Isto, fomos nós que fizemos".

A escola activa cria simultaneamente a personalidade do estudante, pela consciencia da sua actuação na classe, e o sentido do collectivismo democratico, nessa especie de republica em que todas

as camadas se nivelam, pelo desapparecimento das hierarchia sociais.

Não se distinguem, nos bancos escolares, nobres e plebeus. Só existe a nobreza que nasce do trabalho, da intelligencia e da conducta.

A escola actual, moldada para o instante que atravessamos, é uma reacção á passividade, á lethargia de outr'ora, quando o ensino era todo livre-seco, automatico. O dynamismo do pensamento, cogitando para achar ou para resolver, venceu a estatica do preconceito scientifico. A expressão *magister dixit* não mais deve ser tomada com o sentido absoluto, sentencioso, do seculo passado. O estudante, a quem se dá a mais ampla liberdade de indagação, quer saber o porque das cousas. E o mestre não tolherá esse avanço da sua aprendizagem, embora se invertam os papéis, de quem ensina e de quem é ensinado, na applicação do velho methodo socratico.

A escola de hoje propõe-se preparar crianças que estejam, amanhã, em condições de servir, com proveito, a sociedade de que são elementos em formação.

"Nesta época de invenções, de conquistas e de aproveitamento de energias, os ideaes da vida do homem estão fortemente imbuidos de preocupações de se integrar neste complicado mundo, que nos apresenta uma infinidade de problemas praticos a resolver, em quanto damos o primeiro passo. Os ideaes da educação são os ideaes da vida". (José Mallart, "La escuela del trabajo", 1928, pag. 7).

O ensino, antes de tudo, precisa ser utilitario. Reduzam-se as nomenclaturas ao minimo e o conhecimento dos factos ao maximo. Aprenda-se em contacto com o objecto ou á vista do phenomeno que se deseja conhecer.

Na escola em apreço, observa-se a tendencia professional de cada estudante, afim de encaminhal-o no rumo do pendor que manifesta, permitindo que se detenha, de preferencia, no genero de actividade escolar de sua predilecção. Como os programmas de que fallamos, os horarios não podem ser tomados ao pé da letra, desde que se faz mister deixar a criança entregue aos seus afazeres, por maior ou menor tempo, quanto basté á satisfação da sua vontade ou á energia dos seus esforços.

Na escola activa, nada deve ser "pesado, medido e contado", por quanto, em cada individuo que aprende, ha a consideração dos factores physio-psychologicos, de que a vontade é manifestação positiva. Quer-se, no alumno, o habito do trabalho, a iniciativa, o interesse pela realização.

Caminha-se para a implantação definitiva do ensino profissio-

nal, nessas escolas que se transformam em officinas, como acontece hoje em quasi todas espalhadas na Allemanha, Austria, França, etc.

O ensino primario não deixará de processar-se nesse estalão da conveniencia do mundo contemporaneo. Tem razão Gurlitt quando affirma: "Cada época organizará a educação da juventude segundo suas necessidades. A educação, como todo o phenomeno da vida, está sujeito ás leis da evolução" ("La Educación Natural", trad. de Fastino Ballvé).

Ponderar-se-á que as nossas escolas não se acham aparelhadas para executar um ensino pratico, fundamentalmente objectivo, verdadeiras escolas da vida, nos typos das modernas casas de ensino italianas de que nos falla Concepcion S. Amor ("Las escuelas nuevas italianas", 1928). Mas, o caso não é tanto de material, que não deixa de possuir sua importancia.

O professor, em nossas escolas, para dar á mentalidade dos alumnos a directriz que o trabalho e a competencia exigem, não carece de grandes gabinetes de geographia, physica, chimica e historia natural. Não ha museu ou gabinete mais variado que o sólo, a região que nos cerca, com a riqueza inegualavel dos seus specimens, com a abundancia prodigiosa dos seus phenomenos naturaes. Desperte-se na criança a curiosidade de conhecer o meio natural e social em que vive, com o interesse de aproveitá-lo e servil-o; enriqueça-se sua intelligencia com ensinamentos utilizaveis e que lhe dê facilidades na comprehensão das cousas e dos factos; desperte-se-lhe o amor das iniciativas e o empenho das realizações, pela constancia da obra em execução; lance-se, na sua dignidade, o zelo dos sentimentos mais elevados, pela Patria, pela sociedade, pela familia e pelo cumprimento exacto dos seus deveres; dê-se-lhe, no apêgo ao trabalho proficiente e honesto, a consciencia do seu prestigio social, a independencia da sua personalidade e, com isto, o horror de viver como um parasita, e ter-se-á dado á escola moderna o sentido verdadeiramente humano, social e patriótico, que deve ter, em face dos novos rumos que o Amazonas está abrindo para o futuro...

Ao professor, por tanto, o dever da *escola activa*, com o alto empenho de pô-la em dia com a marcha dos acontecimentos e a evolução do ensino.

CAPITULO II

O sentido methodologico de cada disciplina

LINGUAGEM

Tudo é susceptível de impressionar o espirito irrequieto, vasillante e curioso de uma criança. Ao entrar, pela primeira vez, em

uma escola, nesse ambiente que deve ser o do seu proprio lar, pelos cuidados e carinhos do Professor, a alma infantil experimenta emoções novas, pelo aparato das salas, pela disciplina que não tolhe a liberdade, mas orienta as attitudes, e pela convivencia com estranhos. Ah!, as impressões variam de individuo para individuo, conforme o grão de acuidade nervosa de cada um, manifestada quasi sempre por gestos e palavras, como surtos espontaneos de intelligencias que desabrocham.

Ora, a palavra é um phenomeno intellectual, que permite a articulacão da *linguagem* fallada ou escripta, vehiculo dessas emoções que passam a ser traduzidas e coordenadas em conhecimentos uteis pelo pequeno collegial.

A linguagem deve ser a primeira das disciplinas de um programma de ensino infantil, pois que seu emprego, no aprendizado das outras materias, é quotidiano, immediato. A criança, em contacto com o mundo externo, vê e observa. Desse e dos demais factos da percepção sensorial, nascem-lhe as cogitações, as imagens desper-tadas pelas qualidades do que mais impressionou um ou mais dos seus sentidos.

Dizer, com certo desembaraço, o que viu ou o que sentiu, é o escôpo da linguagem empregada por um principiante. E' o ponto de partida da formação, cada vez mais perfeita, do pensamento.

Tratando-se de uma criança que apenas balbucia um restricto numero de palavras de seus paes, entre as quaes não ha artificialismo de coordenação, porquanto tudo está na espontaneidade do fallar, convém que o Professor não perca de vista que o fundo psychologico do conhecimento, nessa phase dilucular da vida, provém da *observação directa*.

O desenvolvimento da linguagem é uma consequencia do progresso mental do estudante.

Albert Duzart fez notar "que todo movimento organico, dependente da vontade, como a palavra, resulta, em ultima analyse, duma *impulsão cerebral*, do mesmo modo que toda sensação traduz uma impressão psychica" ("La Philosophie du Langage", pag. 31.).

Orientar os gestos infantis é influir, de alguma forma, na direcção da força animica que os engendrou.

Está provado que a linguagem é a expressão de uma actividade mental, tanto mais rica e elevada quanto mais imaginosa fôr a percepção creadora do estudante.

Não podemos deixar de passar para esta pagina os elevados conceitos que o Dr. Fernando de Azevedo, Illustrado Director Geral da Instrucção Publica do Districto Federal, escreveu no exordio dos

programmas do ensino primario a seu cargo. Sirvam tambem esses conceitos, de norma e conselho aos nossos professores. "O ensino da linguagem—disse elle—tem por fim levar a criança a exprimir com clareza e correcção o seu pensamento e a comprehender facilmente a expressão do pensamento de outrem, isto é, o que ouve e o que lê. O esforço do alumno para adquirir essas duas technicas—de exprimir-se e de comprehender a expressão—constitue a parte educativa da disciplina. Em provocar e amparar, tal esforço resume o trabalho didactico do professor.

Para attingir os objectivos indicados é necessario que o alumno tenha a pratica da lingua, que se adquire principalmente pelos exercicios de elocução, leitura e redacção, mas tambem o conhecimento de sua estrutura, que reforça e firma a pratica e se adquire pelo estudo da grammatica.

Pelos respectivos exercicios de elocução e de leitura, far-se-á o desenvolvimento da linguagem fallada e preparar-se-á o da linguagem escripta, que terá o seu pleno desenvolvimento com os exercicios de redacção.

Nos exercicios de elocução, que devem acompanhar os de leitura e os de expressão escripta, os vocabulos, traduzindo as observações feitas, deverão ser perfeitamente adequados ao que exprimem: cousas, phenomenos, qualidades, etc. Evitar-se-á sempre que a palavra venha antes da noção, para não se formar uma linguagem vasia ou impropria.

Uma vez ajustada a linguagem ao pensamento e ao sentir, resta dispor as phrases com a correcção indispensavel das sentenças, com a concordancia dos elementos, com o mais harmonioso arranjo das diversas partes, tornando-a, alem de clara, elegante e agradável ao ouvido.

Os assumptos serão tirados do meio em que vive a criança.

A principio a narração exclusivamente oral do que faz, da vida dos animais domesticos, descripção da sala de aula, da escola, da casa, do trajecto da escola.

Logo que seja possível, os mesmos assumptos, que se ampliam, irão sendo tratados por escripto, cada vez com maior independencia por parte do alumno, sobre tudo em composições por perguntas que preparem a phrase correcta e tambem nos exercicios em collaboração, nos quaes todos os alumnos suggerem, corrigem, opinam, cooperando o mestre com a sua presença animadora, attento a dar a ultima palavra, quando a classe não se baste.

O professor, articulando e fazendo articular bem e evitando os

erros de pronuncia, procurará obter dos alumnos dicção clara e correcta; a criança será encaminhada a achar a fórma de que precisa para expressar-se, e aprenderá as regras sociaes de conversação, principalmente quanto á gesticulação exaggerada ou impropria, á intonação, á altura da voz e ao principio de não ser interrompido o interlocutor. Em correlação com esse estudo, os recitativos devem ser utilizados, não só pelas facilidades que proporcionam á elocução, como pela pratica de memorização que representam e o auxilio que trazem ao conhecimento e manejo da lingua em geral".

Ao curso preliminar a linguagem será ensinada, como acima préceitua o Dr. Fernando Azevedo, tomando o professor "motivos" que estejam no ambiente escolar, na casa, nas ruas por onde a criança transita, nos quadros muraes, em fim, em qualquer oportunidade julgada digna de uma lição. Não devem ser desprezadas as scenas da vida diaria, taes como o movimento dos carros, o trabalho dos homens, a Illuminação, etc., etc., tudo em que o pensamento discorra, sempre concretizado nos objectos á vista.

Habitue-se a criança ver primeiro, para poder observar; associar suas ideias para deduzir; dispor-as em ordem, para expressar-se, conforme os fundamentos do preconizado methodo Decroly.

No 1.º e 2.º annos do curso elementar, quando a criança já sabe melhor associar ideias, porque vai-se habituando ás imagens que ellas representam, devem-se desenvolver os motivos do curso preliminar, tirando de cada facto consequencias mais amplas. Ahí, sempre dando liberdade ao pensamento infantil, começam-se a corrigir as attitudes do fallar. Não se admitirão os accentos phraseologicos exaggerados. A tonalização das palavras, no seu conjuncto rythmico, obedecerá á naturalidade psychologica de quem falla. A gesticulação, necessaria tantas vezes na emphase, far-se-á commedidamente.

A educação da linguagem, neste ponto do programma, implica o ensino da lingua patria, nos mais praticos rudimentos da grammatica.

Contem-se pequenas historias, de fundo moral, nas quaes se impressione a imaginação infantil, dessas muitas que se encontram nos livros de Coelho Netto, Olavo Bilac, Jorge Jobim, Monteiro Lobato, etc.

O alumno presta toda a attenção a cada uma, para repetil-a por suas proprias palavras, perante a classe. Poderá haver um repertorio desses pequenos contos, que todos os estudantes conheçam e recitem de quando em vez. É um processo de coordenação de phra-

ses, ao mesmo tempo um meio de memorização de assumptos ensinados pelo professor.

O habito de exprimir-se, com relativa elegancia, compativel com a idade infantil, hade forçosamente disciplinar a linguagem, extirpando-lhe os vicios, de pronuncia e de syntaxe, tão communs no lar brasileiro.

A leitura expressiva, observadas as cadencias impostas pela accentuação e pela pontuação, constituirá repetidos exercicios para o 2.º anno.

No 3.º anno e curso medio, exige-se do alumno uma linguagem desembaraçada, correctã, sem os chavões do *saber* ou do *não saber*, com que muita gente costuma estribilhar os seus dialogos. Jamais o estudante deve abrir a bocca para "dizer", sem que o pensamento lhe esteja perfeitamente formulado na imaginação, afim de evitar as phrases entrecortadas ou gaguejadas, o que torna a expressão muito feia.

Como preceito disciplinar da linguagem fallada, o professor fará que o alumno, diariamente, exponha as lições, as historietas que leu, os factos que presenciou. Faça-o recitar poesias, pequenos discursos, assumptos de "films", commentarios sobre factos da vida social, etc.

As corrigendas devem ser feitas de modo que o professor não fira a susceptibilidade do estudante.

Esses constantes exercicios darão o habito de fallar em publico, com voz clara, guardadas as attitudes de discreção e elegancia, que tanto impoem a pessoa que procura bem exprimir-se.

Para a perfeição da linguagem escripta, façam-se numerosos themas de composição, que o professor apreciará, fazendo repetir os que se tornem diffusos ou sem a precisa clareza dos pensamentos a coordenar.

LEITURA E ESCRIPTA

Acredita-se que a criança, ao ser matriculada, já tenha adquirido, em casa, um certo desenvolvimento da linguagem, de accordo com o progresso de sua intelligencia. Conjunctamente com a normalidade dessa evolução, o alumno começa, na escola, o aprendizado da leitura, desde o curso preliminar. Fal-o-á pelo methodo analytico.

A sentencição está preconizada, com grande exito, em todas as escolas em que a didactica facilita o ensino. Ha mais de meio seculo é praticado nos Estados Unidos do Norte, conforme nos diz Hippau, na seguinte passagem do seu livro: "Para o ensino da lei-

tura, o professor não começa por dar o conhecimento das letras, depois das syllabas e, finalmente, das palavras. Mostra o objecto, um animal, uma arvore, uma casa; depois, o vocabulo que serve para designal-o e cuja imagem se liga á do proprio objecto. Passando de um a outro, a criança os reconhece sem esforço. E este ensino, pela visão e pela audição, continúa até que ella salba distinguir e enunciar, de um modo imperturbavel, todas as palavras que se fazem entrar nos quadros de ensino "(L' Instruction Publique aux Etats Unis", 1872, pag. 52).

Foi igualmente adoptado na França e demais paizes da Europa. Ha mais de vinte annos, fomos testemunhas da applicação, já triumphante, do methodo analytico, em S. Paulo. A rotina quiz embargal-o, mas foi vencida, como acontece, geralmente, com as innovações mal comprehendidas. Esse exito tem apenas dependido da habilidade e do trabalho do professor, pois, é elle quem faz as lições, improvisando pequenas sentenças, perante a classe dos principiantes. Não as encontrará no compendio, com aquella oportunidade necessaria, no ambiente escolar. Com tudo, as cartilhas são excellentes auxiliares, com seus themas e gravuras, que devem ser aproveitados e transcriptos, no quadro negro, em caracteres calligraphos ou á imitação das letras de imprensa. E' indispensavel que toda a classe preste bastante attenção e acompanhe a leitura que o professor fizer, a principio de cada palavra, depois da sentença completa. Ter-se-á o cuidado de empregar os mesmos termos, em phrases diversas. Sendo possivel, dividam-se em duas turmas os estudantes. Em uma, formação os mais intelligentes. Com os outros, deverá ser maior a insistencia do mestre e menor o contexto de cada sentença.

Depois de algumas semanas de ensaios na lousa, passar-se-á para a cartilha, sempre alternando com aquella, de modo que a criança aprenda a ler e a escrever, ao mesmo tempo.

Na formação de cada phrase, só devem entrar as palavras de uso trivial, como "casa", "mesa", "filho", "escola", "estudar", etc. A, classe mostra-se cada um desses termos, que, combinados com outros, igualmente conhecidos, formem um sentido immediatamente perceptivel do entendimento infantil. Ora, o que impressiona a intelligencia, no seu alvorecer, é a fórma, o desenho ou a physionamia de cada palavra escripta na lousa ou mostrada no livro.

Todavia, se cada uma possui uma feição propria que a distingue das outras, como os inumeros individuos no seio da sociedade, tem elementos communs que se repetem, ora nas mesmas, ora nas demais palavras. Este facto não escapa á percepção de uma criança,

como detalhes que se reproduzem no mesmo ou em outros desenhos. São as syllabas.

A imagem da palavra escripta traduz a imagem do objecto ou da ideia que consubstancia.

A escripta idealogica dos povos orientaes, que ainda não fazem uso do alphabeto, assenta nesses desenhos ou nessas imagens.

A leitura analytica vem da sentença á palavra, desta á syllaba e, por fim, á letra.

A' primeira vista, porque se tem de romper com a rotina da "solettração", este methodo parecerá difficil. Mas, logo que os pequenos estudantes percebam o artificio da syllabação mental, na leitura oral ou silenciosa, desaparece a supposta difficuldade. O apprendizado é muito mais rapido e o sentido da sentença, mais claro e positivo.

O maior pedagogista dos tempos actuaes, o Dr. Decroly, emprega, para o ensino da leitura, o methodo "visual-ideographico". Pondéra que "a evolução mental parte da synthese para a analyse". "A aquisição da linguagem é uma prova disto—diz elle—e opinamos que o ensino da leitura e da escripta deve seguir a mesma evolução. Para as mentalidades infantis, a phrase é mais comprehensivel que a palavra e esta mais que a letra" ("El Método Decroly aplicado a la Escuela", por L. Dalhem, pag. 54.)

O grande pedagogista belga não fez mais que pôr em prova, na sua escola de Uccle (proximo á Bruxellas), a velha norma de Jacotot: "Não ensinamos á criança as letras para formar syllabas e, depois, estas para formar palavras. Ao contrario, fazemos-lhe dizer, ler, repetidas vezes e aprender de memoria uma phrase ou uma pagina qualquer, pois que ella mesma a decomporá em palavras, syllabas e letras" (Citado por Sud Mannucci, do III artigo, de uma serie publicada no "Estado de S. Paulo" e intitulada A Escola Paulista, de 13-11-1929).

Não precisamos insistir na preferencia deste methodo de leitura. Basta verificar que elle se baseia na intuição e na psychologia experimental.

No curso preliminar, acabe-se com a carta do A B C. Seja substituida pela cartilha feita especialmente para applicação daquelle methodo; usem-se numerosos quadros ou gravuras, que sirvam de motivo aos exercicios no quadro negro e nos cadernos das crianças; façam-se, improvisem-se as licções com assumptos opportunos, tendo-se o cuidado de não cansar a attenção dos alumnos. Esses exercicios devem ser diários e algumas vezes repetidos.

Em synthese, neste curso, devem ser observados os seguintes

principios já encontrados nos programmas das nossas escolas, de 19 de fevereiro de 1925 e adoptados nos annos lectivos posteriores:

1.º—Escreva-se, diversas vezes, a palavra no quadro negro, com giz de varias cores, interrogue-se a classe fazendo cada menino procurar e assinalar a palavra indicada pelo nome da cor.

2.º—Fazer o menino copiar varias vezes a palavra na ardosia.

3.º—Fazer o menino escrever de memoria a palavra dictada pelo professor.

4.º—O professor desenha ou mostra o objecto a que se refere a palavra e o menino escreve esta de memoria na ardosia.

5.º—O professor apresenta ao menino pequenos cartões onde se encontram escriptas diversas palavras e faz procurar a palavra indicada.

6.º—Recordações frequentes de palavras já aprendidas, não usando uma nova sem ter ensinado bem as anteriores.

7.º—Fazer combinações com palavras aprendidas, formando phrases curtas e facéis.

8.º—Quando as crianças aprenderem uma oração, deve o professor utilizal-a para formar novas.

9.º—Agrupar palavras por analogia de formas e sons.

10.º—Explicação muito simples sobre o valor do til e dos accents e sobre os signaes da pontuação, com o fim de facilitar a correção da leitura, acompanhada de exercicios facéis, feitos pelo proprio mestre.

No curso elementar, a leitura deve ser gradualmente mais desenvolvida, contanto que, no 2.º anno, o estudante leia com desembaraço.

No 3.º anno e curso medio, ler-se-á, observando o rigor da pontuação e da entonação que cada palavra precisa ter no seu accento oratorio.

No curso complementar (E. Modelo), a leitura interpretativa. Procu e o professor desportar, na sua escola, o gosto pela boa leitura. Lembre aos seus alumnos que ella é o manancial mais valioso dos nossos coconhecimento. E' com o seu uso constante que nós enriquecemos a nossa intelligencia. Diga-lhes ainda, como o professor José Guerreiro Murta que:

"A leitura é fonte de prazer mesmo nas tristezas, porque cria distracções para os pensamentos, entretém o espirito com imagens doces e reconfortaveis" ("Como se aprende a redigir", 2.ª edição, pag. 22).

No ensino da escripta, os professores terão cuidados especiaes.

Ella tem de ser feita simultaneamente com a leitura e a linguagem, desde o curso preliminar.

Cada alumno, sentado em seu logar, munido de lapis e papel, tomando a posição conveniente que lhe será ensinada, vae imitando as palavras, em geral monosyllabos e disyllabos, que forem sendo escriptas no quadro negro. Ao mesmo tempo, o professor volta-se para a classe, afim de assistir o trabalho, tanto mais individual quanto possível, de todos os estudantes. E' corrigindo num, a maneira de segurar o lapis e collocar o papel; noutro, a posição do corpo, a distancia que deve haver entre a mesa e quem escreve, constituirão preceitos em que a hygiene infantil não pode ser dispensada.

Seria mais conveniente que se dividisse a classe em pequenas turmas e cada uma fizesse a sua escripta, para melhor vigilância do professor.

A escola, para estes exercicios, tambem poderá possuir uma collecção de modelos ou *translados*, nos quaes devem apparecer as palavras, syllabas e letras já empregadas nas lições de leitura.

Taes exercicios serão diarios e não reterão o alumno por mais de dez minutos. Procure-se dispor as carteiras escolares de modo que o alumno, sentado, receba a luz por todos os lados, mais abundantemente pela esquerda.

Quando a criança *acertar* com as suas attitudes para escrever, o que acontece geralmente na terceira semana de aula e manifesta-se como um novo habito, pode-se substituir ou alternar o lapis com a caneta.

Com a assistencia de toda a classe, em outras occasiões, um dos estudantes irá á lousa e o professor dictará algumas das palavras do vocabulario infantil, formando sentenças curtas e de sentido bem claro. Os demais alumnos irão escrevendo, cada uma de per si, nos seus cadernos, assim estejam concluidas taes sentenças.

Ensaie-se a ambidextria, tão seguida hoje na Allemanha. Prefira-se a *escripta vertical*. Não sendo possível, a *obliqua* tambem é boa, sendo, porem, necessario que se conservem a uniformidade no tamanho das letras e o parallelismo nas hastes daquellas que ultrapassam, para baixo ou para cima, a pauta em que se escreve.

Não se percam de vista o habito do asselo e a questão de hygiene.

Lembre-se o professor que, quanto a esta, têm apparecido nas crianças muitos casos de enfermidades ou defeitos organicos adquiridos na escola, devidos a inobservancia de posição, distancia, tempo excessivo nos exercicios, etc. etc.

"Para se escrever a letra vertical—diz o professor Alípio Franca—o menino deve estar collocado diante da carteira com o corpo bem direito, o torax não tocando a aresta posterior da carteira, de modo a não opprimir a dilatação pulmonar. A columna vertebral será assim vertical. O tronco deve ficar apoiado, a prumo, sobre os dois ischions, as pernas cahindo verticalmente, a cabeça bem direita, distante do papel trinta e cinco centimetros.

O habito de cruzar as pernas escrevendo, diz Dufestel, colloca o rachis e o tronco em inclinação viciosa e produz uma convexidade do lado do membro mais elevado ("Noções de Methodologia e de Organização Escolar", pag. 113, edição 2.^a 1920).

Outros preceitos são recommendados pelo Ilustre professor, cuja obra deve ser lida pelos menos experientes e sabidos em cousas de ensino.

Quer no curso preliminar, quer no elemental, a forma calligraphica terá que despertar a attenção do mestre, mais que a questão orthographica, que deve ser levada em linha de conta, assim que a criança comece a fazer seus primeiros dictados.

A *calligraphia*, a *orthographia* e a redacção constituem os objectos de quem aprende a escrever. Aos estudantes, até o 2.^o anno, deve preoccupar o primeiro (a *calligraphia*); aos do 3.^o, esta e a *orthographia*; aos do curso medio e complementar, os tres objectivos.

Já dissemos que os exercicios de escripta são diarios. Mas, tratando-se de alumnos que fazem *dictados*, devem ser taes exercicios alternados com as escriptas copiadas.

As corrigendas serão feitas em lapis ou tinta de cor, para que sejam bem observadas. O professor terá o cuidado de repetir os themas em que appareçam muitos erros.

Para os exercicios de redacção, tomem-se os motivos da vida diaria, cartas, historietas, descripção de festas, "films", etc., motivos esses que o professor aproveitará simultaneamente, como dissemos a principio, para as lições de linguagem e grammatica.

GRAMMATICA (Lingua nacional)

No estudo da lingua e, consequentemente, da linguagem, que é sua expressão viva, está envolvido o da grammatica, fonte de sua disciplina, regimen estatico que não permite a anarchia estrutural, ao mesmo tempo que não tolhe a evolução das melhores formas de exprimir as ideias.

A correção da linguagem considera-se fundamental no ensino

primário, sendo certo que ella constitue o instrumento da aquisição das outras materias do programma escolar.

A grammatica deve ser ensinada ás classes principiantes, sem compendio, praticamente, mostrando as palavras e fazendo notar as suas differenciações, quer phoneticas, quer semanticas, affim de que possam os alumnos comprehender, por numerosos exemplos, a sua distribuição taxionomica. E' lendo, escrevendo ou conversando que o professor terá oportunidade de ensinar a grammatica pela lingua e não a lingua pela grammatica, conforme a recommendação de Herder.

Não se perca de vista que o methodo mais racional, para obter esse resultado, é o de Decroly, baseado na "observação", na "successão" de idéias para chegar finalmente ao conhecimento da cousa estudada.

Numa sentença, já ao 2.º anno do curso elementar, a criança lê as palavras que a compõem; compara-as entre si, para differencal-as. Começa ahí a gênese da classificação, pelos phonemas e pelas cathogorias grammaticaes.

Somente depois do 2.º anno elementar, adoptado então um bom compendio que sirva apenas de auxillar na marcha do ensino, é que se positivirão as regras mais simples da parte lexicologica.

No curso medio, o alumno terá conhecimento pratico, da syntaxe, applicado á sua linguagem fallada e ás suas composições.

O estudo mais desenvolvido da lingua far-se-á no curso complementar (Escola Modelo). Ahí, cabe a explicação do conceito das regras até então vistas e applicadas praticamente.

Os exercicios de grammatica devem ser diários, para os alumnos do curso elementar, e em dias alternados, para os cursos medio e complementar.

Faça o professor "tests" de linguagem entre os mais atrasados, corrigindo todos os erros que forem surgindo, pela repetição das mesmas phrases já escorreitas.

Os exercicios de analyse, tres vezes por semana, são aconselháveis aos estudantes, do 3.º anno em diante.

Na classificação das palavras, o professor organizará schemas, das divisões de cada uma das cathogorias grammaticaes. Assim, por exemplo, tratando de substantivos, traçará, no quadro negro, para que os alumnos o copiem em seus cadernos, o quadro dos varios grupos em que esta cathogoria se desdobra. Esses schemas illustram a aula, facilitando a comprehensão das varias funcções que os substantivos dempenham na sentença. Além disso, retêm me-

lhor o que o estudante aprendeu. Valem, na grammatica, como as formulas, na mathematica...

O professor terá em mente, no ensino de tão importante materia, que a linguagem sempre precedeu á grammatica. Deve considerar esta, no applicar de suas regras, que ella é, antes de tudo, a arte de disciplinar os nossos pensamentos, ao serem expostos, fallados ou escriptos.

Mas, ao pequeno estudante, nem se falle nessas regras, nem se lhe diga, ao menos que ha um estudo que se chama grammatica. A correção da linguagem é opportunista. Pode ser feita, a principio, educativamente e, depois, instructivamente. No primeiro caso, de um modo pratico, para formar o habito de dizer bem. No segundo, surgem os principios ou regras que justificam o porque dos factos da linguagem, conforme o ponto de vista, geralmente acceto, da definição de João Ribeiro.

Na methodologia da grammatica, convém saber, como o diz Afranio Peixoto, que o maior merito desse estudo não é codificar as boas maneiras de dizer ou escrever. Mas, como pensa Stuart Mill: "A grammatica é a parte mais elementar da logica. E' o inicio da analyse do processo mental. Principios e regras de grammatica são meios que fazem corresponder as formas de linguagem com as formas universaes do pensamento. As distincções entre as varias partes do discurso, entre os casos dos substantivos, os modos e tempos dos verbos, as funcções dos particípios, são distincções de ideas e não apenas de palavras.

Simplees nomes e verbos exprimem objectos e acontecimentos muitos dos quaes podem ser conhecidos pelo pensamento e cada differente modo corresponde a uma differente relação. A estrutura de cada sentença é uma llecção de logica". E Afranio Peixoto acrescenta: "Ensinando a bem fallar e a bem escrever, a grammatica ensina a bem pensar e quem pensa bem, por força se ha de exprimir correctamente e talvez perfeitamente" ("A Linguagem e a Grammatica", conferencia pedagogica realizada na Bibliotheca Nacional, publicada no *Correio da Manhã*, do Rio, de 28-12-1919).

Hoje, quem ensina, precisa observar e cumprir os preceitos dos grandes didactas ou dos profissionais que se habituaram a ver a criança e a marcha da sua cultura, pelo lado psychologico, base de toda pedagogia moderna.

Aos nossos collegas menos experientes, recommendamos o capitulo—Ensinando da Grammatica—contido nas excellentes "Noções de Methodologia e de Organização Escolar" do professor Alípio Franca.

E ao encerramos estas breves considerações, pensamos na ne-

cessidade de, em aula, constantemente, incutirem os professores, no animo dos seus alumnos, as vantagens e as bellezas da nossa lingua, vinculo commum e indissolvel de um povo á sua nacionalidade e dos pensamentos que nortelam os seus alevantados destinos.

GEOGRAPHIA

Os professores sabem que, no ensino de cada disciplina de um programma primario, não se devem usar dos mesmos methodos. Para determinadas materias, o methodo synthetico; para outras, o analytico ou a concomitancia de ambos. O apprendizado da geographia exige que se parta do particular para o geral, isto é, que se proceda por synthese. Comece-se a mostrar á criança o local da escola, fazendo-a ver e conhecer sua situação em relação á cidade, villa ou povoado em que se encontra. Mostrem-se-lhe os accidentes naturaes que, por ventura, nelle, existam, representando-os no taboleiro de areia. Da cidade, passe aos seus suburbios, ás regiões circumvizinhas, tornando mais patente o conhecimento desses accidentes. Amplie-se esse estudo a todo o Municipio, ao Estado, ao Paiz, ao Continente americano e a Terra toda, sempre á vista do mappa. Ensine-se o estudante a orientar-se pelo sol e conhecer a orientação das ruas, praças, rios ou lagos, em cujas margens se ache a escola. Passa-se, depois, ao globo e ás cartas geographicas, para mostrar, na sua composição, os logares ou regiões mais assignaladas, a partir da séde escolar.

As classes principiantes, nada de compendio. O ensino deve ser fundamentalmente objectivo. Convém que o alumno esteja em contacto com a natureza, sentindo as impressões do seu ambiente, afim de que tenha uma idéa perfeita dos varios elementos que constituem a sua physiographia, as condições do seu clima, os recursos naturaes que offerece, a actuação do homem no meio physico etc. Tudo isto se pode ensinar intuitivamente, á maneira de *lições de cousas*, palestrando, mostrando os objectos e, mesmo, sendo possível, commentando os factos. Provoquem-se as indagações, porque a geographia é uma sciencia que tomou, seja na sua simplicidade, um caracter especulativo.

As nomenclaturas são indispensaveis, mas reduzam-n'as o mais possível, afim de que o estudo geographico não se torne enfadonho. De todas as lições, procure-se destacar o lado utilitario, applicavel ás necessidades da vida. Assim, com relação aos climas, fazer notar sua influencia nos nossos habitos e costumes, nas plantas, pelo interesse agricola, nos animaes, emfim, pela sua distribuição

na superficie da terra ou no seio dos mares. Fallando de productos naturaes, sobre tudo dos regionaes, mostre-se a importancia que elles têm nas industrias e no commercio, no movimento economico do Estado, do Municipio ou da propria cidade, villa ou povoação da escola.

Mas, nessas pequenas explanações, não se perca de vista o nivel, ainda limitado, do entendimento infantil. Nada de abstracções, porque toda a conjectura que não for logicamente comprehensivel, como um processo de educação mental, que augmenta com o raciocinio, é negativo ao ensino de qualquer materia.

As excursões, nas zonas alem da séde escolar, desvendando novos horizontes, despertam grandes interesses e proveito para os alumnos, alem do prazer de viajar. Já ao tempo de Pestalozzi se preconizava este meio de ensinar geographia. Froebel, outro grande pedagogista, depois de uma visita, acompanhado de seus discipulos, feita a Pestalozzi, declara: "Aproveito estas occasiões (as viagens), para ensinar a meus alumnos a observar por si mesmos e a comprehender as relações que existem entre as diferentes partes da superficie da Terra. Sobre estas e outras noções adqueridas, ensino a physiographia e, della faço meu ponto de partida (Leia-se "O Ensino de Geographia na escola primaria", por Ernesto Levasseur, pag. 25).

Na didactica da geographia, o professor A. F. Proença chega ás seguintes conclusões, que os nossos collegas do Amazonas terão em vista, quando deante de uma classe que lhes escute os ensinamentos geographicos:

"A primeira conclusão a que o professor deve ter chegado é esta: a geographia é uma sciencia natural e, portanto, só pode ser adquirida por observação directa ou indirecta, pondo-se constantemente em actividade a imaginação, o juizo e o raciocinio.

A segunda conclusão: a geographia é uma sciencia muito complexa; para que os seus factos sejam perfeitamente apprehendidos e explicados, ha necessidade de uma preparação prévia nas materias que lhe servem de base. Uma terceira conclusão: o ensino da materia requer espirito observador e indagador, como em qualquer outra das sciencias naturaes ("Como se ensina a Geographia", pag. 15).

Todos os tratadistas do assumpto do divergem do methodo synthetico, chamado pelo professor Delgado de Carvalho o *methodo dos circulos concentricos*, pelo facto de ir "alargando pouco e pouco o horizonte para passar sempre do conhecido ao desconhecido" ("Methodologia do Ensino Geographico", pag. 47).

Não precisamos mais insistir nesse ponto.

São, portanto, proveitosas as excursões feitas de proposito para ver e observar outros accidentes geographicos, alem dos que se avi-

sinham da escola. Nellas, a criança recolhe impressões, que nunca mais esquece. Na impossibilidade dessas excursões, a aula deve ser illustrada com gravuras, quadros, mappas, "films" e globos tão indispensaveis desde os primeiros instantes. Não se pode comprehender um ensino concreto sem esse aparelhamento.

Para os alumnos mais adiantados, dos cursos medio e complementar, os exercicios cartographicos sobre as regiões que forem estudando.

Nunca se chegue á definição, sem conhecer a imagem do objecto em apreço, salvo si se trata de um conhecimento, por intuição mental.

Nos propositos da escola activa, na qual nós procuramos generalizar os deveres escriptos, isto é, os trabalhos de applicação em aula, devem ser constantes, no ensino da geographia.

Faça-s ver aos estudantes que tal estudo é de uma alta utilidade de para a vida diaria, pois, os conhecimentos de geographia são necessarios em todas as occasiões. Até o selvagem precisa delles quando deseja orientar-se nas suas longas viagens pelas florestas, pelos igapós; quando quer saber das condições naturaes da zona em que habita, etc. etc., sem cogitar que existe tal sciencia.

Do 2.º anno elementar em diante, não se prescreva o compendio, embora as lições devam ser dadas pelo professor. É indispensavel o uso do atlas. Tratando-se de regiões afastadas, elle objectivará o ensino da geographia.

Não se esqueça o professor de exaltar, sem exageros incabiveis, os dons naturaes do Brasil, as vantagens da sua situação geographica, o papel que elle vac desempenhando no concerto das nações americanas e as suas possibilidades de grandeza no seio da civilização mundial. Pela geographia nacional, ensine tambem o patriotismo.

HISTORIA PATRIA

Não podia ser excluída, de um programma de estudos primarios, o ensino da Historia do Brasil, pela sua finalidade educativa, quer para a intelligencia, quer para o civismo dos nossos escolares.

A Historia é sciencia irmã da Geographia; ensina-se pelo mesmo methodo, embora menos objectiva que esta. Parta o professor dos acontecimentos locais, da séde da escola, da fundação da cidade, villa ou povoação; trate das transformações que, com o tempo e com a acção dos homens, veio a soffrer, mostrando os monumentos ou seus vestigios, se os houver, como outros traços do passado. Falle dos homens mais notaveis que tomaram parte na evolução e nos epi-

sodios desses acontecimentos, despertando sempre, na criança, a admiração, o culto civico, por tudo que fór digno de altas homenagens.

Proclamem-se, como exemplo a imitar, a abnegação, o heroismo, o espirito de sacrificio dos nossos maiores. Da séde escolar, passa-se ao Estado e ao Paiz.

Ao 1.º e 2.º annos elementares, dêem-se as lições verbalmente, sem livros, illustradas por gravuras, mostrando, no mappa, as localidades onde se possaram os dramas historicos.

As biographias dos nossos grandes homens devem ser narraadas, em linguagem muito simples adequada ao entendimento infantil.

Respeite-se a chronologia dos factos, quanto ás epochas mais importantes, para que melhor sejam mais tarde apreciadas as consequencias destes.

Façam-se resaltar os motivos dos nossos feriados nacionaes e estaduais, focalizando as suas significações. As crianças repetirão, por suas palavras, as narrativas do professor, tendo este o cuidado de verificar a sua exactidão, a maneira de expor (linguagem, successão de idéas, grammatica).

Nas primeiras lições de Historia nacional, não se preocupe o mestre com a ligação dos acontecimentos, porque a mentalidade infantil não está apta ainda para concatenal-as, nem para, delles, tirar conclusões. Trate, isoladamente, do descobrimento, dos povos indigenas que então habitavam as nossas terras, dos seus costumes, etc; falle da independencia, da escravatura, da proclamação da Republica e demais factos mais importantes dos tres períodos classicos.

Os antecedentes e os consequentes ficarão para quando os alumnos, dos cursos medio e complementar, possuirem o discernimento das investigações. "As conclusões a que chegue a classe, conduzirão (os alumnos) ao commentario dos factos estudados, cabendo ao professor utilizar-se dessas oportunidades, não só para exercitar a intelligencia dos alumnos, mas tambem para lhes cultivar o sentimento, através das impressões recebidas. Os factos serão re-lacionados com o meio pelo traçado dos costumes e idéas da epocha, fazendo se conhecer como era então a vida dos homens, os recursos de que estes lançaram mão nas emergencias em que se encontraram, a utilização que souberam dar aos elementos naturaes e as razões que so levaram a vencer ou ser vencidos, nos empreendimentos que procuravam realizar" (Dr. Fernando Azevedo, Programmas de ensino, 1929).

O professor empenhar-se-á em dar vivacidade aos aconteci-

mentos de que se occupa. De outro modo não conseguirá a attenção e a curiosidade da classe. Permitta que os seus alumnos, a proposito dos factos em apreço, o interroguem, para melhor esclarecimento. Toda a historia deve ser interessante. E será um passatempo, quando fôr illustrada com anedoctas opportunas. O dr. L. R. Klemm, que visitou as escolas prussianas, encontrou, no curso da Historia, preceitos bem cabíveis nas nossas:

1.º—Que o professor tenha o coração cheio de patriotismo e bata frequentemente pela verdade, pela justiça e pelo dever.

2.º—Que o ensino não seja uma simples narrativa de nomes e de factos, de batalhas e conquistas de terras, nem dissertações sobre idéas e generalidades abstractas, mas, sobre tudo, uma viva descripção de pessoas e circumstancias.

3.º—Que o professor relacione o novo conhecimento historico com os preexistentes.

4.º—Que não é permittido ao estudante permanecer indifferente ao estudo, mas que seja induzido a tomar parte nelle.

5.º—Que o professor induza o alumno a comparar acções e pessoas semelhantes e desemealhantes, para formar juizo de causa e effeito, desde um ponto de vista moral, de tal modo que não desenvolva somente a intelligencia, mas ainda o coração e a vontade.

6.º—Que o ensino da Historia seja dado em commexão com o estudo da linguagem.

A Geographia deve ser uma auxlliar da Historia ("La Enseñanza de la Historia" por Lavisse, Monod, Hinsdale etc., pag. 83). E' aconselhavel a comparação entre o presente e o passado, para que melhor o estudante comprehenda o progresso do Paiz. "Todos os meios que se possam empregar, para chegar a este resultado, são bons, desde que não se caia em exaggeros pueris" ("La Reforma Escolar em Francia", pag. 66, edição de 1925).

Torne-se a Historia nacional, alem da sua utilidade civica, um meio de educar a intelligencia infantil, pela suggestão de idéas, que o commentario, mesmo Hegelro, dos factos vae despertando. A memoria e a vontade lucrarão com essa attitude pedagogica.

Quando os alumnos do curso medio em diante, principalmente os de complementar (Escola Modelo) estiverem no caso de relacionar os acontecimentos, para cujo fim o compendio será um grande auxlliar, divida-se o estudo da Historia do Brasil nos seus tres periodos classicos.

As lições não serão mais discutidas, em forma de episodios isolados, como no começo; mas sempre relacionados com as precedentes, afim de que o professor possa mostrar que ha, na successão

dos acontecimentos, uma ordem logica nos phenomenos sociais. No fim de cada uma dessas lições, serão organizados, no quadro negro, schemas estabelecendo o nexo entre os varios motivos expostos (**O ensino da Historia Patria na Escola Primaria**, conferencia do prof. Arthur Mendes de Aguiar, da Bahia, "Curso de Férias", 1927, pag. 154).

DESENHO

O estudo do desenho pôde ser começado desde o primeiro anno elementar. Seu fim é altamente educativo, porque exercita a vista, a mão, a intelligencia, a imaginção, o gosto e o senso moral. Consequentemente, muito necessario em um programma de preparação infantil.

Em todas as situações da vida humana, apparece prestando-nos um grande auxllio, embora muita gente, disso, não se aperceba.

O ensino de semelhante materia carece obedecer á maxima naturalidade. Estão completamente banidas das escolas as copias de gravuras. A criança começará observando, com a precisa attenção, o objecto que vae copiar, posto á sua frente, de modo que possa focalizal-o melhor. O professor ensinará a maneira de collocar o papel e pegar o lapis. Fará com que se interesse pelo acabamento do trabalho, evitando dizer que está máo, afim de que, dahi, não venha um desanimo. Pelo contrario, enaltecendo os traços em que se mostre latente o pendor ou esforço do pequeno estudante.

Os modelos preferidos, nas primeiras semanas, devem ser os objectos de fórmás simples, familiares á criança, taes como os solidos geometricos (polyedros regulares, a partir do cubo, pyramides, cylindros, etc., caixa de phosphoros, folhas, fructos, etc.) Pode haver um só modelo para toda a classe, como assumpto de uma aula commum. Veja-se, porém, que a cousa a ser desenhada não fique muito distante dos alumnos mais afastados. Seria vantajoso que houvesse um modelo para cada criança.

O habito de ver e perceber a verdadeira fóрма e posição de um objecto, implica o conhecimento espontaneo de sua perspectiva, fonte da representação graphica da imagem.

Começa-se, portanto, pelo desenho á mão livre. O modelo palpavel é o ponto de partida; depois, o desenho geometrico, igualmente tão necessario, quando o estudante passar ao uso dos instrumentos, para a construcção das figuras e resoluções de problemas lineares.

A proporção que a criança fôr se desembaraçando, no emprego do lapis e conseguindo graphar os modelos de uma serie previamente

organizada, passe a outros em que os mesmos objectos se agrupem, por formas varias. Seria muito proveitoso que se fizessem copias de folhas, flores, fructas, animaes, etc., de que o professor se utiliza nas aulas de Historia Natural (licções de cousas).

Nas aulas dos cursos medio e completar, os desenhos de memoria, os exercicios de cartographia na confecção de mappas geographicos, em que devem entrar as noções de escala e sua applicação.

Aos alumnos que mostrarem maior gosto e intelligencia, da Escola Modelo, ensaiem-se os processos de estylização, servindo-se, para isso, dos muitos motivos de que a natureza amazonense é tão prodiga. Mas, não se perca de vista que o ensino do desenho, nas escolas primarias, não tem por fim formar **artistas**. Já dissemos que a sua finalidade é fundamentalmente educativa e, como tal, sem o escopo dos requintes emotivos.

As palavras, que o professor Theodoro Braga escreveu, a proposito do ensino desta importante disciplina, constituem um verdadeiro codigo da sua methodologia, a ser observado pelos nossos collegas. São excellentes recommendações.

"É o ensino do desenho intelligentemente ministrado, sem li-vros nem receitas, sem suggestões nem formulas.

Fazer com que a criança se apaixone pelo desenho; ensinar-lhe a ver o objecto; não achar **nunca** ruim o trabalho feito por ella, corrigindo-lhes os defeitos diante do modelo e não todos os defeitos de uma só vez; agindo de modo que ella sinta a verdade dessas correções, para não desacoroçar-lhe; ter presença de espirito para responder, com justiza e clareza, as abruptas perguntas quasi irrespondiveis que as crianças intelligentes, avidas de saber, fazem a cada momento; não ter pressa, porem ter confiança pelo resultado que vai obtendo—eis as características da competencia, da dedicação e da honestidade por parte do professor de desenho.

Dentro em pouco, a criança sentirá que sabe ver e a execução dos seus trabalhos, embora aparentemente feios, satisfará a ella e ao seu professor, pelo progresso, e que far-se-á em proporções crescentes. Ela, em synthese o meu programma para o ensino do desenho á mão livre" ("O ensino de desenho nos cursos profissionaes", 1925, pag. 22).

Recommendamos que os alumnos, desde o 3.º anno, façam os desenhos de memoria. Para o conseguir, é mister que elles vão educando e desenvolvendo o habito da attenção e da fixação das imagens. O professor fará desenhar um objecto que os estudantes vi-ram em outra sala, uma casa, um panorama que contemplaram em uma excursão. Olhar, fixar, apprehender, para conservar essas ima-

gens—eis o proposito educativo desses exercicios, que são cabiveis no curso complementar (E. Modelo).

Para melhor educação da vista, comparar-se-ão tamanhos de ob-jectos e distancias, verificando-se, em seguida, as differenças reaes.

Sob o ponto de vista utilitario, no auxilio que o desenho presta ao ensino das outras materias do curso primario, não precisamos insistir, para exaltar sua didactica. Resumamos, com tudo, as ponderações já feitas, passando, para esta pagina, os conceitos traçados, a proposito, pelo professor Arthur Mendes de Aguiar, afim de que os nossos collegas do magisterio, desde o momento em que a criança pega no lapis para graphar o que viu ou o que está na sua imaginação, orientem esse estudo no sentido pedagogico de educar certas faculdades infantis, sem a preoccupação de fazer **artistas**:

"A pratica do desenho supõe o exercicio da **vista**, que examina com **attenção** o objecto a representar, aprecia-lhe a forma, as dimensões e as proporções; supõe o exercicio da faculdade de **juizar** e de **raciocinar**, pelas comparações continuas que o desenhista deve fazer; o exercicio da **imaginação** cujo papel é conservar fielmente as imagens percebidas pela vista ou as concepções da faculdade creadora; o exercicio do **gosto**, do **senso esthetico**, para dar a esse trabalho todas as qualidades pelas leis do bello; enfim, do **senso moral** ou sentimento do bem". ("Curso de Ferias", pag. 38, Bahia, 1927).

ARITHMETICA

Com a ideia dos objectos que a criança vê e vai conhecendo, vem-lhe espontaneamente a de **quantidade** e **grandeza**. Daí, logicamente, a ideia de **valor**, com que a intelligencia infantil distingue a abundancia e os tamanhos das cousas. A comparação é um termo de conhecimento numerico. Sim; um infante, de tres annos, que recebe de sua mãe um pedaço de doce, menor que o dado a seu irmãozinho, nota a differença e reclama contra essa desigualdade; reclama-o tambem se lhe deram **dois**, em quanto ao outro, **tres** ou mais doces...

A noção dos valores numericos surge, assim, com a primeira idade. A didactica escolar compete sua orientação, desde que o pequenino estudante foi entregue aos cuidados de um profissional. Este deve ter em conta a incipiente capacidade de assimilação dessas intelligencia que desabrocham, afim de não lhes provocar abstrações incompativeis. O ensino do calculo, a um principiante, só pode ser o mais possivel concreto, objectivado no **contador** ou por meio de pedrinhas, reguas, discos, etc., embora a palavra calculo signifique operações do espirito, cujo fundamento está no raciocínio. Ora, ninguem dirá que uma criança, geralmente de seis annos (inicio

da idade escolar), seja insusceptível de combinar ideias simples, na solução de problemas facilísimos. Um meio recommendavel para ensinar esses primeiros surtos da vibração intellectual, consiste nas chamadas **adivinhações**, de que tanto as crianças gostam.

Em cogitar, para acertar, vai um esforço que desenvolve e disciplina a percepção infantil. Vê, portanto, o professor que, mesmo devendo ser o ensino todo concreto, nesta phase inicial, não deixa de haver o sentido abstracto inerente ás mais rudimentares operações numericas. Tome-se nota desse facto, visto ter importancia na metodologia da arithmetica. Isto quer dizer que, com o processo da **contagem** propriamente mecanica, em que se **aggregam** e **desaggregam** pequenos objectos, apparece tambem a oportunidade do **calculo mental**, tão vantajoso no trato quotidiano dos negocios, mas, infelizmente, muito desprezado em nossas escolas.

Não ha processo mais poderoso, para educar o nosso raciocínio, que o treino de calcular mentalmente. Não existe materia de ensino, que mais o exija, que a mathematica, desde a solução de problemas do curso infantil, até aos mais elevados remigios do pensamento humano. Lembre-se o docente que tudo, na aprendizagem, depende da maneira porque se começou e depois dos habitos de agir...

Tratando de um principiante, o professor Alipio Franca declara que não é preciso saber contar até dez ou mais para inicial-o nos exercicios de calculo. "Com os materiaes empregados para concretizar o ensino, o alumno somma, subtrahê, multiplica, divide e adquire noções dos inteiros, dos quebrados, etc. Concebe-se a clareza que dá ás ideias o emprego dos meios sensiveis; chega, porem, o momento em que estes materiaes não devem ser mais empregados, senão accidentalmente, para convencer os meninos, no caso de duvida ou difficuldades".

Geralmente, as crianças, que se matriculam, pela primeira vez, em uma escola, já sabem contar até 100 e mais. Isso é uma vantagem.

O professor, depois dos indispensaveis exercicios no **contador-mecanico** ou com caixinhas de cubos, palitos, botões dando a ideia de **unidade**, **dezena** e **centena**, fará netar o artificio oral da formação dos numeros, depois symbolizando-os por meio dos algarismos, chamando tambem a attenção da classe para o mesmo artificio, na escripta. São indispensaveis as exemplificações no quadro negro, afim de que o estudante vá logo percebendo o valor de cada **casa**.

Ao deixar o curso preliminar, deverá saber ler e escrever numeros até milhares, e fazer pequenos exercicios de somma e subtração.

No 1.º anno elementar, convém que o professor observe a seguinte orientação, adoptada nas escolas da Paulicêa (Programma de 1925):

"O docente recordará e ampliará os exercicios de somma e subtração por dezenas, fazendo os discipulos notar que a terminação dos resultados é sempre a mesma, quando os numeros dados finalizarem nos mesmos algarismos: ($8+7=15$; $18+7=25$; $28+7=35$, etc.).

Continuará o ensino da taboada de multiplicar, com o auxilio de tornos, arranjando-os em grupos iguaes, para que descubram os resultados e expliquem oralmente o trabalho feito, aprendam a representar numericamente a respectiva taboada de multiplicar e se exercitem sempre na de dividir, lendo aquella de traz para diante, começando pelo producto. Assim, tratando da casa de 4, teriamos:

	1 grupo de 4=4	1X 4=4	4 tem 1. 4
	2 > > 4 são 8	2X 4=8	8 > 2. 4
	3 > > 4 > 12	3X 4=12	12 > 3. 4
	4 > > 4 > 16	4X 4=16	16 > 4. 4
etc.	etc.	etc.	etc.

Procurará meios que facilitem e amenizem a memorização arida e ingrata das taboadas, que somente estarão bem sabidas, quando conseguirem repetil-as automaticamente, sem pensar nem contar. Entre outros meios, lembraremos os seguintes:

a) exercital-os na somma rapida de parcelas iguaes ($6 \times 6 \times 6 \times 6 \dots$) enunciando apenas os totaes (6, 12, 18, 24 até 60), fazendo-os observar as terminações desses totaes, as quaes, nas sommas dos numeros pares, se repetem depois do quinto total; que umas são inversas das outras; que nas sommas de uma serie de 5, são alternadamente 5 e 0, e, nas de uma serie de 9, diminuem gradativamente de uma unidade, etc.

b) dispôr no quadro, em volta de um circulo, as terminações da taboada de 3, escrevendo os algarismos pares com giz de outra cor, e, apontando essas terminações, mostrar que as taboadas do 4 e do 6 formam um pentagono, as do 2 e do 8, uma estrella, as do 7 são as mesmas do 3, lidas em sentido contrario, etc.

c) mandar os proprios alumnos construlrem a conhecida taboada de Pythagoras, e resumirem-na em seguida, dispensando as repetições inuteis, após descobrirem intuitivamente por que $3X5=5X3$; $4X7=7X4$ etc.

d) organizar um quadro, com numeros bem legiveis á distancia, contendo a parte da taboada de multiplicar que custa mais a reter para que consigam decoral-a, só com o esforço de consultal-a, quando

se esquecerem de um producto) e que é a seguinte conforme demonstra a pratica: $6X6=36$; $7X6=42$; $8X6=48$; $9X6=54$; $7X7=49$; $8X7=56$; $9X7=63$; $8X8=64$; $9X8=72$; $9X9=81$.

Sempre que for possível, o professor levará os próprios alumnos a descobrirem a razão dos processos praticamente usados. Em vez de passar contas com números abstractos, façamos a classe resolver questões concretas e problemas da vida pratica. A escolha do problema exige um cuidado especial. Precisam ser bem graduados e redigidos com clareza e concisão, devendo o professor explicar-lhes os significados de termos de emprego frequente, como lucro, salario, mensalidade, grossa, capacidade, perimetro, etc., para que entendam o enunciado, antes de procurarem a solução.

Convém apresentar á classe um problema de cada vez, dando tempo sufficiente para que todos o resolvam e corrigindo-o logo no quadro, com a participação dos que o arrabaram.

Um unico problema bem comprehendido e analysado pela classe, será mais proveitoso do que 4 ou 5 feitos ás pressas, sem a menor reflexão e verificados tambem precipitadamente.

Si um alumno errou, importa que elle mesmo descubra por que, e procure rectificar o raciocinio desenvolvido, não tendo sido o engano de calculo. Só assim a correção lhe será util, pois aprenderá a corrigir-se.

Nada adianta mandar os demais alumnos copiar o exercicio feito no quadro negro; é bastante que indiquem, por um signal convencional, si a solução está ou não exacta. Si diversos alumnos erraram, é indispensavel que o docente proponha outro problema identico, afim de certificar-se si aproveitaram as explicações dadas, si aprenderam a raciocinar".

No 2º anno, o alumno saberá fazer as quatro operações e lerá números de muitas classes.

No 3º anno, curso medio e complementar, organizar-se-ão "tests" de capacidade e aproveitamento, tendo, em vista, em cada uma dessas etapas de estudo, a capacidade mental da classe. É conveniente que sejam adoptadas as repetições dos assumptos, para sua melhor positvação e memorização, em sabbatinas, sobre tudo, oraes. Em vez de regras, devem ser retidas as formulas, por mais simples e mais logicas.

É aconselhavel que o tempo do horario destinado á lição de arithmetica seja dividido em duas partes: uma consagrada á expli- cação da materia nova, outra á sua applicação.

Desde o começo, o systema métrico será ensinado, á vista das respectivas medidas, cujo uso a criança deverá assistir. Sobre esta

parte do programma, conforme o anno do curso, far-se-ão, mentalmente, calculos rapidos sobre motivos triviaes da vida diaria.

Ao ensinar arithmetica, o mestre inculcará no animo infantil, a persuasão da utilidade immediata desta disciplina, dizendo aos seus alumnos que ninguem pode viver, senão vegetativamente, sem contar, pois, mesmo os selvagens mais rudes contam até 5, repetindo-o em series, até o restricto valor numerico de que tratam...

A classe mais esclarecida, fará notar o auxilio que esta sciencia presta ás outras. Diga-lhe mesmo que a arithmetica, pelo seu alcance educativo e grandemente utilitario, na regularização dos negócios, é uma das primeiras, senão a mais importante das materias escolares. Isto influirá na decisão do seu estudo, tanto mais se este for feito recreativamente, com auxilio de jogos e problemas humoristicos.

Na methodologia da arithmetica, ha a attender, sempre e sempre, o crescimento mental dos alumnos, facto que o professor irá percebendo com a realização dos chamados "tests" de intelligencia (Consultem-se as obras de Medeiros e Albuquerque e Izaias Alves).

E tenha constantemente em mira que os melhores programmas podem falhar, se, na sua execução, não forem attendidos os principios da didactica que acabamos de proclamar, hauridos na propria logica dos números, como na experiencia dos grandes mestres da pedagogia moderna.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

Um dos alevantados intuitos pedagogicos da escola actual é integrar melhor o homem no seio da natureza de que elle não pode deixar de ser um elemento preponderante. Para agir, tirando proveito do ambiente que o cerca, ou procurando defender-se d'elle, quando hostil, está a razão de conhecer as cousas e os phenomenos naturaes, como a si proprio.

Alladas á Geographia, a Physica, a Chimica e a Historia Natural são, consequentemente, de uma grande utilidade num programma de ensino primario. Devem ser ministradas concretamente, *d'après nature*, ou á vista de specimens, gravuras nitidas e coloridas, para que a criança veja o objecto de que se trata, podendo perceber-lhe as suas principaes caracteristicas. O ensino será dado em forma de *lições de cousas* até o 3º anno, para, nos cursos medio e complementar, adquirir um sentido mais fundamental, mas ainda empirico. Pode-se começar pelo corpo humano, comprehendendo suas partes principaes, suas funções mais importantes. Tudo praticamente e sem termos technicos, que possam embaraçar o entendi-

mento e a linguagem infantis. Reserve-se a nomenclatura mais ampla para depois, bem assim as causas dessas funcções. A' vista de um mappa mural ou, melhor, do esqueleto humano, mostre-se o systema osseo; noutros mappas, o systema muscular, o da circulação, o da digestão, etc., etc. De modo que a criança passe a ter uma ligeira ideia de *si mesma*, de como a natureza constituiu o ser humano. FALLE-SE, depois, dos animaes domesticos, das arvores e de suas utilidades.

O mundo vegetal offerece, no Amazonas, um grande numero de motivos, de pôr a criança em contacto com a nossa prodigiosa natureza. Trate-se da estrutura das plantas e mostre-se a sua constituição superficial e interna. As partes de que se compõem, tudo á vista dos respectivos exemplares, para cujo fim a lição deve ser dada nos jardins ou nas proximidades da escola, onde haja muitos vegetaes. Classifiquem-se as raizes, os troncos e folhas. Sirvam de assumptos as suas varias applicações nas industrias, na alimentação, na medicina, etc. As crianças acompanharão o desenvolvimento das arvores plantadas no pateo da escola. Lembre-se o professor que, neste Estado, vivemos das industrias extractivas das florestas. Mostre aos seus alumnos seringueiras, castanheiras, cacaoeiros e outros especimens da nossa flora incomparavel e falle dos serviços que nos prestam, como a todos os habitantes da Amazonia. Sempre em linguagem ao alcance da comprehensão infantil.

A educação e a instrucção têm de preparar a criança para a actividade local, para o meio onde ella, mais tarde, terá de agir. Por isso, é conveniente que lhe seja particularizado o ensino da vida regional, para, d'ahi seguir, como em círculos concentricos, ás mais afastadas regiões.

O conhecimento dos animaes domesticos, dos insectos, dos ophiidios, tudo pelos seus nomes vulgares, será assumpto de repetidas lições, dizendo aos estudantes quaes as suas applicações mais valiosas... Diga-lhes que o rio Amazonas é o maior viveiro de peixe, do mundo. Destaque-lhes os exemplares mais procurados para a alimentação. Falle da tartaruga e do peixe bol, bem assim da necessidade de sua defeza, como da de outras espécies aquaticas, em prol do nosso futuro economico.

Não devem ser esquecidos os animaes das selvas amazonicas, distinguindo os considerados perigosos; assim os insectos, as formigas, etc. Não sendo possivel levar as crianças a um Museu, façam-se pequenas excursões nos suburbios da cidade ou nas visinhanças do local da escola. Ahi, haverá tanto que mostrar, pois, o ensino das sciencias naturaes, para se tornar proveitoso, carece ser baseado na observação directa e na experimentação. Bom seria igualmente que

os estudantes conhecessem, praticamente, nos individuos ou nas gravuras, os differentes typos das raças humanas. As escolas precisam possuir, para esse fim, melhor do que as estampas, uma collecção de *mascaras ethnographicas*, em que certas características, *verbi gratia*, o prognatismo, se percebem por um simples golpe de vista.

Depois de possuir uma noção ligeira dos seres organizados, passe o docente ao reino mineral, para tratar dos principaes elementos que se acham no solo. Comece pelas pedras que a criança conhece; mostre-lhe ás outras especies de *rochas*, taes como as argillas, as arelas, o giz, o kaolim, etc., etc. Em seguida, as pedras preciosas mais communs.

Os *metaes* constituirão motivos de palestras em que se desataquem a sua classificação geral e a applicação industrial dos mais necessarios. Como *lições de cousas*, elles offerecem um manancial abundante e util, no ensinamento infantil. Não se deixe de accentuar o papel que o ferro, o carvão de pedra e o petróleo têm desempenhado no progresso de todas as industrias, fornecendo-lhes as *materias primas* com que se fabricam e põem em movimento machinas para fins tão diversos.

Da mesma forma que se ministram, na escola primaria, tantos e tão proveitosos conhecimentos praticos de Historia Natural, faça-se o mesmo com a Physica e a Chimica, servindo de *lições os phenomenos* que a criança vê quasi diariamente.

Na ausencia de gabinetes apropriados, os estudantes, com a indicação do professor, arrannjarão suas collecções. Assim: "uma tijella serve de cuba, um copo grande substitue uma campánula, uma garrafa espherica é um excellent balão, que, cheio d'agua, serve de microscopio, um vidro facetado ou um pingente de lustre decompõe a luz solar, uma cafeteira de metal polido é um espelho convexo, um pedaço de macarrão ou um de borracha serve de syphão, dois tubos de vidro ligados por um cano de borracha formam vasos communicantes, duas tampas de latas suspensas por fios das extremidades de uma vareta constituem uma balança; com um tinteiro vazio, faz-se uma lampada de alcool; com taças de crystal, garrafas com agua, laminas e fios realizam-se experiencias acusticas; com um copo em que se queime um bocado de algodão ou papel, applicado como ventosa ou emborcado num prato com agua, demonstra-se a existencia da pressão atmospherica; uma agulha de coser, que se friccionou com um imán, presa a um fio ou fluctuando sobre uma cortiça, funciona como uma bussola, etc. Não ha, pois, razão de ministrar-se um ensino puramente verbal, derramando-se em espiritos passivos um amontoado de factos e abstracções, para que aprend-

dam de c6r" (Do Programma do ensino primario, da Paulic6a, de 1925).

A Ch6mica 6 fonte interessante de muitos estudos. O alumno dever6, na escola primaria, ter uma id6ia dos inumeros recursos que ella presta 6s ind6strias, 6s sciencias e 6s artes. Diga-lhe o professor que, pela analyse ch6mica, fazendo decompor todos os corpos, nos seus elementos mais imponderaveis, n6o ha mais segredos na constituic6o desses corpos. Falle dos serviç6os que ella presta 6 Hygiene, pela fiscalizaç6o directa e positiva dos nossos alimentos.

Mas, n6o desça 6s minudencias, n6o leve o estudante 6s formulas, porque o ensino s6 pode ser pr6tico, objectivo. Apenas, no curso complementar (Escola Modelo), 6 permittido entrar no dom6nio da nomenclatura, guardando aquella descriç6o de quem sabe n6o estar fazendo, de cada alumno, um cientista, mas um homem esclarecido sobre tantos phenomenos, assim, delles, saiba utilizar-se.

A Physica presta-se a um ensino mais recreativo, portanto, mais attrahente. A crianç6a 6 seduzida pelas experiencias, que o mestre ter6 oportunidade de realizar mesmo, na aula, sem gabinete proprio. Uma collecç6o de objectos de uso diario, daquelles que se encontram na escola, presta-se a numerosos exercicios. Depende isso da intelligencia do professor. Peca a attenç6o da classe para os phenomenos da press6o do ar e seus effeitos, da hydrostatica, força centrifuga, equilibrio, mecanica, calor, acustica, etc., etc. Tudo isto experimentalmente, sem caracter de curso, sem a indagaç6o do porque desses phenomenos. Do curso medio em diante, o alumno poder6 ir disciplinando seus conhecimentos, a começ6o pelas propriedades geraes dos corpos para, depois, entrar na comprehens6o de algumas leis geraes, *verbi gratia*, a da attracç6o universal, a do equilibrio dos lquidos, etc.

O ensino, quer da Physica, quer da Ch6mica, at6 o curso medio, inclusiv6, dado o seu empirismo, n6o precisar6 de compendio. O professor improvisar6 as liç6es, nos termos dos programmas respectivos, podendo utilizar-se, para sua leitura particular, no ensino da Physica, do interessante livrinho de L. Danton, intitulado "Physica Recreativa-Experiencias curiosas no alcance de todos".

EDUCAÇ6O MORAL E CIVICA

Conjunctamente com a educaç6o intellectual, em que se desenvolvem e se disciplinam, pelo raciocinio, as faculdades perceptivas e de assimilaç6o, deve-se ministrar o ensino moral e civico, como preparo dos sentimentos na formaç6o do caracter e no amor 6 Patria.

Na educaç6o moral est6o todos os deveres, que o alumno tem

de cumprir, nas relaç6es com as pessoas de sua familia e com os estranhos, entre os quaes o seu professor e collegas. Ensine-se o respeito 6 verdade, 6s conveniencias e 6s opini6es alheias; a veneraç6o aos velhos, a piedade pelos infelizes, o auxilio aos fracos, emfim a philanthropia, como express6o mais elevada do sentimento humano. A compaix6o pelos animaes, evitando seus soffrimentos, 6 um signal de bondade.

O cumprimento da palavra p6e em evidencia o caracter de quem, nella, empenhou sua honra. A mentira deve ser abominada. A gentileza 6 o traço da conduta de uma pessoa bem educada.

A educaç6o moral faz extinguir, em n6s, os instinctos da animalidade, tornando-nos brandos, doces, attenciosos, magnanimos, caritativos, resignados e sinceros.

Como conseguir, na escola, lançar na alma da crianç6a as sementes de t6o grandes predicados?

O professor ser6 o exemplo vivo da conduta, afim de que possa ser o gui6o, o plasmador da conduta alheia. As crianç6as gostam de imitar tudo que v6m e repetir o que ouvem. Evite-se, portanto, praticar qualquer acç6o menos digna ou proferir palavras sem decoro, diante dellas.

Os contos de fundo moral, para despertar a commiseraç6o, o perd6o, a coragem, o espirito de sacrificio, a fraternidade e a abnegaç6o, influem, de um modo benefico, na alma infantil. Outros, em que se exprobem a vingança, o odio, a avareza, a vilania, a mentira, etc., completam as directrizes na formaç6o do caracter da crianç6a. Exaltem-se-lhe as vantagens do trabalho.

O estimulo 6s acç6es de benemerencia cria uma predisposiç6o moral, que se reproduz em outros factos dignos.

A id6ia de justica e de liberdade entrar6o no espirito de quem se educa, pelo constante exemplo de factos, cuja success6o offerece ensejo para vivos doutrinamentos do professor. A existencia de presidios, que a crianç6a v6 ou tem noticia, como de hospitaes, manic6mios, casas de correcç6o, creches, etc., proporcionar6 oportunidades 6s mais variadas e proveitosas liç6es de moral. Combatam-se as licenciosidades dos costumes, que campeiam na vida mundana, nas praias de banhos, na litteratura obscena, nas cintas cinematographicas, etc.

Tantas s6o as occasi6es, quasi a proposito de tudo, que um docente disp6e para ir formando e solidificando os sentimentos de pudor e dignidade, que constituir6o o caracter das geraç6es novas.

N6o 6 possivel dizer quando, como e onde, em que idade ou que logar, a educaç6o moral careça intervir em t6o alto designio. Basta verificar que a actuaç6o deve estar no ambiente da escola,

ambiente creado pelo professor (Vide "A Moral na Escola", por Julio Payot, traducção de Chagas Franco).

Mas, o homem não vive somente para si, para a familia e para a sociedade. Tem diante delle a Patria, entidade mais elevada a exigir-lhe superiores dedicacões, em troca de outras que lhe consagra. Não basta que cultive sentimentos de respeito, estima e carinho pelos individuos que o cercam, dentro ou fóra da familia. Seus deveres, de cidadão, estendem-se á nacionalidade de que elle é uma particula necessaria, na segurança e desenvolvimento dos seus destinos.

Para que a criança comece a ver a Patria como um symbolo sagrado, diante do qual seu coração e sua ventade não de palpitar e fremir, nos augurios da grandeza e felicidade, é mister educal-a no amor a tudo que a ella pertence, desde o territorio com suas velhas e heróicas tradições, até a mais modesta casinha indigena dos seus campos ou florestas.

Como despertar e fazer florescer esse amor, essa entranhada dedicacão nos pequeninos estudantes?

Cumpra ao professor chamar a attenção, dos que lhe foram confiados, para a opulencia e variedade da natureza do Brasil, natureza que encerra os maiores thesouros, a mais abundante reserva de materias primas, do continente americano.

Faça-lhes notar que somos proprietarios de um dos mais vastos e futurosos paizes do globo, contendo todos os climas e sendo, por isso, capaz de produzir todos os vegetaes, de outras regiões, indispensaveis á vida humana.

Mostre-lhe os lindos panoramas, que cobrem as nossas terras, os magestosos rios que a serpejam, as alterosas serras que se desenhnam no seu horizonte, a extensão do nosso littoral, a intelligencia e a bondade do nosso povo. Desca nos faustos da historia nacional e exalte, com justiça, a bravura dos nossos maiores e tudo que elles realizaram, para nos legar uma nacionalidade grande e respeitada.

Tudo isso ha de calar fundo, ha de impressionar o espirito e o coração dos nossos escolares, despertando-lhes esses sentimentos cívicos, que accendem a chamma sagrada do patriotismo.

A geographia e a historia do Brasil offerecem muitas lições de civismo. Leia o professor, em aula, o excellente livro de Affonso Celso, "Porque me ufano do meu Paiz", certamente, encontrarão, nas suas paginas, motivos de nos orgulharmos da terra em que nascemos e da gente que a domina. Cantem-se os nossos hymnos patrioticos.

Ensine-se ás crianças dos cursos medio e complementar, os direitos e deveres dos cidadãos brasileiros; os principios da nossa organização politica e administrativa; os direitos da liberdade de pensamento, etc.

Abra-se a nossa Constituição Federal e leiam-se os trechos mais importantes dos capitulos sobre aquelles assumptos. Alguma cousa, de proveitoso, ha de ficar no entendimento dos alumnos.

Para o cultivo dos sentimentos moraes e civics, todas as escolas devem organizar, como já o fizeram os nossos Grupos escolares da capital, a Liga da Bondade, associação de crianças destinada sob os auspícios de suas professoras, á pratica da virtude e ao culto da Patria.

O "Diario Official", do Estado, de 12 de julho de 1925, publicou os Estatutos desse sodalicio infantil, que tem collimado os melhores exitos, naquelles Grupos. Trata-se de um centro de interesse, muito cabivel nos moldes da escola activa, no qual se executam todos os postulados que se assumilam. Na Liga da Bondade, os seus associados juram abominar a mentira, os vicios, a deshonestidade, a vingança, a preguiça, etc. Juram ainda praticar os sentimentos de brío, a fraternidade, a gentileza, o perdão, o respeito, a veneração aos velhos, a commiseracão pelos apimaes, etc. A Liga festeja as datas nacionaes, exaltando a significacão patriótica que contém.

Vê, pois, o professor que, na execução do programma de educação moral e civica, não faltam ensembles para despertar e orientar, nos seus alumnos, as qualidades de homem de bem e de patriota.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Com a velha denominação de gymnastica estão comprehendidos, em nossas escolas, todos os movimentos disciplinadores da evolução do organismo infantil, afim de que este se desenvolva gradual e harmonicamente.

Não estamos mais na época do acrobatismo, na intenção de obter uma raça forte conseguida sem ordem nos exercicios, inobgervadas a duração e a intensidade destes.

Hoje o caminho é outro, porque não se desejam mais atletas, que nem todos podem ser, mas homens regularmente desenvolvidos, sadios, energeticos e predispostos para a acção.

Procura-se a força pela saude, conforme a finalidade da gymnastica sueca, mas não a saude pela força, nos termos da escola hellenica.

A gymnastica ou melhor a educação physica baseia-se em preceitos elevados, que requerem, de quem a ministra, amplos conhecimentos de anatomia e physiologia, sciencias biologicas que não se improvisam, quando se trata de zelar pelo desenvolvimento normal, bem equilibrado, de uma criança.

O professor primario, consciente do seu papel e da responsabilidade que assume ao *commandar* seus discipulos, deve ser um estudioso dos principios, em que se funda esse desenvolvimento, applicaveis como *gymnastica escolar*.

Não precisa ser um *scientista*, para collimar o exito da educação physica. Suas attitudes serão, no entanto, norteadas na observação directa de cada alumno, para perceber as condições do seu organismo e estabelecer quaes os exercicios que lhe são uteis, sua duração e intensidade.

E' mister que conheça bem toda a classe, para dividil-a em turmas, não pelas idades, cujo coefficiente tantas vezes é falho, mas pelo gráo de resistencia que podem offerecer.

Nos exercicios de conjuncto, irá fazendo retirar e repousar, os alumnos que mostrarem começo de fadiga. Jamais deixará que a turma chegue a cançar, para que não se annulle o effeito salutar da gymnastica. Os productos das combustões que se dão nos musculos, durante os movimentos, precisam ser eliminados pelo affluxo regular do sangue, que tambem se perturba nos exercicios excessivos demasiadamente intensos.

O mestre tenha em vista que o canção produz perdas sensiveis que, nem sempre, se reparam com presteza. Ao contrario de desenvolver, exgota. Cuidado, muito cuidado, logo que se manifestem os primeiros symptomas desse fraquejamento organico.

Os exercicios gymnasticos devem ser executados de preferencia, no pateo da escola, ao ar livre, para que as crianças possam respirar bem o ar oxigenado, abrigadas dos raios solares. Devem ser diarios, uma ou duas vezes, nos intervallos das aulas, após as lições que obrigaram, por algum tempo, á immobildade.

As marchas rythmadas, acompanhadas de canticos, são agradaveis aos estudantes.

Os professores terão em vista as vantagens da gymnastica respiratoria, para não deixar de applical-a sempre, no final de cada exercicio.

Na execução de cada numero do programma, vejam que taes exercicios não têm por fim somente o desenvolvimento racional do corpo humano, o equilibrio das suas funcções organicas, o metabolismo, mas ainda o augmento da agilidade e a correccão das attitudes para que não deformem esta ou aquella parte do corpo.

A gymnastica escolar possui um proposito educativo, que não pode ser confundido com as outras finalidades que os seus exercicios abrangem. Ella deve perdurar desde que o alumno se matricula, até que se despeça da escola, preferido o systema sueco, visto ser o mais

consentaneo com os principios da physiologia e dispensar apparelhamentos.

O tempo dos exercicios, attento o rigor de nosso clima, não deve ser maior de vinte minutos, para os estudantes mais robustos, e mais de dez para os mais fracos. O bom senso do mestre regulará o horario respectivo.

Os jogos de caracter pedagogico, bem orientados e nada de exhaustivos, constituem meios de educação physica, que o professor assistirá, para ir corrigindo e evitando os impetos prejudiciaes. Lembre-se, ao se achar em meio desses folguedos infantis, que a gymnastica, tão indispensavel do berço ao tumulo, o melhor preventivo contra a inercia ou contra a vida sedentaria, é, ao lado da prophylaxia e da hygiene, o factor mais poderoso da eugenia, do apuramento da nossa raça. Aos alumnos mais adiantados (curso medio e complementar), aos que comprehendem os desastres de ordem physiologica e psychologica dos exercicios violentos, faça notar as inconveniencias do "foot-ball" e de outros jogos grandemente divulgados entre nós, nesta terra, cujo clima não permite, sem prejuizo da saude, movimentos tão excessivos e de effeitos tão intensos.

Não faltam "sports" embora alheios ao nosso programma, que condizem com o meio amazonense, entre outros, a natação, com o tempo limitado á resistencia de cada individuo.

Quanto propriamente á gymnastica escolar, rogamos, como orientação didactica que seja observado o seguinte plano, autoria do professor Augusto Ribeiro de Campos, Inspector de Exercicios Physicos de S. Paulo :

"Si ha aula que deve ser cheia de vida, cheia de exercicios e cheia de mobilidade — essa é a aula de Gymnastica. A criança deve ir a uma aula de Gymnastica como quem vai a uma festa e não a um enterro, a um acto funebre. Por isso, deve sempre o professor preparar ou predispor os animos para essas aulas, em que se faz a festa do musculo, a festa da saude.

As lições devem ser *completas*. Cada aula deve começar sempre por uma sessão preparatoria, que é o primeiro momento ou por exercicios preliminares, inicias, e terminar sempre por uma volta á calma, que é o ultimo momento, com exercicios finais e respiratorios.

Os caracteristicos da lição completa são os seguintes: — a lição deve ser *continua*, *alternada*, *gradual*, *atrathente* e *disciplinada*. *Continua*—quando só é cortada, interrompida, pela mudança de exercicios ou pela passagem aos exercicios respiratorios, finais.

Alternada—quando constituída por uma successão de exercicios interessando, alternadamente, as partes superiores e inferiores do corpo.

Gradual—quanto á intensidade, quando os exercicios são escolhidos de tal modo que a energia necessaria para executal-os vae crescendo do começo da sessão preparatoria até ao começo do ultima terço da lição e daí decrescendo até á volta á calma; ou **gradual** quanto á **difficuldade**, quando, no decurso da instrucção, comprehende exercicios cada vez mais difficeis.

Atrahente—quando se variam frequentemente os exercicios e se introduzem os jogos durante a lição, para despertar o interesse dos alumnos e constituir realmente uma diversão.

Disciplinada—quando dirigida com firmeza e ordem.

A lição completa compõe-se dum conjunto de movimentos—applicando-se integralmente a todo o corpo. A ordem em que se agrupam os exercicios, ou em que se succedem numa mesma lição, não é indifferente, si se quer obter um effeito salutar maximo.

Por isso foi que Henrik Ling dividiu primeiro em **quatro categorias** os exercicios, componentes das lições; e essa classificação permite ao professor regular a **intensidade** progressiva do esforço muscular, como tambem a da **respiração** e da **circulação sanguínea**. Essa primeira classificação do methodo repousa numa base exclusivamente physiologica, a saber:

- 1º—exercicios preparatorios, iniciais;
- 2º—exercicios fundamentaes, principaes;
- 3º—exercicios derivativos;
- 4º—exercicios respiratorios, finais.

1º—Os preparatorios.

Têm por fim captivar a attenção dos alumnos; desentorpecer o tronco e os membros, dando-lhes flexibilidade; activar progressivamente a respiração e a circulação sanguínea, antes de começar os exercicios fundamentaes da lição propriamente dita, principalmente, quando estes ultimos se tornam energicos ou difficeis. E' uma verdadeira lição reduzida e attenuada pela qual se inicia a aula de gymnastica. Compõe-se essencialmente de **exercicios de ordem, de correção e de movimentos simples dos membros, da cabeça e do tronco, executados sem auxilio de aparelhos.**

Este periodo inicial da lição tem por fim fazer a preparação pedagogica e physiologica da classe de Gymnastica; descongestionar o cerebro, isto é, fazer a passagem, gradativamente, das aulas de **trabalho mental, de trabalho psychico**, para as aulas e exercicios **physicos**. Promove a excitação suave da circulação.

2º—Fundamentaes.

Compõem-se do conjunto de todos os exercicios, cuja utilidade Ling reconheceu para attingir ao desenvolvimento completo do corpo. Dividiu esses movimentos em grupos, segundo sua influencia especial sobre o organismo, ou ainda conforme a parte do corpo a que se applicam particularmente. Em cada um desses grupos, foram seriados methodicamente os exercicios, desde os mais simples e mais fracos, até aos mais complexos e mais energicos. Emfim, foi determinada a ordem em que convinha fazer succeder na lição os exercicios de cada grupo, obedecendo, para isso, aos principios e ás influencias, que já haviam servido para determinar a primeira grande classificação.

Eis a enumeração desses **movimentos fundamentaes** ou **principaes**, na ordem normal, mas não invariavel, em que se succedem na lição:

- 1º—exercicio das pernas;
- 2º—exercicios de extensão dorsal;
- 3º—exercicios de suspensão;
- 4º—exercicios de equilibrio;
- 5º—exercicios dos musculos dorsaes;
- 6º—exercicios dos musculos abdominaes;
- 7º—exercicios dos musculos lateraes;
- 8º—exercicios de salto;
- 9º—exercicios de respiração.

Esses differentes grupos não são limitados, nem exclusivos, pois um movimento qualquer precisa sempre, para assegurar sua execução regular e exacta, da intervenção de grupos musculares numerosos e variados, cujo papel deverá consistir mesmo, muitas vezes, em fixar, em immobilizar certas partes do corpo, enquanto outras trabalham. A classificação indica, portanto, a **influencia dominante**, ou o exercicio mais efficaz, e, de um modo geral, a ordem em que se succedem habitualmente.

3º—Os derivativos.

São destinados, como de repouso relativo ou descongestionantes, a ser intercalados, sendo preciso, entre os exercicios de dois grupos successivos; afim de acalmar o systema nervoso e restabelecer a circulação normal do sangue, ou a respiração, modificadas profundamente por um trabalho precedente.

Assim, por exemplo:

- a) — Os exercicios energicos das pernas servem para desconges-

tionar o cerebro; constituem, por isso, um bom movimento derivativo para o alumno, ao começar a lição;

b)—Os movimentos lentos das pernas, ao contrario, combinados sobretudo com inspirações profundas e rythmadas, acalmam e regularizam o curso do sangue;

c)—A combinação dos movimentos dos braços e das pernas, que facilitam a marcha do sangue para a periphéria, etc., serve para descongestionar os grandes vasos do centro do organismo.

Os exercicios para as pernas não formam sempre um grupo distincto na lição de Gymnastica propriamente dita. Desempenham ahí, geralmente, o papel de exercicios preliminares e derivativos. Neste ultimo caso, são utilmente intercalados entre os movimentos dum mesmo grupo, quando os exercicios são muito energicos.

O professor comprehenderá a necessidade da Intromissão dos exercicios derivativos de conjuncto na lição de Gymnastica sueca, quando tiver reconhecido a intensidade e energia de muitos movimentos especiaes; sobretudo, si se lhe accrescentar esta outra circumstancia muito importante, que os gymnastas se exercitam sempre simultaneamente, mesmo em apparelho, contrariamente ao que permitem outros apparelhos, cuja construcção obriga a exercitar cada alumno isoladamente e durante uma fracção realmente irrisoria do tempo consagrado á lição.

4º—Os respiratorios.

Compõem-se essencialmente de elevações, ou afastamento dos braços, acompanhados de profundas inspirações, seguidas de expirações rapidas, completas, durante o abaixamento e approximação dos braços e, ás vezes com leve flexão da cabeça para traz, com extensão do tronco.

Os exercicios respiratorios, no fim da lição, têm papel analogo ao que têm os exercicios preliminares no começo da lição; mas, sua accção, por natureza calmante, contribue poderosamente para a educação dos musculos inspiradores e para o desenvolvimento da capacidade respiratoria ou vital. Cabe aqui accrescentar, de passagem, que, para atingir a esse fim capital, a respiração deverá ser conduzida judiciosamente durante todos os exercicios gymnasticos. Além disso, enquanto os musculos estão em trabalho, é que urge oxygenar o sangue e livral-o pela respiração das perdas resultantes das combustões organicas, sob pena de se chegar ao envenenamento do organismo, ao esfalfamento e a incommodos cardiacos—isto é, á negação da Cultura Physica". (Extrahido da "A Educação", vol. VII, n.º 3, de julho de 1929).

Concluindo este capitulo sobre educação physica, depois de indicar o plano em que se desdobram as respectivas lições, no curso elementar, vejamos alguns conceltos mais, que positivarão o que atraz dissemos, applicaveis aos cursos medio e complementar.

O professor deve ser auxiliado pelo medico escolar, quando tiver de organizar as turmas dos seus alumnos, attendendo que a gymnastica educativa tem por fim a saude, a robustez e a graça nos movimentos. Seria até vantajoso que um clinico sempre assistisse os respectivos exercicios, para estabelecer a medida de sua intensidade e duração.

O dr. Fernando Azevedo accrescenta outros preceltos:

"Do accôrdo com o desenvolvimento intellectual da turma, o professor fallará sobre a physiologia do exercicio muscular e a theoria da fadiga.

No ensino dos exercicios physicos deverá o professor ter a maxima attenção quanto ao sexo, á idade, á progressão, coordenação dos movimentos, qualquer que seja sua natureza. Assim, as marchas e corridas devem preceder as de velocidade; estas, as de resistencia; os exercicios simples, os combinados, e os fundamentaes, aos de applicação. Os jogos devem ser iniciados pelos recreativos, seguindo-se aggressivamente, os de preparação desportiva, os esportivos e de preparação athletica. Os exercicios do sexo feminino deverão differir dos do sexo masculino; quanto á intensidade, á applicação e á esthetica.

Depois de praticados separadamente, repétindo-se cada um 4 a 6 vezes, serão os exercicios grupados em pequenas series de 3 ou 4 que accionem uma mesma parte do corpo e tenham igual intensidade, devendo-se após á sua execução, praticar 2 a 4 respirações profundas, seguidas de um pequeno descanso, afim de dar folga ao coração.

A aula de gymnastica será dividida em 3 tempos: 1.º marchas e evoluções; 2.º—exercicios propriamente ditos; 3.º—jogos. Exceptuam-se a aula de gymnastica rythmica, após a qual só jogos poderão ser praticados.

Em cada aula deve o professor fazer com que os alumnos executem movimentos que interessem o organismo integralmente, obedecendo á seguinte ordem: seguimento dos membros superiores e inferiores; dorsaes superiores, inferiores, lateraes; abdominaes.

Os exercicio serão ensinados por imitação, executados pelo professor isoladamente, após as necessarias explicações e, depois, juntamente com os alumnos, pelo menos, nas suas primeiras execuções. Antes da execução do movimento, dirá o professor o nome tecnico do exercicio afim de que os alumnos o aprendam sem grande dispendio de attenção. Para corrigir a attitude viciosa do alumno, deve o

professor executar a attitude ou movimento para mostrar a differença que ha entre uma e outra, sem ser necessario tocar no alumno. Deverão ser evitadas as attitudes estaticas para a execução de series dos exercicios. Exemplos: attitudes desviadas dos membros inferiores em flexão; attitudes dos membros superiores-thorax, hombros e nuca, salvo no caso de movimentos do tronco e cabeça em que se poderá manter a attitude durante a repetição dos movimentos. A não ser em casos especiaes, as attitudes devem ser movimentadas (voltar a posição de sentido em tempo 2), sejam os exercicios combinados entre si, ou com movimentos de outros membros, tronco ou cabeça, considerando-se sempre que os movimentos lentos e moderados, ao se retornar a posição de sentido, no tempo dois ou quatro, produzem o estimulo physiologico, sem excitar, portanto, o metabolismo nem provocar estafa, muito especialmente quando se tratar do sexo feminino ou de alumnos de tenra idade, sem exercicio, etc.

Nos exercicios e jogos, todo excesso deve ser evitado. Assim os jogos e partidas devem ter o caracter mais de emulação que de competição.

Na pratica do lançamento de disco, dardo e peso, para os alumnos do sexo masculino; cabo de guerra, corridas, salto e pratica dos exercicios em aparelhos suecos, a preocupação do professor deve ser, tanto quanto possivel, exercitar os alumnos de accordo com a idade, sexo e tendo sempre em vista o que elles possam dar e não o que deveriam.

A pratica das attitudes imitativas, com allusão aos officios do curso profissional, deve ser considerada meio efficaz de evitar o desequilibrio de esforços, e, por consequente, a estafa, as doencas e defectos do officio. Será este, portanto, o ponto de toque na pratica dos exercicios physicos nas escolas profissionais femininas e masculinas.

A educação physica para ser integral deve visar o seguinte: a)—Dar mobilidade e ampliação á caixa thoraxica, afim de augmentar a capacidade respiratoria; b)—Fortificar especialmente os musculos abdominaes, lombares, inspiradores e expiradores; c)—Desenvolver normalmente todo o systema neuro-muscular; d)—Corrigir os defectos de attitudes e habitos; e)—Aperfeiçoar os sentimentos de sociabilidade e solidariedade e a iniciativa; finalmente, aperfeiçoar a graça e belleza physica e moral. (Dos Programmas dos cursos complementares annexos á Escola Normal e aos Institutos e Escolas Profissionais do Districto Federal, 1929).

EDUCAÇÃO HYGIENICA

A saude, sendo condição indispensavel para o trabalho e para a felicidade humana, exige uma defesa que ninguém deve desconhecer. Nella, reside toda a alegria de viver. Sem ella, o progresso deixaria de existir, visto como o individuo enfermo é unidade morta, desvalorizada, na marcha da Civilização.

Pode-se garantir a saude, mediante preceitos de prophylaxia e hygiene. São esses que a escola, a titulo de conselhos, em palestras opportunas, dará á criança, chamando-lhe a attenção para os habitos de asseio e os meios de evitar a contaminação.

O professor exigirá dos seus alumnos que andem sempre limpos, mãos bem lavadas, unhas aparadas. Não é máo que se institua a revista de asseio, como revivescencia das nossas velhas escolas de outr'ora. No edificio escolar, faz-se mister um lavatorio, com agua abundante, no qual, a criança ao comparecer, lave as mãos, enxugando-as em toalhas de uso proprio. Proclamem-se constantemente as vantagens salutaes dos banhos, ao menos uma vez per dia, a limpeza dos dentes, ouvidos, olhos, nariz, etc. Em fim, façam-se notar os demais cuidados sobre saneamento e prophylaxia individual, para que as crianças, em suas casas, na rua, em toda a parte, possam praticar a defesa sanitaria que lhe ensinarem na escola.

A hygiene escolar não prescinde de intervenção do mestre em todos os factos e attitudes que possam influir na saude infantil. O que hoje foi um acto, amanhã pode ser um habito, se não for evitada sua repetição. Assim, a má posição de sentar-se, escrever, gesticular, andar, alimentar-se, beber, respirar, etc, quando feitos anormalmente, trarão consequencias damnosas á saude.

Os cuidados do mestre estendem-se ao ambiente da escola, na questão do ar e da luz, na disposição do predio, na altura das bancas em que os estudantes trabalham, no tempo e na intensidade dos exercicios, etc.

As crianças tambem não devem prescindir de conselhos, quanto á prophylaxia de molestias contagiosas e de outras, apenas de character endemico, sobretudo no interior do Estado. Diga-lhes como evitar a morphea, a tuberculose, o impaludismo, a verminose e algumas outras formas clinicas, que affligem muitos dos nossos compatriotas. Tudo, em linguagem simples, sem termos technicos. Peça ao medico escolar que realize, perante a classe, pequenas palestras, nesse sentido.

E, como complemento das lições de hygiene, combata, com exemplos patentes, mas impessoaes, os vicios que degradam o homem, a sociedade, a nação.

Na integridade da saúde dos nossos escolares está, em grande parte, o futuro do Brasil... (Leiam-se "Hygiene Escolar", de Leo Burgesstein, trad. hespanhola do Dr. Eugenio Jaumandreu y Luiz Sanchez Sarto, 1929, e "Codigo da Saude, Preceitos de Hygiene", do Dr. R. Chapot-Prevost, 1924).

TRABALHOS MANUAES

Os trabalhos manuaes, tal como devem ser dados hoje, revelam e caracterizam a "escola activa". Seu fim é essencialmente educativo, porque não visa preparar artistas ou artifices, mas predispor a actividade no sentido de **fazer e realizar**, criando, no estudante, as iniciativas proveitosas. Procuram estabelecer a ligação da ideia ao acto, a attitude entre o pensamento creador e a acção realizadora.

"Na escola nova é grande a importancia dos trabalhos manuaes, decorrendo mesmo dahi a distincção primordial entre ella e a escola que tem dominado até agora, de feição demasiado intellectualista, que descurava quasi inteiramente o trabalho das mãos. Visam crear e desenvolver, nas crianças, o amor a esse trabalho das mãos os chamados **trabalhos manuaes**, que têm, na escola primaria, finalidade educativa, activando o ensino no sentido economico e favorecendo tambem oportunidade para a educação esthetica.

Meio de expressão, prestam-se á manifestação concreta das impressões e observações colhidas, fixando e dando forma ao sentir e pensar, pois assim como a palavra reage sobre a ideia, delineando-a, tornando-a mais clara, mais definida, tambem esse outro modo de representação alarga as concepções.

O professor terá occasião de conhecer seus alumnos atravez das manifestações da linguagem, pelo desenho e pelos trabalhos manuaes, pois, as personalidades livres das peias, ir-se-ão revelando, na maneira de exprimir os mesmos factos e objectos.

Por isso terá o mestre todo o cuidado em respeitar as interpretações pessoas, de modo que não sejam abafadas as nascentes individualidades.

O professor guia nas observações e ensina a technica do trabalho, mas com cautella de não subjugar a iniciativa do alumno.

A modelagem, as construcções no taboleiro de areia, a cartona-gem, o recorte livre, os trabalhos em madeira e metal (fio e folha) são os que mais se prestam á expressão.

E' pelo trabalho em geral que o ensino adquire a maleabilidade necessaria a resolver os casos individuaes, pois, no **aprender fazendo** o methodo se confunde com o proprio trabalho, revelando o processo adquado a cada individuo, cujas faculdades, em cada etapa de sua

vida, encontram meios de desenvolvimento. Por isso, o trabalho manual—um dos aspectos do trabalho—é educativo pela reacção que provoca no cerebro, devendo em consequencia ser variado: recortes, modelagem, tecidos, cosinha, jardinagem, costura, *slويد* e outros, para que resulte desenvolvimento de toda a região motora do cerebro.

O trabalho realiza a educação physica, moral e intellectual. A habilidade manual se desenvolve pela coordenação dos movimentos e pela educação muscular. Os musculos se fortalecem, dando força physica. Educam-se os sentidos em geral e desenvolvem-se a attenção, o raciocínio, a memoria, a imaginação e a intelligencia pratica, que dá a visão rapida das cousas e favorece as decisões promptas.

Os alumnos encontram, elles proprios, nos trabalhos, nos trabalhos que vão executando e nas experiencias de laboratorio, as leis que regem os phenomenos, realizando o methodo do **redescobrimto**.

Os trabalhos manuaes são, além disso, meios excellentes de formação moral" (Dr. Fernando Azevedo).

A actividade variada, na escola, torna-se recreativa, pois, cada estudante pode occupar-se da feltura de um objecto, mas todos sob a vigilancia do professor. Não se deve repetir a confecção que não agradou ou despertou interesse. Deixe-se que a criança escolha, por si, o trabalho da sua predilecção. Todavia, convém incital-a á conclusão, afim de apreciar o resultado do seu esforço e da sua capacidade inventiva.

Mesmo nas escolas pobres, é sempre possivel conseguir material para essas confecções. Jornaes velhos, papéis de cores, restos de madeiras, maravalhas, barbantes, arames, retalhos de fazendas, barro para modelagens, uma porção de palha, uma pouco de areia num taboleiro, etc. etc., tudo se presta a esse genero de trabalho infantil. Entregue-se uma tesoura á criança e, duma revista considerada inservivel, permita-se-lhe que recorte as gravuras, que irá grudando em um caderno. E' isto um passatempo, que educa a attenção, os movimentos das mãos e a intelligencia, no cortar e adherir as "figuras".

Nada mais apropriado a traduzir o pensamento ou acção, quer se tratem de trabalhos para o sexo masculino, quer para o feminino.

As teceduras, em pequenas tiras de papel colorido, agradam muito e, pela sua grande variedade, se prestam a tornar a actividade attrahente e pesquisadora, entre os principiantes.

Os trabalhos de agulha, desde o ponto de alinhavo até os bordados em cambrá ou seda, offerecem mil oportunidades de despertar a actuação infantil, no **fazendo para aprender a fazer**.

A modelagem, em cêra ou barro, na execução de moldes e

objectos (copia ou invenção), constitue um grande auxiliar do ensino, ao revelar o senso do estudante.

É nas aulas de trabalhos manuaes que se despertam os penhores profissionais. Levanta-se, ali, nessas escolas-officinas, em que as mãos e a intelligencia conjugam os seus esforços, o véo que encobre a verdadeira capacidade do alumno, tantas vezes entregue a labores litterarios que não se condizem com as inclinações naturaes do seu génio artistico.

Incentivem-se, pois, os trabalhos manuaes, seja com o material escolar, seja com o que a criança traga de sua casa. Tudo serve, desde que o fim dessa actividade é educar todas as energias infantis e crear o habito de fazer, pela habilidade de transformar o acto mental em acção concreta, objectivada.

CANTO

Não menospreze o professor os exercicios de canto ensinado por audição. Elles educam a voz e têm uma grande influencia na formação moral e cívica dos estudantes.

Não é qualquer canção que se deve dar a uma criança, para repetir. Cumpre consultar primeiro a tessitura de sua voz, afim de que as phrases musicas não ultrapassem ao registro physiologico do seu ainda débil aparelho vocalico. Depois, é preciso que o estudante comprehenda o que canta, para que possa dar ao seu esforço o entusiasmo e imprimir na vocalização. O verdadeiro canto escolar é brando, cadencioso. "Conviria muito que uma canção cantada numa sala de aula não se fizesse ouvir distinctamente na sala contigua. Deve evitar-se que o andamento seja muito apressado ou muito vagaroso. Qualquer desses extremos é muito nocivo ao effeito do canto e á sua finalidade. Para preservar as vozes dos alumnos, deverá o professor mandar cantar ora em côro, ora em grupos isolados, ora a sós.

O professor deverá dispor todos os cantores de maneira a poder vê-los e a ser visto por elles.

Outra advertencia muito conveniente: não deixar supprimir as syllabas uteis; mas tambem não fazer escandir demasiadamente ou, melhor, **espevitar** todas as syllabas grammaticas.

Os professores devem ministrar aos alumnos copia **correcta** dos hymnos e canções; com isso se evitará que elles decorem versos truncados ou estrophiados". (Do "Cancioneiro Escolar", de Minas, prefacio dos professores Branca de Carvalho Vasconcellos e Arduino Bolívar).

Nas **instrucções**, para a execução dos programmas de ensino primario, referente ao canto, nas escolas do Estado de Minas, de 1925, ha preceitos que os mestres amazonenses podem adoptar:

1º) O professor, antes de mais nada, deverá escolher dentre os alumnos da classe, os que mostrem possuir melhores vozes e destacal-os para constituirem o primeiro grupo coral.

2º) Nos primeiros dias, tantos quanto julgue necessario, deverá obrigar os demais alumnos da classe, a ficarem em semi-circulo e em silencio, até que hajam aprendido bem a letra e a musica dos hymnos ou das canções escolhidas para os exercicios.

3º) Só depois, é que permitirá que estes ultimos participem do canto coral.

4º) Não permita que os alumnos, nos primeiros annos, excedam a oitava comprehendida entre o **dó** da primeira linha inferior e o **dó** do terceiro espaço da clave-de-sol.

5º) Deve adoptar o diapasão para dar o tom e, si possivel, utilizar-se de um piano, de um harmonium ou mesmo de algum outro instrumento para o solfejo, primeiro, e para o acompanhamento, depois.

6º) O exercicio de canto deverá ser **diario**, não excedendo, porém, de cinco a oito minutos.

7º) As musicas adoptadas devem ser simples e facéis. A principio servirão as proprias cantigas populares, ordinariamente entoadas pelos alumnos em seus brinquedos.

8º) Só depois que as vozes estiverem mais firmes e claras, iniciará o professor o canto dos hymnos e de outras musicas mais fortes e difficéis, observada, porém, cuidadosamente, a capacidade das crianças para tal exercicio.

Deverá preocupar-se tambem com obter, da parte dos alumnos, o canto sem esforço e com boa emissão e vocalização".

Para que os estudantes não se enfadem em executar sempre as mesmas canções, é mister que, em cada mez, sejam introduzidas, no repertorio, ao menos, mais duas novas canções, sem, contudo, ficarem abandonadas as antigas.

Particular cuidado deve inspirar ao docente a execução dos nossos hymnos, sobretudo, o Nacional e do da Bandeira, para que elles possam ser interpretados com a significação emotiva e patriótica que elles encerram. É descabível o exaggero, grotesco e tragico, com que, gritando mais do que cantando, tentam, ás vezes, executar-os em nossas escolas.

Convém não perder de vista que os nossos hymnos e canções, qualquer que seja sua fórma, são pedaços da nossa alma a vibrar pelos impulsos do nosso coração, como pela brasilidade do nosso Povo:

Agnello Bittencourt
(Director Geral)

PROGRAMMA E ORIENTAÇÃO

PARA

— OS —

Jardins da Infancia

PROGRAMMA PARA OS JARDINS DA INFANCIA

a) — ORIENTAÇÃO

O dever primordial de quem se propõe a executar um programma educativo é visar a saúde do corpo por uma estricte hygiene. Ao lado, pois, de condições primarias de ar, sol, agua em abundancia e providencias necessarias, através estreita ligação entre a escola e a familia, para que a criança disponha de alimentação adequada á idade, use de vestimentas folgadas, praticas, simples, impõe-se a desinfecção ou substituição do material de uso colectivo.

Satisfeitos os principios hygienicos, a preocupação dominante é a de conduzir a criança a possuir-se, conceptrar-se, dominar-se, despender e desenvolver efficazmente suas energias, disciplinar-se.

Constitue a disciplina, certamente, o ponto mais melindroso da orientação da jardineira, pois é difficil não confundir a liberdade com a desordem, as boas maneiras com a passividade, a actividade com a satisfação dos caprichos. A instabilidade é para os pequeninos a manifestação de que ainda não estão coordenados os centros motores; para os mais crescidos tal manifestação é sempre de origem pathologica, consequencia de má hygiene ou de intervenção excessiva, frequente, intempestiva dos adultos por desconhecimento da evolução dos instinctos.

Os alumnos do Jardim têm mais de tres e menos de sete annos de idade; são seres em formação, organismos incompletos a requererem incessantemente tanto o movimento que exercita as faculdades physicas, como as nocões que satisfazem as necessidades intellectuaes e affectivas. A verdadeira missão da jardineira, portanto, é a de preparar cuidadosamente o ambiente onde a criança se possa educar com a maxima liberdade em todas as manifestações espontaneas; onde encontre os estimulantes proprios a exercitar-lhe os sentidos; onde seja encaminhada discretamente, de modo que o esforço dispendido em sua auto-educacão não se torne demasiado, improficuo; onde desenvolva as pernas, os braços, a voz, ao mesmo tempo que se habitue a ver, ouvir, manusear, imitar, crear, perguntar, responder, atravez numerosos entretenimentos adquirindo, assim, costumes e curiosidades intellectuaes, mais tarde base do programma de ensino primario; onde aprenda a viver em sociedade, a amar os paes, os mestres, os collegas; onde desenvolva, em summa, o gosto e o espirito de observação.

Attentemos bem no valor que merece a palavra **liberdade** e lembremos aqui São Paulo, que affirmou: "Religio est libertas"; J. J. Rousseau quando dizia: "A liberdade do homem não consiste em fazer o que quer e sim em não fazer nunca o que não quer", ou ainda Montesquieu quando magistralmente define a liberdade como "o poder de fazer o que se deve". A liberdade é simplesmente a emancipação sempre crescente das faculdades superiores do espirito pela mecanização das funções inferiores uteis e necessarias.

Ensinemos a criança a conquistar a liberdade com a que se lhe outorga, para que amanhã, adulto, sabendo deliberar, libertar-se das contingencias, fazer o que deve fazer, não viva a repetir a celebre lamentação: "Não faço o bem que quero e faço o mal que não quero". A unica disciplina accetável deve exercitar todas as energias para realizar o bem, pois a passividade é contraria ás leis da natureza.

Sendo essencial a espontaneidade em todas as acções e impossivel que, sem plano suggestivo, o alumno se encaminhe por si só aos diferentes exercicios do programma, torna-se imprescindivel uma distribuição do material pelas salas de maneira que, ao seu ancaneo, podendo ser manejados com facilidade sem prejuizo da ordem e do asseio do ambiente, se encontrem sempre os elementos necessarios á expressão de todas as impressões. E' indispensavel, pois, reservar locais, á maneira de **atelier**, adaptando-se, quanto possivel, a determinadas occupaões, especialmente modelagem, desenho, collagem. Além disso, trabalhos ha que a criança não pode completar num só dia, devendo, entretanto, encontral-os sempre a seu modo, afim de ter impressão perfeita de que é respeitada, a aprender, consequentemente, a respeitar o alheio, **desideratum** que jamais se realizaria numa sala onde successivamente se executassem exercicios diversos.

Tambem se impõe a necessidade de installações apropriadas á cultura de plantas e habitação de animaes domesticos, em rigorosas condições hygienicas, é claro, para que o educando possa usufruir as vantagens do contacto com a natureza, sem prejuizo da saude, e affeição-se á harmoniosa obra de auxilios mutuos, graças ao seu concurso de trabalho, á sua dedicação.

Afim de que sejam adquiridos, desde cedo, habitos de collaboração, principio fundamental de todas as relações sociais, é de muito proveito a distribuição das crianças em grupos, abrangendo todas as idades, sem preocupação de desenvolvimento mental, bem difficil de se avaliar senão depois de observação prolongada. E' de grande vantagem, realmente, a intervenção dos maiores no trabalho dos pequeninos, proporcionando-lhes uma occasião de se sentirem uteis, dando-lhes ensejo do exercicio de paciencia e do **self-control**

aos pequeninos o contacto com os maiores, a observação de seus trabalhos e exercicios constitue optima escola de aperfeiçoamento a imitar, onde a gradação das difficuldades a vencer é muito mais suave do que seria imaginavel por qualquer adulto.

Cumpra ainda cuidar com especial carinho da ornamentação artistica do predio, onde o bello, com sua correccão, possa influir de certo modo na criança, amparando-a um pouco da moderna falta de gosto generalizada. Tal ornamentação poderá variar de accõrdo com o desejo de provocar commentarios que favoreçam o desenvolvimento das **idéas centrais**.

E' de bom aviso subordinar as lições a uma idéa central, isto é, encadear os diversos trabalhos da classe de forma que se harmonizem as diferentes observações e os sentimentos por ellas provocados, porque, ao contrario, a intelligencia infantil, em via de desenvolvimento, solicitada ao acaso, por um objecto agora, outro depois, por uma serie de objectos sem laço commum, depressa ficaria cansada, prejudicando-se, os fins a que se propõe a educação. Com um programma de idéas associadas ha, sem duvida, uma verdadeira economia de esforço intellectual, mercê da ordem em que são apresentados os estimulantes e a unidade nas inspiraões, realizando-se deste modo o sã desenvolvimento de todas as faculdades.

Todo conhecimento a ser ministrado, se assim nos podemos expressar, só attingirá o fim collimado, só poderá ser uma realidade, se o educador souber provel-o (esforço de imaginação) e se souber procurar o bom caminho a seguir, os bons meios a empregar, não em si, mas na individualidade da criança, o que lhe torna a tarefa bem mais difficil (esforço de inibição) e muito mais longa (esforço de suspensão de actividade, acto de paciencia, de expectativa). Succede ainda que na maioria dos casos, quasi mesmo em sua totalidade, a directriz escolhida após hesitaões, experiencias, provas, não será aquella que tenha o educador proferido ou previsto e, por consequencia, preparado, estudado. Dahi a necessidade frequente de um trabalho complementar, por parte do mesmo, para, num esforço de adaptação, orientar a lição de accõrdo com as condições do momento. Se o meio é propicio, só ha a esperar dos normaes, dos saões, que o verdadeiro interesse provoque o esforço espontaneo e, por sua vez, o esforço efficaç, que tem origem em appetite, ancia de saber, augmenta o primitivo interesse. Mas um e outro, interesse e esforço, só se manifestam em meio calmo, nascem da alegria e suseitam alegria, essa alegria que, já o foi dito, é a passagem para a perfeição maior. Tenhamos bem em mente que deve existir interesse real, experimentado pelos alumnos e não supposto, presumido pelo mestre, e não esqueçamos que é quasi insospitavel a tendencia que tem o adulto de

resolver tudo de accôrdo com o seu eu. O dictado tantas vezes tão justamente applicado na vida commum "o bom julgador por si julga os outros", assume proporções monstruosas, criminosas mesmo, no domínio da educação, representando pelo menos que o educador adopta a regra do menor esforço.

Em sua evolução, em todo entretenimento, em todo trabalho, passa a criança por tres phases importantes:

1ª) toma conhecimento do meio physico, adaptando as cousas a si mesmo, á sua phantasia, ás suas necessidades; é o periodo de actividade motora, muscular, de interesses disseminados, de curiosidade sensorial;

2ª) passa da actividade muscular e mecanica á actividade reflectida, da imitação machinal á criação intencional; a actividade motora, em summa, allia-se á actividade mental;

3ª) adapta-se ás exigencias exteriores, por isso que a actividade sensorial cede lugar á curiosidade scientifica, e assim começa a predominar a actividade intellectual, depois dos sete annos, em regra.

Essas phases deve o educador ter sempre em vista, para bem desempenhar sua missão. A' jardineira compete, pois, fazer de suas lições uma verdadeira pesquisa experimental, tornando-se necessario observar: si a criança se interessa pelo objecto da lição, como se interessa e por quanto tempo; a expressão physionomica, os gestos, as attitudes, sem a deixar perceber que erra ou não comprehendê, para evitar, tanto quanto possível, a duvida e o desanimo, para não perturbar a actividade espontanea, para não prejudicar as observações de ordem psychologica.

Taes observações, assim como os dados anthropometricos, as informações da familia sobre saude, habitos, preferencias especialmente quanto á alimentação, o modo por que adormece e desperta, principaes enfermidades que tenha tido, idade em que appareceram os primeiros dentes, tudo, enfim, que possa interessar, possa explicar o procedimento da criança no Jardim, deve ser cuidadosamente annotado para a organização da caderneta biographica.

E, como todas as tendencias affectivas se manifestam por actos que se repetem frequentemente, facilita muito a tarefa de quem deve estabelecer uma carta biographica, sejam esses actos classificados sob rubricas de mais a mais especializadas, á maneira de questionario, rubricas que permittam tomar conhecimento mais profundo da vida intima da criança, de seus sentimentos, sua affectividade, seu caracter, a natureza e a orientação de suas aspirações e sua vontade, rubricas como as que foram organizadas pelo dr. Decroly em seu *Examen de l'affectivité*.

Quanto mais um programma é definido e preciso, quanto mais

desce a detalhes, a minucias, tanto mais se sente a jardineira na obrigação quasi religiosa de o executar de accôrdo com a letra e menos auscultará os alumnos, consultando seus appetites, menos verificará que esses appetites variam de uma a outra época, de um a outro grupo e até de uma a outra criança, não sendo possível applical-o nos mesmos dias, ás varias subdivisões de uma escola.

Assim, pois, o intuito dominante da presente orientação é suggerir á jardineira uma leitura attenta dos autores que citamos, já ao correr da pena, já em taboa especial de indicações bibliographicas, habilitando-a a fazer trabalho original, pessoal, proveitoso para as crianças que lhe forem confiadas.

Apesar de ser o chamado *Methodo Decroly* "o melhor dos até agora ensaiados, rompendo com as tradições anti-pedagogicas da maioria dos programmas officiaes, em todos ou quasi todos os paizes do globo", no dizer de Ad. Ferrière, por ser o que possui a technica mais estudada, mais definida e mais efficaçamente transmissivel aos noviços pela theoria e pelo exemplo, nunca será demais repetir e recommendar o trabalho pessoal.

São ainda do autor citado os elogios seguintes: "Ainda que **imposto**, o methodo é tão adequado ás necessidades da idade que permite captar o interesse e pôr em jogo a necessidade espontanea de actividade... Approxima-se o dia em que manuaes Decroly serão publicados, dando em detalhe, ponto por ponto, as etapas do programma — **Alimentação, Intemperies e Trabalho Solidario** — com todas as rubricas, divisões, subdivisões e paragraphos... Nesse dia o *Methodo Decroly* estará definitivamente consagrado, mas o espirito que deve animar-o, ameaçado de ser definitivamente aniquillado. Tambem para os innovadores pedagogicos a Rocha Tarpéa dista pouco do *Capitolio*".

Esses manuaes, que talvez já existam, serão certamente como os que foram propagados pelo zelo intempestivo dos discipulos de Froebel, esquecidos de seus ensinamentos principaes, e que conseguiram tornar mal interpretado e julgado o autor da "*Education de l'homme*", que affirmava:

"Todo progresso depende de acção voluntaria da propria criança".

O desenvolvimento, o encadeamento a que sujeitar os temas ou centros propostos pelo programma, cuidadosamente annotado, os cadernos de trabalho, datados e organizados, já por alumnos, já por idéa central, os dados colleccionados para as cadernetas, darão idéa justa do valor da jardineira, de sua competencia, informarão os visitantes, satisfarão as visitas de inspecção.

O ensino ministrado no Jardim servirá de base ao programma

da escola primaria, escola activa esta como aquella, com a differença unica de servir o primeiro a criança em periodo de preponderancia sensorial. Ora, o objectivo da escola, as characteristics de um programma activo, são sempre, quer tratemos de uma escola secundaria ou de uma classe maternal: corresponder ao fim da educação geral preparando o alumno praticamente para a vida, em geral, e para a vida social, em particular.

Para realizar tal iniciação o programma deve dar á criança:

a) o conhecimento de sua propria personalidade; a consciéncia do seu eu, de suas necessidades, suas aspirações, seus fins, seu ideal;

b) o conhecimento do meio em que vive, de que depende e sobre o qual deve agir para que aquellas necessidades, aspirações, fins ideal se possam realizar.

Por varios modos podemos adquirir conhecimentos, mas a criança para adquiri-los, como temos visto, tem que primeiro considerar objectos e factos directamente por intermedio dos sentidos e pela expressão immediata, e só mais tarde, indirectamente, pela memoria que já experimentou, pelas lembranças, recordações *personales*.

Dahi os typos de exercicios:

I) Observação (aquisições pessoais e directas);

II) Associação (aquisições indirectas ou lembranças de aquisições anteriores);

aos quaes se juntam os exercicios de:

III) Expressão, que pôde ainda ser *concreta* (modelagem, recorte, construção, desenho, etc.) ou *abstracta* (palestras, trabalhos espontaneos).

Sentir, pensar, agir, exprimir são as phases que marcam a evolução dos conhecimentos e justificam os titulos a que subordinamos os exercicios do programma: **Exercicios de observação, Expressão.**

Como os exercicios, os horarios apresentados traduzem simples suggestões, pois em regimen de actividade espontanea, pessoal e productiva todas as manifestações com fim util devem ser permittidas á criança. Não obstante, começar a tarefa diurna por exercicios da vida pratica, aproveitar as primeiras horas da manhã para exercicios intellectuaes, seguiu-os de movimentação, evitar os longos estacionamentos de pé, são prescripções de que se não deve esquecer a jardineira, cabendo-lhe, por meio de suggestões habéis, discretissimas, conduzir os alumnos pela trilha que mais lhe convenha, conseguir que elles desejem, solicitem mesmo o que lhes seja mais necessario.

De quanto fica exposto resalta que o papel da jardineira é o de disciplinar a actividade ou seja conhecer seus alumnos, pois a base da disciplina é o conhecimento da criança. E a base desse conheci-

mento, que estabelece a mais estreita communhão entre educadores e educandos, communhão sem a qual nada se consegue e com que se aplainam os maiores obstaculos, é o interesse, a ternura, a affeição que a criança inspira.

b) — PROGRAMMA

Exercicios de Observação e Associação

(Desenvolvimento das aptidões sensoriaes e motoras)

1) **Jogos motores e visuaes motores:** Como educação muscular ou gymnastica deve ser comprehendida uma serie de exercicios não violentos tendentes a auxillar o desenvolvimento normal dos movimentos physiologicos (marcha, respiração, linguagem), a rectificar-lhes o rythmo onde se apresentem anomalias, a acostumar a criança a equilibrar, harmonizar os gestos na realização dos actos mais usuaes da vida.

Exercicios ao ar livre: jogos, marchas, brinquedos imitativos, apostar carreiras curtas, saltos; jardinagem; trato de animaes; excursões. Exercicios da vida pratica: arrumar em compartimentos apropriados objectos que se achem misturados; transportar-os a distancias variadas; mover cadeiras, sentar-se, levantar-se em silencio, trepar para alcançar objectos; caminhar em determinada direcção, transportando objectos, equilibrar-os na mão espalmada, nas pontas dos dedos; desabotoar e abotoar, desunir e unir colchetes, desatacar e atacar cordéis, desfazer e dar nós e laços; caminhar de gato; pequenos embrulhos; sombrinha chinesa. Despir e vestir, sem auxilio, aventaes, meias, etc.; pôr e tirar a mesa da merenda, arrumar a sala; caminhar sobre uma taboa, uma viga; repetir alguns dos brinquedos, dos jogos dos collegas; imitar attitudes de pessoas e de imagens. Enfiar contas; assentar pausinhos sobre mesas quadriculadas e em pranchetas perfuradas; perfuração; introduzir varetas de madeira em cartão talhado. Exercicios varios de adestramento muscular no quadro, na areia, no papel: preparatorios á escripta (encher figuras planas, contornadas ou não pela criança, que deve escolher a côr do lapis a empregar); ambidextria (circunferencias e linhas rectas, com a mão direita, com a esquerda, com as duas ao mesmo tempo).

Gymnastica da linguagem: exercicios de articulação após sessões do silencio que preparam as vias nervosas á recepção dos estimulantes auditivos.

Nota—Evitar os defeitos de pronuncia devidos ao funcionamento incompleto do aparelho da linguagem articulada. Escolher,

como intervenção das aptidões superiores de comparação, representação, análise, generalização.

Todos os jogos visarão, a princípio, dar á criança:

- I) Noção de presença e de ausencia.
- II) Noção de muitos e de um.
- III) Noção de repetição.

Com a escala dos comprimentos (Montessori)—contagem e calculo até 10; com objectos usuuaes (fructas, ovos, botões, sapatos, meias, etc.), Jogos Decroly, dons e occupações de Fröebel, todo o material de que dispõe o Jardim—contagem e calculo, noção de par, duzia, meia duzia, dezena. Alliar os números quantidades oblectivadas, nos algarismos: caixa dos fusos e escala dos comprimentos (Montessori), Jogos Decroly; lição sobre o zero; grupar quantidades pelos numeros sorteados. Exercícios com os olhos vendados; questões muito simples sobre trocos. Exercícios sobre a memoria dos numeros.

EXPRESSÃO

I) **Expressão concreta:** Desenho livre e espontaneo em folhas de papel colleccionadas e datadas pela professora, que nellas escreverá o que a creança tentou reproduzir; desenhos complementares aos dobrados e collagens; de imaginação; reproduzindo, por copia ou de memoria, os arranjos feitos com Bastonetes, aneis, figuras geometricas e objectos bem conhecidos; completando cortes e recortes; de memoria: reprodução de objectos e scenas já observadas pela criança, illustração de idéas centraes.

Dobrados muito simples, do proprio guardanapo da meranda, de papel, por imitação, sob dictado; series froebelianas. Cortes e recortes alliadados ás dobraduras e ao desenho; formas de vida e de belleza; recortes de imagens coloridas ou não, de revistas, catalogos etc.; tangramma chinês, construcção da bandeira nacional pela superposição e collagem dos planos coloridos e recortados pela criança.

Perfuração para alinhavos; alinhavos em cartão.

Tecelagem em papel com agulhas de aço; tranças de fitas de papel.

Cartonagem; caixas muito simples em cartão quadrículado.

Modelagem espontanea, com massa propria, miolo de pão, bolas, ovos, fructas, vasos; esfera, cubo, cylindro e objectos derivados.

Construcções froebelianas. Mosaicos de madeira, de papelão, de papel colorido: circulos, semi-circulos, quadrados, rectangulos, triangulos, fitas de papel. Arranjos de imaginação e imitativos com va-

retas articuladas, bastonetes, aneis, circumferencias, arcos, arames e cortiças.

Collagem de dobrados, cortes, recortes, mosaicos, trabalhos de tecelagem, entrelaçados, apresentados frequentemente para organização de quadros.

II) **Expressão abstracta:** Palestras que animem todas as occupações subordinadas, bom como as canções e os jogos, os themas idéas centraes para cujo desenvolvimento é essencial:

a) collocar a turma em condições de recolher, pelo systema peripherico sensorial, os estimulantes do meio para que se ponham em relação com elle (ornamentação da sala, animaes, plantas, estampas, brinquedos, desenhos pelos quadros);

b) evitar a monotonia e consequente falta de attractivos, apresentando o mesmo objecto sob os mais variados aspectos, para que as expressões, que não podem ser continuas, sejam renovadas, exercendo uma acção demorada: renovar sempre, não repetir, não reproduzir nunca;

c) escolher assumptos a que se prendam a criança e suas experiencias em relação á natureza, á escola, ao lar, á sociedade; dentre esses, aquelles cujo estudo, pela observação e pela experiencia, offereça o maximo valor educativo; dar preferéncia aos que sejam mais opportunos, e dentre os ultimos os que melhor o mestre conhecer;

d) escolhido o thema, asscoiar-lhe immediatamente a arithmetica e, tanto quanto possivel, noções de economia.

Animaes domesticos. Animaes que andam, voam, rastejam, nadam. Os que mamam, têm o corpo coberto de pellos, pennas, escamas, etc. Os uteis e os nocivos. Os que concorrem para nossa alimentação, para nosso vestuario.

O corpo humano, zelo, hygiene.

Plantas da horta, da chacara, do jardim, agrestes; as que nos fornecem alimento, remedios, calor, abrigo.

Ar; agua; sal; metaes e pedras mais conhecidas.

Residencia da criança: local do Jardim; caminho percorrido para vir da casa ao Jardim, melos de conducção; hora de levantar-se, vir á escola, merendar, etc.; dias de aula e de descanso; tempo de trabalho e de férias; dias quentes e frios; observações do tempo pela manhã, ao meio dia e á tarde; os dias da semana, os mezes, as estações.

Dias de festa na familia—anniversarios: nome da criança, idade, dia do nascimento, mês e anno; nome dos paes, avós, irmãos, parentes, conhecidos.

Comparar os alimentos e vestimentas com os dos adultos e recém-nascidos; as casas, as ruas, os vehiculos, etc.; as ruas da cidade e as dos arrabaldes e das roças.

* * *

Historias pela mestra á vista ou não de gravuras muito simples, evitados os enredos capazes de entristecer a criança e visando principalmente o aperfeiçoamento moral. Historietas pelo proprio educando. Canções. Recitativos. Advinhações. Pequenos hymnos civicos. Nossa bandeira.

Nota—As lições de nomenclatura—associação da percepção sensorial ao nome, reconhecimento do objecto correspondente ao nome, evocação do nome, correspondente ao objecto—devem ser breves, simples e objectivas, sendo ideal collimado julgar e fallar ~~na~~ a criança que a mestra. Evitar a sobrecarga da memoria com abuso de recitativos”.

(Extrahido dos Programmas para os Jardins de Infancia, do Districto Federal, 1923).

Programmas e Indicações

para o

Curso Preliminar

CURSO PRELIMINAR

(Crianças de 6 a 8 annos)

LINGUAGEM (expressão oral):

a) Ligeiras palestras com a criança sobre assumptos domesticos, taes como as horas de despertar e de repouso, preferencias de alimentação, pessoas da família, etc.

b) Trajecto da casa á escola, o que viu pelas ruas, pessoas conhecidas que encontrou; como foi que se transportou, si em auto, bond, canõa ou a pé. Si não observou algum facto que lhe fizesse mêdo ou causasse alegria, etc.

c) Nomes dos objectos encontrados na escola; o aspecto do edificio, sua situação, os alumnos, os professores, os recreios, etc., etc.

d) Descrição de alguns dosapparelhos escolares, para que a criança se habitue a ver cada objecto com a precisa atenção e possa, depois, com suas palavras, dar uma ideia do que haja observado.

e) Palestras sobre as gravuras que se acham na sala de aula, etc.

f) Palestras sobre os alimentos: a carne, o peixe, as fructas, os legumes, o pão, etc.

g) Idem sobre as arvores, os animaes, etc.

h) Historietas do fundo moral.

i) Recitativos de maximas, pequenas poesias, etc.

Esses motivos podem variar, conforme a oportunidade, tendo sempre por fim a coordenação e a expressão do pensamento, a concatenação das ideias, habituando a criança a **dizer** com a clareza e correcção compatíveis com a sua idade. Além disso, o professor, nestes exercicios bem variados e de pequena duração, vae fazendo aula de **lecções de cousas**.

LEITURA E ESCRITA:

O ensino da leitura e da escripta far-se-á em conjuncto com o da linguagem, desde o curso preliminar.

No ensino da leitura, o professor preferirá o methodo analytico ou da **sentencição**.

"De accôrdo com os principios fundamentaes deste methodo, iniciaremos o apprendizado pela **sentença**, em que é mais facil e natural a aquisição de palavras: as **palavras** aprendidas pelas crianças serão logo a seguir, empregadas em varias sentenças, que já devem

ser lidas de modo expressivo, para que se lhes implantem bons hábitos desde as primeiras lições; depois, os vocabulos dominados serão decompostos em seus elementos — primeiro em *syllabas*, e estas, posteriormente, em letras para que se habilitem a ler, sem embaraços, *palavras novas*, que, por sua vez serão introduzidas em numerosas *sentenças*".

Na applicação deste methodo, observar-se-á a seguinte processologia:

1) — **Phase preparatoria.** Palestras com a criança, á vista de objectos ou gravuras, para desembaraçar as timidas, captar-lhes a sympathia e conduzi-las a enunciarem sentenças completas, sem lhes tolher a liberdade no dizer o que pensam e o que sentem.

Esses exercícos oraes facilitam a classificação das crianças, que serão distribuidas por tres turmas de dez a quinze cada uma (classe A, B e C), conforme a sua viveza, idade e desenvolvimento intellectual.

Início da leitura. Formadas as classes, chamaremos successivamente cada uma dellas ao quadro negro, dispondo as crianças em duas fileiras paralelas, a sufficiente distancia do mesmo, e dirigimos-lhes perguntas sobre cousas ou gravuras que se relacionem com os assumptos das primeiras lições da cartilha a adoptar, sem comtudo nos prendermos á letra das sentenças do livro. Toda a sentença formulada pela criança será lançada no quadro e lida pausadamente pelo professor, á medida que vai escrevendo. Um alumno repetirá a leitura, lendo-a em voz natural e como um todo. Depois lidas e escriptas umas quatro ou cinco sentenças, serão reldas de baixo para cima, saltadas.

E' evidente que essa repetição, quasi de cór, não constitue uma leitura no verdadeiro sentido do termo; mas aqui a sentença serve de vehiculo á palavra, e nem poderíamos ensinal-a de outra maneira, pois, si ha muitas que exprimem idéas concretas, algumas ha que só adquirem significação, quando relacionadas com outras na enunciação do pensamento. Faremos a escripta das lições dadas no quadro negro com a calligraphia vertical; é tal a semelhança dessa letra com a de fôrma, que pouca differença encontrará depois a criança do typo manuscripto para o impresso.

2) — **Revisão das sentenças.** Após a série de tres ou mais lições, compostas sobre um objecto ou estampa, é indispensavel fazer recapitulações continuas das sentenças. Daremos depois á classe para que faça a leitura mental, incltaremos os retardatarios, e exigiremos sempre uma leitura natural, que demonstre ter o alumno apreendido o sentido do que leu.

Preceituando a pedagogia moderna, que se ensine simultanea-

mente a leitura e a escripta, dando aos olhos o auxilio valioso da actividade muscular, escreveremos destacadamente no quadro, em seguida á lição, uma das sentenças dominadas pelas crianças, para que a copiem no seu caderno de calligraphia.

Essas copias, garatufas informes, indecifráveis a principio, tornar-se-ão gradativamente mais legíveis, mais perfectas.

3) — **Analyse das sentenças.** E' tempo de fragmentar as sentenças nos seus principaes termos ou phrases, sublinhando-as. Assim, ensinaremos á criança a phrasear, habito muito necessario á correção da leitura. Depois destacaremos as palavras das sentenças, dispondo-as em columnas. Faremos, então, recordações continuas das palavras dominadas pelos alumnos, agrupando-as do modo mais variavel, e com ellas formaremos sentenças novas, que lerão por um relaxear synthetico dos olhos.

4) — **Leitura do typo de fôrma.** Tendo até aqui sido dadas só no quadro negro as lições constantes de quasi um terço da cartilha, é occasião de preparar a classe para a leitura desse livro. Para isso, é preciso alterar no quadro, de modo que os vocabulos se correspondam, sentenças em letra de impressão e em manuscripto vertical.

5) — **Entrega da cartilha.** Quando as crianças conseguirem ler facilmente sentenças escriptas no quadro com letra de fôrma, podemos entregar-lhes a cartilha. Si forem bem preparados no quadro, deverão ler sem difficuldade todas as lições formadas com palavras conhecidas que devem ser, mais ou menos, as quinze primeiras.

Desse ponto em diante, toda a lição nova será dada no quadro, para depois ser lida no livro. Essas lições, em duplicata, asseguram o bom exito desse ensino, tornando-o mais variavel e interessante, e evitando a prejudicial decoração.

6) — **Reconhecimento das syllabas.** Organizando-se listas de palavras que começam pela mesma syllaba (bola, boneca, botina, cadeira, caderno, cavallo, etc.), chamaremos a attenção da criança para esse elemento do vocabulo, que ella, até então, considerou como um todo.

Leval-a-emos a **analysar oralmente** uma serie de palavras, afim de que aprenda a distinguir as syllabas. Depois, escreveremos, no quadro, vocabulos com as syllabas separadas (sem traço de união), deste modo bo ne ca; me ni na. Assim decompostas, offerecem immediatamente materiaes para a formação de outros, exercicio de synthese utilissimo, que habilita a criança a ler novos termos. Numa lingua como a nossa, em que a pronuncia não se divorce muito da fôrma graphica, é de incontestavel utilidade o conhecimento synthetico da syllaba. Mas, a syllaba isolada, a criança só deve chegar a conhecer pela analyse da palavra. Proceder de modo contrario,

seria inverter a ordem natural do ensino, que ordena partamos do conhecido, do concreto—a palavra—para o desconhecido, o abstracto—a syllaba.

Com as nossas palavras, constifuidas pelas syllabas destacadas, dos vocabulos decompostos pela classe, formaremos diversas sentenças, que os alumnos deverão lêr expressivamente, explicando a sua significação.

7º)—**Aprendizagem das letras.** Conseguiremos por meio dos exercicios de rimas e das listas de palavras que comecem pela mesma letra. A inicial deve figurar destacadamente e importa ensinar-lhe o respectivo nome. Assim, antes de chegar ás ultimas paginas da cartilha, já conhecem todo o alphabeto.

8º)—**Leitura de palavras derivadas, de polysyllabos, etc.** Neste periodo, é conveniente chamar a attenção do alumno para certas difficuldades phoneticas do portuguez (os diversos valores do **x**, e **é** **r**); a pronuncia dos grupos consonantes (**ph**, **lh**, **cl**, **pr**, etc.); exercital-o na leitura de polysyllabos e de palavras derivadas, formadas com os suffixos mais communs (**ado**, **ciro**, **ista**, **ismo**), com os que indicam flexões de genero, numero e gráo, etc.

Após a recordação da cartilha, estará a classe apta para iniciar a leitura de um primeiro livro". (Das Indicações para o ensino da leitura analytica, nos programmas do curso primario de São Paulo, 1925).

Já dissemos que o ensino da leitura é feito simultaneamente com o da **escripta**. A calligraphia preferida é a vertical, por offerer mais naturalidade e ser mais uniforme.

Diante da classe, o professor escreverá, no quadro negro, sentenças e palavras de uso trivial, repetindo-as sempre, para que o seu **desenho** ou graphia fique na retentiva da criança. Após algumas semanas de ensaios, quando esta já percebeu a fórma e a ligação das letras, começará a copiar, a lapis, os modelos, em cadernos de pauta dupla, variando os exercicios, logo que o estudante fór se desembaraçando nos primeiros **translados**.

Do quadro negro, onde a classe tambem se exercitará, passará aos modelos em cartão ou de qualquer caderno de calligraphia adoptado na escola.

O professor zelará pela boa posição do alumno, quando este se encontrar entregue aos seus exercicios de escripta, collocando-o em attitude hygienica em frente á carteira, bem assim o modo de empunhar o lapis. Passará, depois, a escrever a tinta.

As primeiras escriptas serão naturalmente feias, borradas, verdadeiras garatujas incompreensíveis. Mas, o mestre não censurará por isso o estudante. Orientando-o, a escripta dias depois melho-

rá e começará mostrar a segurança do traçado. Exija, desde logo, o habito do asselo.

As crianças do curso preliminar, no fim do anno lectivo, devem saber assignar bem seus nomes e copiar pequenos translados ou trechos das suas ligções da cartilha, observando sempre as seguintes normas:

a) segurar levemente a caneta com os dedos pollegar, indicador e medio, a sufficiente distancia da extremidade da penna, cujas duas pontas devem tocar igualmente o papel;

b) usar canetas leves, de comprimento e grossura de um lapis commum;

c) não calcar a penna sobre o papel, para fazer letra fina;

d) não levantar antes de finalizar a palavra, que deve ser traçada como um todo;

e) traçar o corpo da letra de tamanho tal que preencha o espaço entre as duas linhas, destinado a escripta das minusculas sem haste;

f) fazer subir o papel á medida que forem escriptas linhas successivas, para evitar que os braços se desviem da sua posição normal;

g) não tocar a carteira com o punho, apoiando as mãos sobre os dedos annular e minimo, ligeiramente arqueados;

h) manter-se em boa posição — tronco aprumado; o peito de frente para a carteira, sem tocá-la; antebraço sobre ella descansado e os pés, á frente do banco, bem assentados.

Quanto á posição do caderno, deverá conservar a margem inferior parallela ao rebordo da carteira, si a inclinação desta permittir que o alumno enxergue o que escreve sem curvar o tronco e abaixar a cabeça; no caso contrario, é preferivel que incline o caderno ligeiramente para a esquerda".

GEOGRAPHIA

Palestras com a criança, objectivando os assumptos, quer na séde escolar com os accidentes geographicos á vista, quer no taboleiro de areia.

1º—Sala da aula: posição dos objectos, noção de direita, esquerda, largura, etc.

2º—A situação do prédio escolar, em relação aos demais na cidade, villa ou povoação. Passeios dentro e ao redor da escola, para observações.

3º—Ponto em que nasce o sol. Pontos cardéaes, indicação com o braço, conhecimento da localidade escolar, para ir determinando

suas casas, ruas, travessas, praças, edifícios, etc., em se tratando da cidade ou villa; do rio, lago ou paranás, em cuja margem esteja assente, si se tratar de uma povoação.

4°—Arredores da localidade. Accidentes geographicos que contiverem; represental-os no taboleiro de areia.

5°—Orientação do prédio escolar. Dizer, em relação aos pontos cardeaes, para onde faz frente, fundos e lados.

DESENHO

Não pôde haver um programma definido, preciso, para o ensino do desenho no curso preliminar. Entre os objectos de fórmulas bem simples, as crianças devem escolher os que preferirem representar. A principio, apparecerão garatuñas informes, borrões inexpressivos. Mas, dias depois, as tentativas começarão a surtir effeito, e isso basta para estimular o estudante. "O que interessa não é logo conseguir um desenho bom, porém, conseguir o desenvolvimento das faculdades da criança".

As primeiras copias devem ser do natural, como sejam os solidos geometricos de fórmulas simples, caixas de phosphoros, folhas, fructos, raizes tuberosas, etc. Os desenhos podem ser coloridos e ornamentados por frisos e molduras, de combinações de linhas e pontos, que o professor traçará na lousa. Os alumnos escolherão o modelo que entenderem ou farão o arranjo que lhes aprouver.

O ensino do desenho directo, baseando na observação, exige que o mestre, antes de entregar o modelo (o objecto a ser copiado) ao estudante, obrigue-o a ver bem o que vai copiar, afim de discernir as formas reaes das formas apparentes.

As copias serão, neste curso, do tamanho dos proprios modelos. Nada de gravuras.

ARITHMETICA

O ensino da Arithmetica será intuitivo e pratico. Não obstante as crianças, que ingressam pela primeira vez em nossas escolas, já sabem contar até 100 e mais, é necessario que o professor as faça positivar melhor o *processus* da contagem á vista de objectos apropriados, taes como bolinhas, cubos, botões, lapis, etc., si não tiver á mão um "contador mecanico", para com elles, ir formando, pela reunião de 1 a 1 a primeira dezena, depois a segunda, a terceira, etc., até completar a centena.

Convém lembrar, afim de não perder tempo, que os pequeninos estudantes percebam, geralmente, com a maxima facilidade, o arti-

ficio da formação dos numeros, de modo que passem, intuitivamente de uma dezena á outra, até completar uma, duas e mais centenas, e daí logo aos milhares, etc.

Desde que todos os alumnos estejam inevitavelmente aptos na contagem, pelo menos, até á primeira centena, irão, com aquelles objectos, tendo a ideia das quatro operações fundamentaes, pelo agrupamento e desagrupamento de unidades, a principio dentro de uma dezena, mais tarde de duas, tres, quatro, até a centena.

Nas primeiras semanas, o professor não deixará este modo concreto de ensinar. Mas, ao mesmo tempo, formulará calculos, principalmente sobre somma e diminuir (como 7-3: 7-3, etc), para os estudantes acharem a solução. E, quando não a acertarem, mostrará, no contador ou nos objectos, o resultado verdadeiro. O melhor exito do ensino está na maneira mais intelligente de despertar a intuição infantil.

"As verdadeiras ideias de numeros pertencem aos factos, cuja concepção devemos principalmente ao sentido da vista. O bom exito do ensino elementar, neste assumpto, depende da exhibição real dos objectos". Com as combinações destes, manuseando-os, as crianças, além da somma e da subtracção, effectuarão nos limites das dezenas, as outras operações. Será isto um ponto de partida.

Da contagem e do calculo, com os objectos á vista, o professor, no momento opportuno, passará ao quadro negro e, por meio de risquinhos, irá escrevendo, adiante, os algarismos que lhes corresponderem.

Ensinará, assim, os numeros digitos e explicará o uso do 0, e dos signaes das quatro operações.

E' tempo de, ainda no quadro, repetir, agora, com esses algarismos, os calculos que fizera, na meza, com os objectos ou no contador. Nos primeiros dias de exercicios, não saia da primeira dezena; depois ás outras, pois que, no ensino da arithmetica, mais do que das outras sciencias, a logica acompanha, de perto, a marcha das menores operações do espirito. A didactica o exige.

No curso preliminar, ensaiar-se-á o *calculo mental*, por meio de problemas facilissimos, jogos e advinhagões. Comprehende ainda:

- 1) Lectura de numeros até unidade de milhares; designação das *casas* e das *classes*, até esse limite.
- 2) Conhecimento da taboada de Parker. Signaes das 4 operações.
- 3) Sommar e diminuir. Ideia de multiplicar e dividir.
- 4) Ideia de metade, terço, quarto, etc.
- 5) Conhecer praticamente as medidas metricas e as moedas brasileiras. Alguns problemas sobre *trocos*.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

I — A lição será dada por meio de conversações simples e familiares, sobre os animaes conhecidos dos alumnos. O professor mostrará a differença entre uns e outros: de tamanho, de movimento, de conformação, etc.

II — Conhecimentos sobre a mão direita, a mão esquerda. Os dedos.

III — Analyse summaria de um vegetal: suas partes, observando o natural e depois em estampas.

IV — Explicar como veio a arvore; seus fructos. Para que serve. Quem mora na arvore. Despertar a attenção das crianças para os passaros: sua variedade, a belleza de muitos delles, seus differentes cantos.

V — As côres. As côres do arco-irís.

VI — Ligérras noções sobre os reinos da natureza: sua divisão.

VII — Nomes das pedras preciosas.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA:

"A educação moral e cívica tem por objecto formar o caracter da criança, inicial-a, pouco a pouco, no sentimento de sua dignidade e de sua responsabilidade. A's crianças admittidas nesta classe, será dado o ensino por meio de conselhos e observações feitas durante os exercicios e os recreios, por meio de pequenas poesias escolhidas, explicadas e aprehendidas de côr; de historias contadas pela mestra, que verificará, com perguntas adequadas, si a criança comprehendeu bem o fundo moral do conto; e por palestras muito simples e curtas sobre os themas adiante indicados, que serão progressivamente mais desenvolvidos, de accordo com o gráo de adiantamento da criança.

Com respeito á educação cívica, além de palestras sobre os motivos indicados, promover-se-á a realização de festas escolares, organizadas e dirigidas com o fito de exaltar o civismo da criança".

A Liga da Bondade fundada, entre todos os alumnos dos Grupos escolares e escolas isoladas, será um centro de actuação educativa dos sentimentos, de moral e de civismo, infantis. Cultivar-se-ão, além dos preceitos de civildade:

- a) o amor aos paes, irmãos e demais pessoas da familia;
 - b) a bondade para todos, maxime para os pobres e animaes; piedade para os infelizes;
 - c) o respeito, a veneração, a caridade, etc.;
 - d) a verdade, o perdão, a coragem, etc.
- Festejar, na escola, as datas nacionaes.

EDUCAÇÃO PHYSICA:

Paginas atraz, ficou indicada a orientação que o mestre deve observar no ensino da gymnastica, attendendo a idade e a resistencia, sobretudo, sem esquecer o tempo e a intensidade dos respectivos exercicios.

Nesta classe (curso preliminar), os movimentos não deverão ir a mais de dez minutos. Nos dias de calor, bastam cinco, dentro da escola ou no pateo. Ao ar livre, nessa occasião, seriam insupportaveis e contraproducentes.

Observem-se os preceitos da gymnastica sueca, que são mais harmonicos, baseiam-se na anatomia e na physiologia e podem ser executados sem appparelhos.

- 1.^o—Formação de fileiras e posições.
- 2.^o—Roda, marchas e quadrados.
- 3.^o—Marchas acompanhadas de canto, ao ar livre.
- 4.^o—Brinquedos diversos, como a bola, a peteca, a corda, o arco, etc.
- 5.^o—Gymnastica sueca. Exercicios elementares da cabeça, tronco, braços e pernas.
- 6.^o—Corridas, que não excedam de trinta metros.
- 7.^o—Exercicios respiratorios simples.

EDUCAÇÃO HYGIENICA:

A criança deve-se ensinar elementares preceitos de prophylaxia e hygiene, para que se vá habituando a defender-se de tudo que atente contra sua saude. Mostrar-lhe os perigos da falta do asseio e das contaminações é tão intuitivo, como a propria linguagem, que aprende sem esforço.

A hygiene individual é uma questão de habito, que se pode adquirir desde a infancia. Por isso, á escola cumpre zelar tambem por este aspecto do ensino infantil. Entre tantos objectivos conducentes á essa finalidade, a mestra palestrará, diante da classe, sobre:

- 1.^o—Limpeza geral do corpo. Asseio minucioso dos olhos, nariz, bocca, ouvidos, unhas, etc.
- 2.^o—Limpeza do vestuario. Mudança diaria de lenço e das roupas internas.
- 3.^o—Lavar as mãos ao penetrar a escola e ter sua toalha propria. Não sentar-se em outro lugar, se não na sua carteira.
- 4.^o—Utilizar-se unicamente dos seus objectos escolares. Ter seu copo, para agua.

5.º—Não fatigar-se nos exercícios, principalmente nos de gymnastica.

6.º—Matricular-se numa escola mais proxima á sua residencia, afim de não se fatigar em grande caminhada á outra escola mais afastada.

7.º—Não sentar-se ou collocar-se em má posição, quando escrever ou assistir ás preleções.

8.º—Não levar a mão á bocca; o lapis ou a caneta igualmente.

9.º—Evitar humedecer o dedo com a saliva, para dobrar as paginas de um livro.

10.º—Não fallar, approximando-se demasiadamente de outra pessoa. Evitar os beijos e limitar, quanto possível, os apertos de mão.

Como estes, outros tantos, motivos que a mestra explicará, na preocupação de ir corrigindo os máos hábitos que, por ventura, se manifestarem na criança.

TRABALHOS MANUAES:

1.º—Piques de alfinete em papel, acompanhando os traços do desenho feito.

2.º—Dobrado e recorte de papel de cores. Tecelagem de serpentina de cores.

3.º—Modelagem em barro ou cera, de fórmulas simples.

4.º—Idem no taboleiro de areia, representando accidentes geographicos.

5.º—Recorte de gravuras.

6.º—Alinhavos em cartão, á vista de modelos apropriados e graduados.

Accresce para o sexo feminino:

7.º—Pontos de agulha, com linha grossa e de cores.

8.º—Pontos de marca, em anagem ou talagarça.

9.º—Crochet: estudo de malha com agulha de madeira ou osso.

Programmas e Indicações

para o

Curso Elementar

(1.º ANNO)

PRIMEIRO ANNO

(Crianças de 7 a 9 annos)

LINGUAGEM (expressão oral):

Palestras sobre motivos do curso preliminar, em que seja desenvolvido o vocabulario, fazendo que os alumnos as repitam por suas proprias palavras, estabelecendo-se, então, por meios de perguntas e respostas, os exercicios de invenção e reflexão sobre objectos e factos bem conhecidos, taes como:

a) o relógio: sua utilidade, as differentes partes de que se compõe, isto é, a caixa, o mostrador, os ponteiros e a machina; depois, o modo de verificar as horas, feitiço de outros relógios, custo, etc. O objecto offerece outros motivos que se vão suggerindo, tornando-o, perante a classe, como **centro de interesse**.

b) os bancos escolares e demais peças do mobiliario; o contador mechanic, o globo geographico, etc.

c) os predios visinhos, as suas diversas partes, como a fachada, a entrada, as portas e janellas, o tecto; comparação de formas; tamanhos, côres, pavimento, etc.

d) os fructos mais conhecidos, sem saber, tamanho, variedade, custo, logares onde se colhem ou vendem, etc.

e) as pessoas, suas qualidades, si attentiosas, caritativas, pres-taveis, delicadas, etc.

f) gravuras, assumptos que representam, suas personagens, casas, campos, florestas e outros motivos que encerrem.

g) repetição de historietas ou contos feitos pelo professor ou aprendidas em casa, etc.

h) recitação de pequenos versos, fabulas, etc.

LEITURA E ESCRITA:

Quando o estudante houver percorrido a cartilha, lendo-a com certo desembaraço, passará para o 1.º livro, cuja leitura fará diariamente, sendo tres vezes por semana para exercicios de linguagem.

Na primeira quinzena de aulas, o professor lerá, perante a classe, em voz alta, dicção clara, o capitulo destinado á lecção, o qual será acompanhado, em silencio, por todos os alumnos, cada um no seu compendio. Em seguida, o mesmo capitulo e, em partes, passará a ser lido por todos (ou por alguns), observada a cadencia im-

posta pela pontuação e pela accentuação phraseologica. Depois, leirão, sem esse auxilio previo, repetindo, de quando em vez, as lições anteriores, mas fazendo preceder á leitura em voz alta, a leitura mental.

Ao terminar a leitura de cada trecho, será explicado o sentido das palavras, por ventura, desconhecidas de um ou mais estudantes. Para verificar se todos comprehenderam o assumpto da leitura, o mestre fará algumas perguntas, no intuito de habituar a criança a assenhorar-se do que tiver lido. E' desvaliosa a leitura realizada **mechanicamente**.

No preparo das suas lições, em aula sobre tudo, a criança fará a **leitura silenciosa**, mais conveniente á reflexão, alem de não incomodar a quem se ache nas proximidades.

Nesta parte do curso, ensinar-se-á o uso dos signaes de pontuação e das notações lexicas.

Os exercicios de escripta continuarão diarios, com o fim de aperfeiçoar a calligraphia do estudante.

GEOGRAPHIA:

(Estudo essencialmente concreto)

1.º—Pontos cardeaes e collateraes. Orientação da cidade, villa ou povoado; situação dos bairros daquella, si para o Norte, Sul, Leste ou Oeste.

2.º—Limites da localidade escolar (cidade ou villa), sua extensão.

3.º—Principaes accidentes geographicos que se encontrarem na região da escola, tendo-os á vista e representando-os no taboleiro de areia. Idéia de rio, lago e planície, que são os elementos naturaes mais communs, no Amazonas.

4.º—As florestas. Dizer as primeiras riquezas que encerram e sua serventia, mostrando as que nos são uteis, como a borracha, a castanha, etc.

5.º—Os animaes, que povoam as mattas circumvisinhas da séde escolar. Sua utilidade. Os peixes que se colhem no rio ou no lago proximo, as tartarugas, etc., afim de que a criança comece a formar uma idéia dos recursos que a natureza nos offerece, quer nas suas aguas, quer nas suas florestas.

6.º—Idéia da extensão das terras, que formam o districto escolar, o Municipio, o Estado, o Paiz, a Terra, á vista de um globo. Insistir, neste assumpto, varias vezes, para que a criança, partindo da escola, vendo a região em que está, siga na esphera, para mais distante, até abrangel-a toda.

7.º—Os accidentes geographicos mais importantes do Municipio da escola.

8.º—Figurar, no quadro negro ou no papel, os quatro pontos cardeaes.

9.º—A Terra; palestra sobre sua forma e movimento de rotação, sempre com o globo á vista.

HISTORIA PATRIA:

O ensino da Historia patria o professor fará por meio de conversações simples e familiares, evitando sempre tornal-as monotonas e fastidiosas. No primeiro anno a palestra versará sobre:

I—A data presente; dia, semana, mez, anno, seculo.

II—Historia sobre a vida do alumno: nascimento, moradia, saúde, brinquedos, occupações, naturalidade, contos dos paes e avós.

III—Historia do bairro actual da escola; como era outrora, factos, pessoas, cousas, habitos do povo.

IV—Origem e nome da localidade da séde da escola.

V—Ligeiro historico da fundação da cidade, villa ou povoado. Nomes dos seus fundadores e primeiras familias que ahi se estabeleceram.

VI—Inauguração do grupo escolar ou da escola e a biographia de seu patrono (si tiver).

VII—Noticia de outros institutos de ensino.

VIII—O nome do prefeito actual; do presidente do Estado, do presidente da Republica.

IX—Despertar nos alumnos o respeito nos monumentos, ás obras de arte, aos edficios, etc.

X—Datos nacionaes, fazendo-se ligeira explicação sobre cada uma dellas.

(Colleccionar cartões, estampas, photographias de pessoas e cousas historicas).

DESENHO:

Desenho natural:—O alumno repetirá o desenho das formas isoladas observadas para o curso preliminar e depois representará as formas em conjunto: agrupará objectos; o menino com a bengala; o cão de guarda; o gallinheiro; o menino passeando no jardim, tocando patos, etc.

O alumno corrigirá seus desenhos assistido pelo professor, que fará uma critica encorajadora.

Estudo das côres fundamentaes.

ARITHMETICA:

Desenvolvimento do programma do curso preliminar

1.^o—Exercícios de taboada, principalmente multiplicar e dividir. Confeccionar a taboada de Pythagoras.

2.^o—Leitura de numeros até unidade de milhões. Decomposição destes pelo valor de suas casas e sua immediata recomposição. Algarismos romanos.

3.^o—Conta de multiplicar, contendo um e dois algarismos no multiplicador. Provas dos nove e real. Multiplicação abreviada, quando um ou ambos os factores terminarem em zero. Multiplicação quando houver zeros intercalados. Idem mental de taboada grande (exercícios). Problemas sobre multiplicação.

4.^o—Conta de dividir, contendo o divisor um e dois algarismos. Provas dos nove e real. Divisão abreviada, quando os dois termos terminarem em zero. Divisão quando o dividendo contiver zeros intercalados. Problemas sobre divisão.

5.^o—Leitura de fracções ordinarias e decimaes.

6.^o—Problemas facilimos sobre duas operações combinadas.

7.^o—Conhecimento das medidas metricas e de seus submultiplos. O uso do metro e seus submultiplos, na medição da sala da escola, moveis, etc. Escrever, no quadro negro, os resultados das medições effectuadas.

8.^o—Exercícios de calculos mentaes, sobre tudo, recreativos, com o fim de desenvolver o raciocinio infantil.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES:

I—Os sentidos. A bocca, os dentes.

II—Noções ligeiras sobre o corpo humano; sua divisão, observando-se em estampas ou mappas.

III—Animaes domesticos e selvagens, mais conhecidos das crianças, observando-se sua estrutura, seus habitos, etc.

IV—Noções sobre um vegetal; suas partes. Diferença e semelhança dos vegetaes.

V—Vegetaes uteis e mais communs á alimentação. Arvores fructíferas.

VI—Estados dos corpos. (Observações).

VII—Diferença entre os seres vivos e os inanimados.

VIII—Nomes dos mataes. Os combustiveis.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA:

No desenvolvimento desta disciplina, o professor não deve limitar-se aos horarios, visto como terá de aproveitar todas as oppor-tunidades, que se lhe offerecem, para doutrinar os principios da moral e do civismo ás crianças sob sua guarda e direcção.

Assim, chega á porta da escola um mendigo, que solicita uma esmola. O professor serve-se da occasião e falla sobre a caridade, o dever de socorrermos, á medida dos nossos recursos, os desgraçados que nos pedem um auxilio, porque não podem trabalhar. Mais adiante, apparece um doente, sem abrigo, necessitado de um catre, no hospital. Temos de ajudal-o. Em fim, tantos outros exemplos.

Todas as lições de moral, para attingir á piedade infantil, precisam sensibilizar o coração das crianças, mais do que mover a sua consciencia ainda inapta para penetrar em certos motivos da solidariedade humana. O professor será sempre o exemplo vivo das virtudes que pregar, se não quizer cahir na triste contradicção de um ridiculo, pelo escarneimento dos proprios alumnos. Ensinará tambem os preceitos de civilidade, taes como a cortezia, o portar-se á méza, sentar-se, etc.

Nesta parte do curso, tratar-se-ão igualmente de:

a) fabulas, historietas que ponham em relêvo as acções honestas, o altruismo, a solidariedade, a piedade, etc.

b) contos em que se patenteiem a boa conducta, o perdão, etc.
c) palestra sobre os inconvenientes da vagabundagem, das inscripções obscenas nos muros e paredes, etc.

d) Idem sobre a mentira, a calumnia, a falta de respeito, etc.

e) Idem sobre os grandes vultos da nossa Patria.

EDUCAÇÃO PHYSICA:

Desenvolvimento do programma do curso preliminar

1.^o—Formação de fileiras, movimentos rythmicos, marchas cadenciadas, batendo os pés, mais fortemente, de tres em tres e de quatro em quatro passos, acompanhadas de cantos.

2.^o—Marchas simples, com pequenos bastões, tambores á frente, imitando o movimento de um batalhão em marcha.

3.^o—Formação de fileiras e divisão em pelotões.

4.^o—Corridas de pequena velocidade, que não excedam de quarenta metros.

5.^o—Jogos diversos, compatíveis com a idade (a escolha do professor e da preferência das crianças).

6.^o—Gymnastica respiratoria acompanhadas de movimentos de braços, da cabeça e inflexões do corpo, conforme a voz do commando.

EDUCAÇÃO HYGIENICA:

- 1.º—Necessidade de trazer a casa, a escola, as ruas, os quintaes bem asselados.
- 2.º—O arejamento das habitações e das salas em que se trabalha, em que se dorme ou permanece, principalmente se ha agglomeração de gente.
- 3.º—O ar e as poeiras. A agua, sua filtragem.
- 4.º—O sol, sua influencia na saude. Perigos de apanhar muito sol. A luz artificial muito intensa, prejudicial á nossa vista.
- 5.º—Trabalho de dia e de noite. Necessidade de repousar. Horário para todas as nessas occupaões.
- 6.º—Os prejuizos da ociosidade no organismo. Os estragos causados pela inunicação.
- 7.º—Perigos das molestias infecciosas transmittidas pelos insectos e pelos animaes domesticos. Como évital-as.
- 8.º—Combate ás moscas, ás puigas, aos mosquitos (sobre tudo o carapanã), aos ratos, etc. Como extermal-os.
- 9.º—A alimentação mais conveniente á saude. Como devemos nos alimentar. Quaes os alimentos mais indigestos. Fallar da carne, do peixe e dos ovos.
- 10.º—As frúctas de facil digestão. As que podem ser usadas cruas e as cozidas.
- 11.º—Os legumes, as batatas, as massas alimenticias.
- 12.º—Habitos de hygiene alimentar.

TRABALHOS MANUAES:

- 1.º—Exercicios manuaes destinados a desenvolver a dèstrea das mãos.
- 2.º—Fazer, de papel-cartão, objectos usuaes, como calxínhas, etc.
- 3.º—Recorte de figuras geometricas.
- 4.º—Alinhavos em cartão, á vista dos modelos apropriados e graduados (melhor execução que no curso preliminar).
- 5.º—Confecção de **solidos** geometricos (dos mais simples).
- 6.º—Exercicios de modelagem, na confecção de **solidos** geometricos, como cylindros, cubos, pyramides, etc.
- 7.º—Dobraduras diversas.
- 8.º—Teceragem em palha e serpentina.
Accresce para o sexo feminino:
- 9.º—Pontos de agulha, com linha fina: posponto no claro, pontos fechados e abertos. Pontos de remate.
- 10.º—Preparação e modo de franzir; franzidos duplos.
- 11.º—Crochet. Tapeçaria em amiagem ou talagarga.
- 12.º—Ponto de haste, ponto de cadela. Applicação em peças simples do vestuario (preferível vestuario de bonecas).

Programmas e Indicações

para o

Curso Elementar

(2.º ANNO)

SEGUNDO ANNO

(Crianças de 8 a 10 annos)

LINGUAGEM (expressão oral):

Desenvolvimento dos centros de interesse, para motivos de palestras, em que os alumnos tomem parte, ora em monologos, ora em dialogos com o professor, visando:

a) enriquecer o vocabuario infantil com alguns termos novos, mas apropriados a esclarecer e positivar o sentido das expressões;

b) substituir palavras por seus synonymos e mostrar sua equivalencia;

c) alterar a construcção de sentenças simples, sem alteração do seu sentido;

d) alterar o sentido pela construcção grammatical;

e) idem com o emprego de antonyms;

f) formar sentenças com o emprego de paronyms;

g) corrigir expressões em que o professor, de proposito, faça mal o emprego de genero e numero, affin de comparal-a com as grammaticaes;

h) emprego de formas verbaes em que se substituam os tempos simples, para verificar os seus effeitos de sentido, etc.

(Tudo praticamente, sem invocações de regras grammaticaes)

l) declamação de poesias, fabulas, etc. em que a dicção seja clara, sem impetos de voz, pausas descabidas.

LEITURA E ESCRIPTA:

Desenvolvimento do programma do 1.º anno, em livro adquado, de modo que os alumnos possam ir alterando a leitura de prosa e verso, dando melhor inflexão á voz.

Finda a leitura de um capitulo ou parte delle, o professor explicará o sentido das palavras novas para os estudantes, bem assim os casos occorrentes de sentido figurado, as mudanças de redacção, tudo praticamente.

Os exercicios de calligraphia devem ser alternados com os de copia, tendo o cuidado constante do aperfelçoamento, limpeza e precisa agilidade.

Neste parte do programma, os modelos quer provenham de traslados, quer sejam extrahidos do livro de leitura, envolverão os

preceitos de orthographia, que o professor fará sempre observar, re-
petindo as escriptas em que appareçam erros.

Podem ser iniciados os exercicios de dictados aos alumnos mais
adiantados.

GEOGRAPHIA:

(Estudo essencialmente concreto)

1.º—A Terra; palestra mais desenvolvida sobre o seu movimento
de rotação. O lugar do sol. Movimento de translação da Terra,
exemplificando a lieção com o proprio globo, em volta de um ponto
figurativo em que se suppõe o astro do dia.

2.º—Circulos da esphera terrestre; seu conhecimento pratico.
Observação no globo e no mappa.

3.º—Conhecimento dos accidentes naturaes da superficie da
Terra. Observações feitas na região escolar e no mappa de "Ini-
ciação geographica", contando que a criança distinga e mostre um
lago, um rio, um monte, etc. As differentes partes de que cada um
se compõe, como, em se tratando de rios: a nascente, a foz, as mar-
gens, os affluentes; de montanhas: a base, as fraldas, o cume, etc.

4.º—Horizonte. Traçado da rosa dos ventos. Ver e declarar
os limites de uma determinada região, á vista do mappa. Idéa de
clima.

5.º—Geographia do Estado do Amazonas; seus limites, princi-
pales accidentes geographicos que se notam no seu territorio. O
grande rio Amazonas e seus maiores affluentes. Florestas; seus
principaes especimens. Capital e cidades mais importantes indica-
das no mappa.

6.º—Limites do Brasil.

7.º—Divisão do Brasil, Estados e suas capitães.

8.º—Climas do Brasil. Productos mais importantes do reino
vegetal. O café, a borracha, a castanha, o algodão, a canna de as-
sucar, o cacáo, etc.

9.º—Productos mineraes: o ouro, a prata, o ferro, as pedras
preciosas, etc.

10.º—Principaes rios do Brasil indicados no mappa.

HISTORIA PATRIA:

I—O Brasil: origem de seu nome.

II—Ligeira explicação sobre o descobrimento do Brasil, mos-
trando, no mappa, a sua posição e a de Portugal, bem assim o roteiro
seguido pelos navegadores.

III—Ligeiras noções sobre os indigenas.

IV—Os dois Imperadores. Alguns Presidentes de Republica,
que precederam ao actual.

V—Historia da cidade de Manáos: seus primitivos habitantes.

VI—O nome do Municipio: data de sua criação. Quando se
inauguraram os principaes melhoramentos: agua, luz, bonde, tele-
grapho, telephone, correio, forum, etc. etc. (si a escola estiver na
capital).

VII—Amazonas-Provincia: datas de sua criação e de sua instal-
lação.

VIII—O primeiro presidente do Amazonas: Traços biographicos.

IX—Episodios inspiradores de bons sentimentos sobre: Ajuri-
caba, Anhangüera, Caramurá, João Ramalho, Fernandes Vieira, Fer-
nando Dias, o Jangadeiro cearense "fugindo ao captivo", Tira-
dentes, Padre Voador, Greenhalg, etc.

X—Datas nacionaes e estaduaes.

DESENHO:

Desenho do natural: o assumpto será de formas naturaes e
depois objectos manufacturados. Segue-se uma lista de assumptos
como uma fructa: abacate, maçã, marmello, pera pecego, laranja,
etc. Um insecto: bezouro, gafanhoto, etc. Um objecto: vaso de
barro, copo, garrafa, bule, chicara, chaleira, etc. Uma flôr: marga-
rida, cravo, gira-sol, rosa singela, etc. Um brinquedo: carrinho, au-
tomovel, cavallinho, soldadinho, etc.

Desenho de memoria: o alumno fará um desenho visto e estu-
dado anteriormente. Apresentar ao alumno um objecto de certo
modo e escondê-lo em seguida. Exercicios de ambidextria.

GEOMETRIA:

No ensino da Geometria o professor basear-se-á em "cozas"
concretas, habilitando o alumno a descobrir nos objectos da classe as
formas estudadas.

Espaço, corpo, extensão, volume, superficie, linha, ponto. No-
ções sobre o ponto. Linhas, segundo suas direcções. Posição das
linhas, em relação uma com ás outras.

Traçar linhas, empregando regua e compasso. Medir e traçar
linhas sobre o papel e o terreno.

Explicação dos instrumentos usados.

ARITHMETICA:

Desenvolvimento do programma do 1.º anno.

- 1.º—Exercícios de multiplicação, tendo o multiplicador dois ou mais algarismos. Provas.
- 2.º—Idem de divisão, tendo o divisor dois ou mais algarismos. Provas. Divisores completo e incompleto.
- 3.º—Leitura de numeros até centena de milhões. Uso dos algarismos romanos.
- 4.º—Maneira de escrever quantias. Problemas.
- 5.º—Leitura e escripta das fracções decimaes.
- 6.º—Idem, idem mais desenvolvida das fracções ordinarias.
- 7.º—Sommar e diminuir fracções decimaes.
- 8.º—Exercícios facéis sobre systema metrico. Multiplos e sub-multiplos mais usados. Problemas sobre o metro e o gramm.
- 9.º—Problemas sobre as quatro operações de inteiros.
- 10.º—Exercícios sobre calculo mental.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES:

- I—Corpo humano; suas principaes partes. Estudo simples do esqueleto.
- II—Animas uteis e os nocivos á agricultura.
- III—Analyse simples das partes do vegetal. (Observar o natural e depois em estampas), a raiz, o caule, a folha, a flor, o fructo, a semente.
- IV—Fructos e sementes comestiveis.
- V—O ar atmospherico.
- VI—A agua nos tres estados.
- VII—As nuvens. A chuva.
- VIII—Corpos soluveis na agua; assucar, sal de cosinha (chloro de sodio), etc.; e insoluveis, o enxofre, as gorduras, etc.
- IX—Experiencias simples a pedido da classe ou a escolha do professor.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA:

Contos, parabolas, etc., que tenham por objecto:

- 1.º—Exultações á pontualidade, á obrigação de estudar.
- 2.º—Palestras sobre a gratidão aos paes, aos mestres e demais pessoas que nos são uteis.
- 3.º—Tolerancia, sobre tudo para com os fracos de espirito.
- 4.º—Resignação nas horas de soffrimento.
- 5.º—A verdade, a discreção, a delação.

- 6.º—A mentira, seus efeitos perniciosos.
- 7.º—Combate ao egoismo, respeito á propriedade alheia.
- 8.º—Restituição de objectos achados.
- 9.º—Não perder de vista o lemma: "Não faças a outrem aquillo que não queres que te façam".
- 10.º—Fazer o bem, sem olhar a quem.
- 11.º—Bondade para com os collegas, os irmãos e demais parentes; brandura para com toda gente.
- 12.º—Combate á preguiça, á presumpção.
- 13.º—Dever de pereverança.
- 14.º—Amor á casa paterna, ao logar em que nascemos, á Patria. Defesa e conservação da escola, etc.
- 15.º—Orgulho de ser brasileiro e porque.

EDUCAÇÃO PHYSICA:

Movimentos gradualmente mais energicos

- 1.º—Evoluções gymnasticas com passo ordinario e acelerado. Marchas combinadas com movimentos da extremidades superiores.
- 2.º—Marchas em pelotões, para formarem fileiras, esquadros, circulos, etc. Contra marchas pelo lado e pelo centro.
- 3.º—Exercícios de gymnastica sueca.
- 4.º—Corridas a pequena distancia, com obstaculos.
- 5.º—Jogos gymnasticos diversos. O brinquedo da cabra cega.
- 6.º—Exercícios respiratorios.

EDUCAÇÃO HYGIENICA:

Continuação das palestras sobre os motivos do 1.º anno. Insistir sobre a hygiene alimentar.

- 1.º—Lavar as mãos, sempre que entrar da rua ou que houver penetrado nas sentinas, bem assim quando tiver cumprimentado, apertando a mão de pessoa suspeita de molestia contagiosa.
- 2.º—Jamais escarrar no chão.
- 3.º—Afastar-se dos logares em que haja mão cheiro, depositos de lixo, pantanos, etc.
- 4.º—Dividir o tempo entre o trabalho, os folguedos e o reponso. Os excessos das danças e dos jogos. Prejuizo de passar as noites em claro, trabalhando ou divertindo-se. As reparações trazidas pelo sommo a um organismo cansado.
- 5.º—Necessidade de levantar-se ao amanhecer e deitar-se igualmente cedo.

6.º—Por que temos necessidade de um ou mais banhos por dia, banhos rápidos mas completos.

7.º—Como devemos tratar os nossos dentes, como escoval-os. Tratamento dos nossos ouvidos, nariz, cabello, etc.

8.º—Defeza contra o calor e o frio. Roupas que são convenientes ao nosso clima. Prejuizo dos colletês ou cintas apertadas.

9.º—Conselhos para evitar os resfriamentos.

10.º—Perigos de andar descalços nos logares contaminados. Calçados hygienicos.

TRABALHOS MANUAES:

1.º—Exercicios destinados a desenvolver a destreza da mão.

2.º—Alinhavos em cartão, executando animaes, flores, casas.

3.º—Tecendo em varias côres.

4.º—Cartonagem, executando polyedros e objectos de uso.

5.º—Modelagem de solidos geometricos isolados e em grupos.

6.º—Applicação de fitas de madeira, na confecção de esteirinhas, flores, etc. Laços de fitas.

7.º—Trabalhos simples de cipó, vime, palha, etc. na confecção de cestos.

8.º—Trabalhos em cordas de papel ou barbante. Feitura de laços e nós.

Accresce para o sexo feminino:

9.º—Crochet, em linha ou lã. Trabalhos simples.

10.º—Marca em talagarça (Execução mais variada que no 1.º anno).

11.º—Pontos, serzideira, pregos e bainhas.

12.º—Remendos diversos. Casear; pregar botões, fitas e colchetes.

Programmas e Indicações

para o

Curso Elementar

(3.º ANNO)

TERCEIRO ANNO

(Crianças de 9 a 11 annos)

LINGUAGEM (expressão oral):

Descripção dos logares da casa, da escola, da rua, praça, estrada ou rio que o estudante percorre; idem de passeios, festas, solemnidades, "films"; narrativa de histórias, fabulas, estudos, exames, etc., tendo por fim:

- a) corrigir a concatenação do pensamento;
- b) empregar palavras que sejam mais apropriadas á clareza e ao sentido da idéia;
- c) obedecer á subordinação grammatical, pratica;
- d) offerecer oportunidade de sentenças declamativas, interrogativas, negativas, exhortativas, etc.;
- e) as primeiras applicações practicas de regras de grammatica, no intuito de disciplinar as formas da expressão oral, de que o professor se occupe no momento;
- f) Intercalação de circumstancias accidentaes, que não perturbem a forma da expressão, mas positivem o seu conceito;
- g) extirpar os "tics" da linguagem e dar á elocução sua maior naturalidade.

Commentarios dos assumptos das lições de leitura, historia, geographia, educação moral e cívica, etc.

Declamação de pequenos discursos, poesias, fabulas, trechos de boa prosa, etc.

LEITURA E ESCRIPTA:

Leitura corrente e expressiva, em que fiquem patentes as inflexões impostas pelos accents phraseologicos e pontuação. Interpretação dos trechos que parecerem mais difficéis. Leitura declamada de poesias, como nos exercicios de linguagem.

Desenvolvimento dos exercicios de calligraphia e orthographia, mediante diarias copias e dictados. Para effectuar as escriptas dictadas, que serão de dez a quinze linhas, no máximo, o professor lerá primeiro, em voz alta, o trecho do thema, para que os alumnos apprehendam previamente o sentido ou o assumpto de que trata. Só, então, procederá o dictado, pronunciando bem cada palavra, sem declarar nominalmente os signaes da pontuação, afim de que vão, por si, se habituando ao seu emprego.

Devam ser incluídos os exercícios de redacção muito simples, como bilhetes, cartas e pequenas descrições de factos conhecidos ou objectos á vista. As correções serão feitas minuciosamente a tinta encarnada (si possível e oralmente, para que, nesta parte do curso, comecem a ser percebidos e usados pelos estudantes os princípios grammaticaes (práticos), que regem a estrutura da lingua.

GRAMMATICA (lingua nacional) :

(Ensino exclusivamente pratico, sem compendio)

- 1.º—Alphabeto; letras vogaes e consoantes. Grupos vogaes e consonantes. Diphongos oraes e nazaes.
- 2.º—Syllabas; classificação das palavras pelo numero de syllabas.
- 3.º—Accentos; seu emprego. Classificação das palavras conforme os accentos. Ideia de numero.
- 4.º—Conhecimento dos substantivos; assignar, no trecho da lição de leitura, os que se encontrarem expressos.
- 5.º—Distinguir os substantivos pela sua classificação mais elementar. Ideia de genero.
- 6.º—Conhecimento dos adjectivos; assignar os que encontrarem no trecho da lição de leitura.
- 7.º—Differençar os adjectivos qualificativos, dos determinativos.
- 8.º—Exercícios de empregos de substantivos e adjectivos, em sentenças do vocabulario infantil.
- 9.º—Conhecimento e uso dos pronomes pessoais, em que se empreguem varios exemplos, com as formas *eu, tu e elle*.
- 10.º—Conhecimento intuitivo do verbo. Formas infinitivas.
- 11.º—Palavras variaveis pelos generos e pelos numeros; designar-as na escripta ou no livro de leitura.
- 12.º—Exercícios sobre synonymos, antonymos, homonymos e paronymos.
- 13.º—Idem sobre figuras de dicção.
- 14.º—Ensaio sobre conjugação de verbos regulares.
- 15.º—Exercícios de analyse lexica.

GEOGRAPHIA :

Revisão do programma do 2º anno

- 1.º—Zonas da Terra. Explicar a differença de temperatura em cada uma. Situação dos tropicos e dos circulos polares. Climas.

- 2.º—Estações; ligeira ideia das mudanças das estações, exemplificando com o movimento de translação do globo em relação ao sol.
- 3.º—Denominação dadas ás terras e ás aguas á vista de um mappa apropriado. (Iniciação geographica).
- 4.º—Geographia do Estado do Amazonas. Dar uma ideia da extensão da planicie em que se acha. Fallar de sua população, riquezas, navegação, commercio, industrias extractivas, meios de transporte, etc.
- 5.º—Viagens simuladas para diversos pontos do Amazonas. Designar a situação geographica de cada Municipio, si ao Norte, Leste, Sul, Oeste, centro; quaes os affluentes do grande rio que os interessa, etc.
- 6.º—Limites do Brasil, indicando as linhas divisorias mais importantes, nas fronteiras do Estado do Amazonas. Esboço cartographico do Brasil, somente para mostrar os seus contornos e a região occupada pelo rio Amazonas. Copia feita do mappa e, depois, de memoria.
- 7.º—Produções principaes do Brasil, em cada um dos reinos da natureza. Superficie do paiz.
- 8.º—Rios e lagos principaes do Brasil. Montanhas.
- 9.º—População do Brasil.
- 10.º—Os continentes; sua distribuição.
- 11.º—Os oceanos; sua distribuição.
- 12.º—Limites da America; sua divisão natural.
- 13.º—Paizes da America e suas capitães.
- 14.º—Viagem figurada pelas costas da America.
- 15.º—Viagem figurada pelos diversos Estados do Brasil.
- 16.º—Esboço cartographico da America do Norte e da America do Sul, indicando apenas os contornos das costas e oceanos que as banham.

HISTORIA PATRIA:

- I—A America: sua descoberta. Colombo.
- II—Divisão da historia do Brasil: Brasil colonial (1500-1822); Brasil independente (1823-1930). Ideias geraes.
- III—A origem de Pedro Alvares Cabral: o descobrimento do Brasil.—Pedro Vaz Caminha:—factos que se ligam á sua personalidade.
- V—Colonização: capitánias hereditarias.
- VI—Governo geral: Thomé de Souza; fundação da cidade do Salvador. A catechese.
- VII—Governo geral de Duarte da Costa: episodios de seu governo.

VIII—Governo geral de Mem de Sá. Expulsão dos francezes do Rio de Janeiro. Fundação da cidade do Rio de Janeiro.

IX—Expansão colonial para oeste e para o sul: os bandeirantes.

X—Conjuração mineira. Os conjurados. Tiradentes.

XI—Transferencia da Corte de Lisboa para o Rio de Janeiro. Abertura dos portos do Brasil às noções estrangeiras.

XII—Revolução de 1817.

DESENHO:

Desenho natural: grupos de objectos. Objectos familiares, como mesa de jantar arrumada. A casa da escola, a mesa do alumno. Solidos geometricos. Ramos com flores ou fructos. Uma cesta com flores. Desenho colorido da bandeira brasileira e de algumas bandeiras estrangeiras. Imitação de gregas. Desenho decorativo, como no segundo anno. Exercícios de frisos ou faixas com disposição alternados, oppostos e motivos de angulos. Exercício de adextramento. Estudo das côres fundamentaes, as intermediarias.

GEOMETRIA:

Revisão do programma do 2.º anno

Prumo e nivel, sua applicação. Angulos. Classificação dos angulos. Traçado da bissectriz de um angulo, empregando-se regua e compasso. Medição de angulos. Triangulos: sua construcção. Noção de base e altura de um triangulo. Problemas sobre angulos e triangulos.

ARITHMETICA:

Revisão do programma do 2.º anno

- 1.º—Leitura de numeros de mais de tres classes.
- 2.º—Propriedades dos numeros. Caracteres de divisibilidade.
- 3.º—Conversão de fracções ordinarias em decimales e vice-versa. Fracções periodicas simples e compostas. Conversões de decimales à mesma denominação.
- 4.º—Sommar fracções decimales (desenvolvimento do 2.º anno).
- 5.º—Diminuir fracções decimales (desenvolvimento do 2.º anno).
- 6.º—Multiplicar fracções decimales. O jogo da virgula decimal.
- 7.º—Dividir fracções decimales. O jogo da virgula decimal, nesta operação.

8.º—Problemas sobre as quatro operações de decimales. Maximo commum divisor.

Systema metrico; uso de todas as medidas. Problemas sobre o metro, litro, grammo, etc. Minimo m. commum.

10.º—Fracções ordinarias; principios fundamentaes.

11.º—Simplificação de fracções, reduções ao mesmo denominador, conversões de numeros inteiros em fracções improprias, idem de numeros mixtos, etc.

12.º—Sommar fracções ordinarias.

13.º—Diminuir fracções ordinarias.

14.º—Multiplicar fracções ordinarias.

15.º—Dividir fracções ordinarias.

16.º—Problemas escriptos e exercicios de calculo mental.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES:

I—O homem; o esqueleto.

II—Orgãos locomotores activos (musculos e nervos) e passivos (OSSOS).

III—Orgãos da digestão.

IV—Os animaes; noções sobre os dois grandes ramos.

V—Animaes vertebrados (observar um mamifero, uma ave, um peixe, um batrachio, um reptil) e invertebrados (Observar um molusco tunicado, um verme, etc.).

VI—Estudo comparativo dos orgãos locomotores dos animaes.

VII—Analyse de um vegetal; orgãos da digestão, da circulação, da respiração; funcções correspondentes.

VIII—A flor; suas partes.

IX—Os cereaes; os legumes.

X—Queda dos corpos, peso, fio de prumo.

XI—Noções simples sobre os metaes. Applicações do ferro, do chumbo, do cobre, do carvão de pedra e de outros mineraes.

XII—A utilidade do ouro e da prata. Aguas mineraes.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA:

Desenvolver, por meio de contos e exemplos, os motivos do 2.º anno, e mais:

1.º—A modestia, o natural retrahimento.

2.º—A justiça, a equidade.

3.º—A prudencia. Não proferir palavras ou gestos que offendam ou molestem alguem.

4.º—A coragem para dizer a verdade, para supportar com re-

signação as calumnias, sem deixar de se defender, pela razão e pelas provas.

5.º—A fraternidade humana. Condemnação ao jacobinismo e ao bairrismo mal entendido.

6.º—A hospitalidade. Apreço aos estrangeiros que cooperam conosco no progresso do Paiz.

7.º—Noticia sobre as sociedades beneficentes e de instrucção.

8.º—Necessidade de Governo e de administração.

9.º—Divisão administrativa do Brasil.

10.º—Os tres poderes politicos do Brasil.

11.º—Descripção da nossa Bandeira; sua significação e de cada uma de suas partes.

12.º—Os nossos Hymnos, o que significam. Sabel-os de cór e cantal-os.

13.º—As grandes datas nacionaes; sua significação civica.

14.º—Biographias de alguns brasileiros illustres nas guerras, nas artes, nas letras, nas sciencias, nas industrias, etc., com o intuito de exaltar o sentimento de civismo dos estudantes.

EDUCAÇÃO PHYSICA:

1.º—Marchas, contramarchas. Formação de fileiras, cadeias. Movimentos em espiral.

2.º—Marchas mais prolongadas acompanhadas de canticos, que provoquem a cadencia dos movimentos.

3.º—Marchas entre obstaculos, que motivem os constantes desvios da direcção, como por exemplo, dentro da escola, entre as carteiras e sem tocal-as.

4.º—Gymnastica sueca.

Jogos escalares, em que se provoquem a agilidade, a graça dos movimentos e a sagacidade.

6.º—Corridas e pulos.

7.º—Exercicios respiratorios mais desenvolvidos.

EDUCAÇÃO HYGIENICA:

1.º—Necessidade da gymnastica desde a mais tenra idade, para garantir o perfeito funcionamento do nosso organismo e dar-lhe resistencia contra as molestias, que possam atacal-o.

2.º—Necessidade de regularizar todos os nossos actos physiologicos, ás horas certas, o que sempre é possível conseguir por um esforço da vontade, até que se convertam em habitos.

3.º—Idem de abrir as habitações em que vivemos, para que o sol e o ar entrem abundantemente.

4.º—Como se deve respirar. Não se respire pela bocca.

5.º—A limpeza absoluta do nosso dormitório.

6.º—A defesa da saúde, quando, nas visinhanças da nossa casa, existem focos de larvas (carapanãs). Como se deve extingui-los. Os mosquiteiros; as janellas e portas teladas.

7.º—Conselhos sobre a maneira de beber agua. Combate ás bebidas alcoolicas.

8.º—Combate ao fumo. As devastações que os intorpecentes fazem no organismo.

TRABALHOS MANUAES:

Cantonagem; fabricação de calxinhas guarnecidas de papel recortado em côres. Porta-cartões, porta-jornaes, casinhas, figuras articuladas de polychinellos, animaes, etc.

2.º—Trabalhos em cipó; fabricação de cestos, cadeirinhas, etc.

3.º—Modelagem; confecção de objectos que apresentem poucos relêvos, como chapêos, vasos, tudo em miniaturas.

4.º—Trabalhos em arame, em barbante, etc.

5.º—Recorte em laminas de chumbo, em folhas de Flandres, em papelão, etc.

6.º—Trabalhos em madeira. "Slojd". "Decoupage".

Accresce para o sexo feminino:

7.º—Costuras, bordados e rendas de facil confecção.

8.º—Sergiduras e remendos.

Programmas e Indicações

para o

Curso Médio

CURSO MÉDIO

(Alunos de 10 a 12 annos)

LINGUEGEM (expressão oral):

Narração de historias, fabulas, acontecimentos, lidos em aula ou relatados pelo professor; lições de qualquer ponto dos programas já estudados; descripção de passeios realizados pelos estudantes, observações sobre gravuras, etc., etc., objectivando a melhor forma de dizer e evitando, consegutamente:

- a) qualquer erro de concordancia, subordinação ou ordem, evocando-se, para cada caso, a regra ou preceito grammatical respectivo;
- b) a repetição desnecessária de vocabulos, os que, na mesma sentença, tenham identica terminação, o abuso de objectivos inuteis, a successão de clausulas substantivas ou adjectivas, principalmente, tornando o periodo muito longe, pesado e obscuro;
- c) a ambiguidade, pela má construcção ou emprego de palavras improprias;
- d) as cacophonias, etc.

O professor ensinará aos seus alumnos, para cujo fim formulará varios casos, o emprego de tratamento, taes como V. Exa., V. S.a, vós, Snr., você, etc.

Nesta parte do programma, o ensino da linguagem far-se-á concomitante com o da grammatica portugueza e desenvolver-se-ão os exercicios de elocução, declamação de poesias, trechos de boa prosa, composição do proprio alumno, etc.

LEITURA E ESCRIPTA:

Exercicios de leitura corrente, clara e expressiva, tres vezes por semana. Interpretação, sobre tudo, de poesias.

Quanto á escripta, constantes exercicios de dictado e redacção, em os quaes a calligraphia seja levada em linha de conta.

GRAMMATICA (lingua nacional)

Recapitulação do programma do 2.º anno, com o necessario desenvolvimento. Evocação das theorias, quando se tratarem de regras fundamentaes.

Licções auxiliadas pelo compendio. Abundancia de exemplos, que positivem os principios grammaticaes.

- 1.º—Schema da divisão grammatical no quadro negro; sua copia, nos cadernos, por todos os alumnos.
- 2.º—Categorias grammaticaes; sua classificação nos dois grupos; variaveis e invariaveis.
- 3.º—Regras de numero e de genero. Prosodia.
- 4.º—Estudo dos substantivos. Flexões, divisão schematica, abundantes exemplos de cada caso e analyse lexica.
- 5.º—Idem dos adjectivos.
- 6.º—Idem dos pronomes.
- 7.º—Idem dos verbos.
- 8.º—Formação dos grãos. Orthographia.
- 9.º—Figuras de dicção, com seus casos particulares.
- 10.º—Estudo dos adverbios.
- 11.º—Idem das proposições, divisão schematica, abundantes exemplos e analyse lexica.
- 12.º—Idem das conjunções.
- 13.º—Idem das interjeições.
- 14.º—Estudo summario dos affixos.
- 15.º—Noções de syntaxe.
- 16.º—Estudo das proposições; sua classificação.
- 17.º—Elementos principaes e secundarios das proposições.
- 18.º—Regras de concordancia.
- 19.º—Principaes figuras de syntaxe.
- 20.º—Analyse logica de proposições simples e compostas, formada em diagramma, para positivar os seus elementos.

GEOGRAPHIA:

(Desenvolvimento do programma do 3.º anno)

- 1.º—Estudo mais minucioso do Estado do Amazonas, sempre com o mappa á vista. Viagens simuladas. Esbôço cartographico do Estado, indicando suas fronteiras, rios, lagos, serras, cidades e villas, mais importantes. Raças humanas. Formas de governo.
- 2.º—Estudo da Geographia do Brasil, abrangendo seu governo, divisão administrativa, população, industrias, commercio, principaes productos de importação e exportação, portos, etc.
- 3.º—Principaes accidentes geographicos da America: rios, lagos, montanhas, vulcões, planices, etc.
- 4.º—Limites da Europa. Paizes, suas capitaes e cidades mais

importantes, portos, etc. Relievos, rios, lagos, climas, productos, etc.

- 5.º—Idem, idem da Asia.
- 6.º—Idem, idem, da Africa.
- 7.º—Idem, idem, da Oceania.
- 8.º—Exercicios de cartographia de cada uma das partes do mundo.
- 9.º—Viagens simuladas para diversas partes do mundo.
- 10.º—Palestras sobre a civilização dos diversos povos.

HISTORIA PATRIA:

- I—Noticia sobre a guerra hollandeza.
 - II—A volta de D. João VI para Portugal. Regencia do príncipe D. Pedro.
 - III—Movimento sobre a Independência e dia do Fico.—Proclamação da Independência—Joaquim Gonçalves Ledo, José Clemente, Frei Sampaio, Conego Januario Barbosa, José Bonifacio, etc.
 - IV—Revolução de 1817 em Pernambuco.
 - V—Noite das garrafadas. Abdicação do Imperio Brasileiro, por D. Pedro I, em seu filho D. Pedro II. Regencias—1821 a 1841. Tutoria de José Bonifacio. Diogo Antonio Feijó.
 - VI—Revolução do Rio Grande do Sul. Pedro Araujo Lima.
 - VII—Maioridade—Pedro II. Coroação.
 - VIII—Revolução em S. Paulo e Minas.
 - IX—Guerra contra a Argentina.
 - X—Guerra do Paraguay.
 - XI—Tráfico africano. A escravatura. Extinção da escravatura. Princesa Izabel. José do Patrocinio, Visconde do Rio Branco, Nabuco e outros vultos do movimento da abolição.
 - XII—Republica; sua proclamação. Governo provisório. Benjamin Constant, Silva Jardim, etc., etc.
 - XIII—Historia do Amazonas: descobrimento, estabelecimentos, revoluções; a abolição. Republica.
- Apresentar o ensino de modo assimilavel, banindo a decoraçào de pontos. Evitar os pormenores desnecessarios, incolores, falhos de significação, o rigor das datas e localização. Impressionar fortemente a criança, lançando, para isso, mãos de mappas, objectos, retratos, gravuras, etc.

DESENHO:

Desenho natural: grupos de formas naturaes; de objectos manufacturados; silhuetas. Fructeiras com abacates, cachos de uvas com parras; cestinha com flores; malaeta de viagem; garrafa; faca;

jarra d'água; prato com fatias de melancia, bandeja com copos, vidros, calix, colher, bananas, panellas; vaso com fructas ao lado, etc. Grupo de solidos. Tronco de couve. Perspectiva de um cubo, de uma cadeira, de um livro, de uma mesa, de uma caixa. Regador e instrumentos agricolas. Silhueta de um collega, de um animal, etc. Desenho livre executado em casa para cultivar a imaginação e o gosto artistico. Exercício de adextratamento. Exercício de cartographia. Explicação de escala: sua applicação.

Estudo e differença das côres.

GEOMETRIA:

Revisão do programma do 3.º anno

Quadrilateros: quadrado, losango, rectangulo, parallelogrammo e trapezio. Construcção graphica dos quadrilateros. Areas dos triangulos e dos quadrilateros. Circulo. Circumferencia, ralo, diametro, corda, secante e tangente. Construcção graphica. Noções de polygono regular, apothenus e perimetro. Noção de parallepido, sua base e altura. Estudo da pyramide, do cylindro, do cone, da esphera, comparados entre si e com os solidos.

Problemas.

ARITHMETICA:

Recapitulação e desenvolvimento do programma do curso elementar Numerosos exercicio e problemas

- 1.º—Regras e propriedades de cada uma das operações fundamentaes.
- 2.º—Demonstrações, bem exemplificadas, das propriedades fundamentaes dos numeros.
- 3.º—Systema de numeração; processo da passagem de um a outro systema.
- 4.º—Exercícios sobre as quatro operações, de decimaes.
- 5.º—Idem, sobre as quatro operações de fracções ordinarias.
- 6.º—Razões e proporções. Divisão em partes proporcionaes.
- 7.º—Potenciação.
- 8.º—Radicação; extracção das raizes quadrada e cubica.
- 9.º—Regra de tres, simples e composta (casos facéis).
- 10.º—Regra de companhia, simples e composta.
- 11.º—Regra de juros, simples e composta. Desconto. Termo medio.
- 12.º—Systema metrico, mais desenvolvido.

13.º—Complexos; conversões das unidades antigas em unidades metricas, e vice-versa.

14.º—Cambio; conversão da moeda brasileira ás moedas ingleza, franceza, portugueza, hespanhola, etc.; e vice-versa.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES:

- I—O homem; o corpo humano.
- II—Orgãos da digestão. Conselhos hygienicos sobre a alimentação.
- III—Orgãos da circulação.
- IV—Orgãos da respiração; da transpiração e das secreções e funcções correspondentes.
- V—Estudo summario da pelle (observações com schemas e com estampas, em que o professor explicará sua adherencia com os musculos, sua elasticidade); a funcção da pelle: absorpção, respiração, tacto, suor.
- VI—Raças humanas; sua classificacção.
- VII—Reino animal; ramo, classe, ordem familia.
- VIII—Productos animaes: couro, ossos, chifres, sedas, etc.
- IX—Vegetaes. Noções sobre as grandes divisões do vegetal. A fauna brasileira.
- X—Cultivo dos vegetaes: a germinação; causas que a favorecem e a prejudicam.
- XI—Estudo muito simples sobre o plantio e cultura da seringueira, do cacão, do guaraná, da castanha, do café, do milho, da canna de assucar, do algodão, da batata, dos cereaes, etc.
- XII—Explicar a influencia da luz, do calor, da humanidade, etc. sobre os vegetaes.
- XIII—As madeiras de lei (especialmente do Amazonas) e sua applicação industrial.
- XIV—Experiencias e phenomenos relativos á gravidade e ao som. Calor: fontes e effeitos. Thermometros.
- XI—Luz. Fontes de luz e propagação.
- XVI—Idéias genes sobre corpos simples e compostos. Agua: sua composição: Agua potavel e impotavel. Meias de purificação da agua; filtração e distillação.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA:

- 1.º—A liberdade. O imperio da Lei para garantir e limitar as acções humanas.
- 2.º—O que se entende por licenciosidade. Combate a tudo que offende nos bons costumes.

3.º—A necessidade de firmar e desenvolver os bons hábitos. Condemnação aos vícios. Mostrar os inconvenientes do alcoolismo, do fumo, do jogo, etc.

4.º—As vantagens do trabalho e da ordem. Fazer notar que o progresso humano não se deve aos ociosos, nem aos desordenados.

5.º—As profissões. Porque cada pessoa deve ter a sua profissão e precisa aperfeiçoar-se nos seus misteres.

6.º—A independência individual, ao lado da subordinação à autoridade constituída, ao amor paterno, à gratidão.

7.º—A avareza, porque deve ser condemnada.

8.º—A philantropia; deveres do homem virtuoso em relação aos infelizes.

9.º—A economia bem entendida. O conforto.

10.º—A solidariedade, na família e na escola.

11.º—Que devemos entender por Patria Brasileira.

12.º—A forma de Governo do Brasil. Sentimentos democraticos do nosso povo. A Constituição Federal.

13.º—O Poder Executivo, do Paiz e dos Estados, como se constitue. Os ministerios.

14.º—O Poder Legislativo, do Paiz e dos Estados, como se constitue. Representação.

15.º—O Poder Judiciario, do Paiz e dos Estados, como se constitue.

16.º—Idela de Municipio e de Estado.

17.º—Culto à Bandeira.

18.º—Deveres patrioticos dos brasileiros, durante a paz e durante a guerra.

EDUCAÇÃO PHYSICA:

Desenvolvimento do programma do 3.º anno. Como nos annos anteriores, fiscalização rigorosa do professor, afim de não consentir que os alumnos pratiquem excessos, sempre inadequados á finalidade da educação physica. E' conveniente, entretanto, que os exercicios, nesta parte do curso, sejam executados com a precisa energia, sem perderem a graça que os deve acompanhar. As alumnas não tomarão parte nos exercicios que forem incompatíveis com o seu sexo.

1.º—Marchas lentas e acceleradas.

2.º—Exercicios collectivos com bastões.

3.º—Corridas simples e com obstaculos. Saltos.

4.º—Lucta de tracção de cordas, por dois grupos de alumnos. Gymnastica sueca; applicação dos seus vinte e cinco movimentos: flexão, extensão e rotação da cabeça, tronco e membros.

5.º—Exercicios imitativos de quem nada, rema, racha lenha, corre atraz de uma caça, pesca, etc.

6.º—Jogos gymnasticos (aconselhados pelo professor e ouvido o medico escolar).

7.º—Gymnastica respiratoria.

EDUCAÇÃO HYGIENICA:

1.º—Habitos de sobriedade, em que se reprovem principalmente, os excessos de mesa, pois, os glutões attentam contra a hygiene e os bons costumes.

2.º—Insistir no papel que o ar tem na saúde; como purificar-o. O plantio das arvores, nesse intuito. A serventia do exigente e do azoto.

3.º—Precauções contra a morphea, a tuberculose, a verminose, o impudismo, etc.

4.º—Idem sobre os alimentos deteriorados ou falsificados.

5.º—Combate á pagclança, ás mesinhas confeccionadas pelos curandeiros.

6.º—O dever de chamarmos um medico, quando nos sentimentos doentes.

A educação hygienica, que pôde ser dada na escola, nos intervallos dos recreos, nas passagens das lições, em forma de conselhos, sempre que appareça oportunidade, por isso mesmo que não consta dos respectivos horarios, não se limita a estes pequenos programmas. Deve ir mais longe, com a intuição individual pelo amor á sua saúde e pela melhora collectiva do Brasil. E' isto, tambem, que o mestre precisa levar á convicção do estudante.

TRABALHOS MANUAES:

Desenvolvimento do programma do 3.º anno

1.º—Cantonagem; planificação, corte e collagem de polyedros e diversos objectos, como "cache-pot", caixa com divisões, ornamentadas com papel recortado com figuras, arabescos, etc.

2.º—Applicação do arame, em gaiolas e cestas.

3.º—Modelagem de objectos, fructas, bustos, etc., de facil representação.

4.º—Slojd; trabalhos variados em madeira, como escadas de abrir, porta-vaso, banquinhas etc. "Decoupage".

5.º—Jardinagem.

Aceresce para o sexo feminino:

6.º—Recorte de papel para ornamentação.

7.º—Costuras. Confeccção de roupas brancas.

8.º—Bordados; tricot e filet.

9.º—Trabalhos em rafia.

NOTA:

Os programmas para o Curso Complementar, observados na Escola Modelo, acham-se annexos aos da Escola Normal.

INDICE

	Pag.
Pontos de vista da escola actual	3
O sentido methodologico de cada disciplina :	
Linguagem	6
Leitura e escripta	10
Grammatica (lingua nacional)	15
Geographia	18
Historia patria	20
Desenho	23
Arithmetica	25
Sciencias physicas e naturaes	29
Educação moral e civica	32
Educação physica	35
Educação hygienica	43
Trabalhos manuaes	44
Canto	46
Programmas para :	
Os Jardins da Infancia	51
Curso preliminar	65
Curso elementar (1.º anno)	78
Idem, idem (2.º anno)	85
Idem, idem (3.º anno)	91
Curso médio	101